



**UNIVERSIDADE TIRADENTES
PRÓ-REITORIA DE PÓS-GRADUAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO**

ROSÂNGELA DÓRIA LIMA

**NARRATIVA DE EDUCOMUNICAÇÃO NA FORMAÇÃO TÉCNICO-
PROFISSIONAL DE SERGIPE: UM ESTUDO DE INTERVENÇÃO NA ESCOLA
FAMÍLIA AGRÍCOLA LADEIRINHAS EM JAPOATÃ - SERGIPE**

ARACAJU-2019

ROSÂNGELA DÓRIA LIMA

**NARRATIVA DE EDUCOMUNICAÇÃO NA FORMAÇÃO TÉCNICO
PROFISSIONAL DE SERGIPE: UM ESTUDO DE INTERVENÇÃO NA ESCOLA
FAMÍLIA AGRÍCOLA LADEIRINHAS EM JAPOATÃ- SERGIPE**

Dissertação apresentada como requisito para obtenção de título de Mestre do programa de Pós-graduação em Educação na linha de pesquisa Educação e Comunicação – Universidade Tiradentes.

ORIENTADOR: PROF. DR. Ronaldo Nunes Linhares

ARACAJU-2019

ROSÂNGELA DÓRIA LIMA

**NARRATIVA DE EDUCOMUNICAÇÃO NA FORMAÇÃO TÉCNICO
PROFISSIONAL DE SERGIPE: UM ESTUDO DE INTERVENÇÃO NA
ESCOLA FAMÍLIA AGRÍCOLA LADEIRINHAS EM JAPOATÃ-
SERGIPE**

Dissertação apresentada como requisito para obtenção de título de Mestre do programa de Pós-graduação em Educação na linha de pesquisa Educação e Comunicação Universidade Tiradentes.

Aprovado em: 28/02/2019

BANCA EXAMINADORA



Prof. Dr. Ronaldo Nunes Linhares (PPED/Universidade Tiradentes/Orientador)



Profa. Dra. Sannyia Fernanda Nunes Rodrigues (PGCULT/Universidade Federal do Maranhão/Externo)



Profa. Dra. Vera Maria dos Santos (PPED/Universidade Tiradentes/Interno)

ARACAJU-2019

FICHA CATALOGRÁFICA

L732n Lima, Rosangela Doria
Narrativa de educomunicação na formação técnico-profissional de Sergipe: um estudo de intervenção na escola Família Agrícola Ladeirashas em Japoatã-Sergipe / Rosangela Doria Lima; orientação [de] Prof. Dr. Ronaldo Nunes Linhares – Aracaju: UNIT, 2019.

137 f. il ; 30 cm

Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade Tiradentes, 2019
Inclui bibliografia.

1. Educomunicação. 2. Ensino profissionalizante. 3. Youtube 4. Narrativa I. Lima, Rosangela Doria. II. Linhares, Ronaldo Nunes. (orient.). III. Universidade Tiradentes. IV. Título.

CDU: 37:659.3 (813.7)

My Way

And now the end is near
So I face the final curtain
My friend, I'll say it clear
I'll state my case of which I'm certain
I've lived a life that's full I've traveled
each and every highway
And more, much more than this
I did it my way
Regrets, I've had a few
But then again, too few to mention
I did what I had to do
And saw it through without exception
I planned each charted course
Each careful step along the byway
Oh, and more, much more than this
I did it my way

Yes, there were times, I'm sure you
knew When I bit off more than I could
chew
But through it all when there was
doubt
I ate it up and spit it out
I faced it all and I stood tall
And did it my way
I've loved, I've laughed and cried
I've had my fill, my share of losing
And now as tears subside
I find it all so amusing
To think I did all that
And may I say, not in a shy way
Oh, no, no not me I did it my way

For what is a man, what has he got?
If not himself, then he has naught To
say the words he truly feels
And not the words of one who kneels
The record shows I took the blows
And did it my way
The record shows I took the blows

And did it my way- Elvis Presley

Dedico esse trabalho ao meu marido, Dilson Ramos, meu companheiro de vida.

AGRADECIMENTOS

A Deus pela força e fé para alcançar minhas metas, quando tudo parecia tão distante.

A minha mãe Beatriz por enxergar, em tempos tão difíceis, a importância da Educação na vida dos filhos.

Ao meu marido, Dilson Ramos, por entender as dificuldades que essa escolha representava nas nossas vidas, por dividir comigo os sonhos e uma família. Por ser um parceiro que não mediu esforços para que eu pudesse chegar até aqui.

A minha filha Fernanda Luyza, pelas palavras de apoio em momentos de fraqueza e muito cansaço e ao meu filho Dilson Dória por entender as ausências nesse caminho.

Aos meus familiares por compreenderem minha escolha

Ao professor Ronaldo Linhares por me apresentar o mundo da pesquisa, por acreditar que seria possível, por emprestar os ouvidos para minhas lamúrias, por nunca ter desistido de mim e por querer que todos cresçam ao redor dele. É bonito de se ver. Sem ele, nenhum passo teria sido dado.

A minha amiga, Valéria Freire pela ajuda, pelas palavras de incentivo, pela colaboração na minha caminhada e pelas mãos sempre estendidas

A Caio Guimarães, amigo, parceiro de trabalho e meu orientador das tardes de domingo

A Daniel Bramo, Rafael Andrade e Rita de Cássia que me ajudaram a tirar as pedras do caminho e viraram parceiros que quero sempre por perto.

Ao chefe/amigo Marcos Aurélio por compreender a importância desse projeto na minha vida e criar pontes na minha caminhada.

A maioria dos alunos, funcionários e professores da EFAL que me acolheram tão bem nessa jornada.

Aos professores Robson Santos e Wagner dos Santos pela disponibilidade de auxiliar na pesquisa.

Aos especialistas que dedicaram seu tempo para colaborar com este estudo

Enfim, a todos que de alguma forma ajudaram a construir esse projeto.

RESUMO

Esta dissertação tem como objetivo avaliar de que forma as práticas de Educomunicação, especificamente a produção audiovisual, podem contribuir para a melhoria dos processos de formação de jovens estudantes do ensino profissionalizante da Escola Família Agrícola Ladeiras (EFAL), em Japoatã, Sergipe. Como objetivos específicos propomos: mapear se/como os jovens estudantes da EFAL utilizam as mídias na aprendizagem no cotidiano da escola; aplicar oficinas de produção de vídeo para os estudantes da EFAL; descrever a trajetória dos estudantes durante as oficinas, identificando dificuldades e avanços nas competências de produção e competências discursivas; identificar que competências do letramento midiático foram adquiridas pelos estudantes e avaliar os produtos produzidos pelos estudantes. Partimos do pressuposto de que o deslocamento da audiência da televisão para a internet por parte da população jovem e o crescimento no número de jovens consumidores e produtores de conteúdo audiovisual na plataforma Youtube é resultado da busca por identidade ou várias identidades que abriguem os multifacetados aspectos da personalidade da parcela da população entre os 18 e 24 anos. A Educomunicação, presente nesse estudo pode ser a porta de entrada para práticas de produção de vídeo dos estudantes nos períodos de alternância para auxílio e contribuição na aprendizagem. A pesquisa envolveu 37 alunos na produção, gravação e publicação dos vídeos no Youtube, 04 professores no auxílio das gravações, 03 especialistas e 03 professores convidados para a avaliação final dos vídeos. É um estudo qualitativo numa pesquisa-ação investigação em que foram avaliados pelos sujeitos os produtos, resultado das oficinas, com análise realizada através de grupo focal e tabulação de dados com auxílio do software WebQda. Os alunos aprovaram as experiências e reconheceram os resultados alcançados com elas. Professores tiveram participação considerada muito tímida e poucos se dispuseram a colaborar. Docentes e especialistas avaliaram os vídeos com critérios de qualidade técnica para elementos como: vinheta, áudio, enquadramento, iluminação e narrativa. Os alunos participaram de oficinas para aquisição de competências e habilidades, nas áreas de gravação de vídeo, captação de áudio, edição de vídeo, além de noções de enquadramento e iluminação. Foram trabalhados conceitos de mediação (Barbero), Identidades (Kellner), Educomunicação (Soares), Multiletramentos (Rojo) e Extensão e Comunicação (Paulo Freire).

Palavras-chave: **Educomunicação. Ensino profissionalizante. Youtube. Narrativas**

ABSTRACT

This dissertation aims to evaluate how the practices of Educommunication, specifically audiovisual production, can contribute to the improvement of processes in the training of young students of the vocational education of the Escola Família Agrícola Ladeiras (EFAL) in Japoatã, Sergipe. As specific objectives we propose: mapping if / how young EFAL students use media in learning in the daily life of the school; apply video production workshops for EFAL students; to describe the trajectory of students during the workshops, identifying difficulties and advances in production skills and discursive skills; identify which media literacy skills were acquired by the students and evaluate the products produced by the students. We start from the assumption that the displacement of the television audience to the internet by the young population and the growth in the number of young consumers and producers of audiovisual content on the Youtube platform is a result of the search for identity or various identities that shelter the multifaceted aspects of the personality of the population between the ages of 18 and 24. Educommunication, present in this study can be the gateway to video production practices of students in periods of alternation for aid and contribution in learning. The research involved 37 students in the production, recording and publication of the videos on Youtube, 04 teachers in support of the recordings, 03 experts and 03 teachers invited for the final evaluation of the videos. It is a qualitative study in a research-based research where the subjects evaluated the products, the results of the workshops, with analysis performed through a focus group and tabulation of data using the WebQda software. The students approved the experiences and acknowledged the results achieved with them. Teachers had considered participation very shy and few were willing to collaborate. Teachers and experts evaluated the videos with criteria of technical quality for elements such as: vignette, audio, framing, lighting and narrative. The students participated in workshops to acquire skills and abilities in the areas of video recording, audio capture, video editing, and framing and lighting notions. The concepts of mediation (Barbero), Identities (Kelnner), Educommunication (Soares), Multiletramentos (Rojo) and Extension and Communication (Paulo Freire) were elaborated.

Keywords: Educommunication. Vocational education. YouTube. Narratives.

LISTA DE SIGLAS

ALFIN	Alfabetização Informacional
AMEFAL	Associação Mantenedora da Escola Família Agrícola de Ladeirinhas
APL	Arranjos Produtivos Locais
BDTD	Biblioteca Digital de Teses e Dissertações
CAPES	Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior
CCPA	Colégio de Ciências Pura e Aplicada
CODEVASF	Companhia De Desenvolvimento Do Vale São Francisco
EFAL	Escola Família Agrícola Ladeirinhas
EMBRAPA	Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária
EMDAGRO	Empresa de Desenvolvimento Agropecuário de Sergipe
FAPITEC	Fundação de Apoio à Pesquisa e à Inovação Tecnológica do Estado de Sergipe
GECES	Grupo de Pesquisa em Educação, Comunicação e Sociedade
IBGE	Instituto Brasileiro de Estatística e Geografia
IFS	Instituto Federal de Sergipe
INAF	Indicador de Analfabetismo Funcional

MPA	Movimento dos Pequenos Agricultores
MST	Movimento dos Sem Terra
NCT&IEB	Núcleo de Inovação e Criatividade
ONG's	Organizações não governamentais
PAIS	Produção Agroecologia Integrada e Sustentada
PPJ	Projeto Profissional Jovem
PBM	Pesquisa Brasileira de Mídia
PT	Partido dos Trabalhadores
PSL	Partido Social Liberal
RCAAP	Repositório Científico de Acesso Aberto de Portugal
SEAGRI	Secretaria de Estado da Agricultura, Desenvolvimento Agrário e da Pesca
SECOM	Comunicação da Presidência da República
SEED	Secretaria da Educação do Estado de Sergipe
SCIELO	Scientific Electronic Library Online
UFS	Universidade Federal de Sergipe
UNEFAB	União das Escolas Famílias Agrícolas do Brasil
UNESCO	Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura
TDIC	Tecnologias digitais de informação e comunicação

UNIT

Universidade Tiradentes

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 -	A autora e a professora Conceição.....	17
Figura 2 -	Capa do livro “Mamãe Sabugueiro” e “A menina que pisou no pão”.....	18
Figura 3 -	Instalações da EFAL.....	30
Figura 4 -	Mapa dos municípios onde os estudantes residem.....	32
Figura 5 -	Trajeto entre SEED e EFAL.....	33
Figura 6 -	Disciplinas do currículo da EFAL.....	33
Figura 7 -	Áreas externas da escola, laboratório e biblioteca.....	35
Figura 8 -	Notícia da Folha de São Paulo.....	51
Figura 9 -	Reportagem do Portal G1.....	51
Figura 10 -	1º e 2º edição do jornal da EFAL.....	68
Figura 11 -	Proposta para a Rede de Telecomunicação da EFAL.....	69
Figura 12 -	Imagem do Instagram de dois alunos da EFAL.....	86
Figura 13 -	Nuvem de palavras do Grupo Focal.....	89
Figura 14 -	Capa do canal da EFAL No Youtube.....	90
Figura 15 -	Vídeo 5 – Armazenamento das acerolas.....	92
Figura 16 -	Vídeo 13 – Coleta de fungos na mata.....	93
Figura 17 -	Vídeo 6 – Festejos juninos da EFAL.....	94
Figura 18 -	Vídeo 21 – Anúncio de uma nova fase do canal.....	95
Figura 19 -	Vídeo 1 – Apresentação do canal do Youtube.....	106
Figura 20 -	Imagem em PDF da avaliação feita no webQDA.....	107
Figura 21 -	Vídeo 23- Conheça nossa querida EFAL.....	108
Figura 22 -	Imagem em PDF da avaliação feita no webQDA.....	109

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 -	Falas dos professores.....	36
Quadro 2 -	Estado da Arte: Especificação do corpus da pesquisa de trabalhos.....	56
Quadro 3 -	Critérios de inclusão e exclusão.....	58
Quadro 4 -	Oficina 1: Conceito e tipos de mídias.....	62
Quadro 5 -	Oficina 2: Gramáticas da Comunicação.....	63
Quadro 6 -	Oficina 3: Técnicas de roteirização, entrevista e edição.....	64
Quadro 7 -	Oficina 4: Gravação de vídeos.....	65
Quadro 8 -	Oficina 5: Técnicas de gravação.....	65
Quadro 9 -	Oficina 6: Vídeos.....	66
Quadro 10 -	Oficina 7: Primeiro jornal impresso da EFAL.....	67
Quadro 11 -	Oficina 8: Debate sobre a proposta da Rede de Telecomunicação da EFAL.....	70
Quadro 12 -	Oficina 9: Programação da Rádio EFAL.....	71
Quadro 13 -	Cinco propostas de programas para a rádio.....	72
Quadro 14 -	Oficina 10: Elaboração de roteiro para o programa da rádio.....	72
Quadro 15 -	Modelo de roteiro.....	73
Quadro 16 -	Oficina 11: Atividade de reflexão sobre o programa da rádio.....	73
Quadro 17 -	Oficina 12: Escolha e edição dos vídeos para o canal do YouTube.....	75
Quadro 18 -	Oficina 13: Debate sobre Fake News/Caso Marielle.....	76
Quadro 19 -	Oficina 14: Elaboração de roteiros com conteúdos da escola.....	77
Quadro 20 -	Oficina 15: Autoavaliação dos vídeos produzidos para o canal.....	77
Quadro 21 -	Competências técnicas.....	85
Quadro 22 -	Depoimentos dos alunos – Para a vida.....	87
Quadro 23 -	Depoimentos dos alunos- palavras positivas e negativas.....	88
Quadro 22 -	Notas dos vídeos.....	112

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1 -	Categorias do Grupo Focal.....	84
Gráfico 2 -	Avaliação de conteúdo dos vídeos.....	91
Gráfico 3 -	Avaliação dos especialistas.....	101
Gráfico 4 -	Avaliação dos professores.....	103
Gráfico 5 -	Avaliação geral dos vídeos.....	110

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 -	Consumo de mídia.....	42
Tabela 2 -	Consumo de mídia de jovens dos 18 aos 24 anos.....	42
Tabela 3 -	Consumo de TV de jovens dos 18 aos 24 anos.....	43
Tabela 4 -	Consumo de TV de jovens dos 16 e 17 anos.....	43
Tabela 5 -	Consumo de TV de jovens dos 18 aos 24 anos.....	44
Tabela 6 -	Consumo de Internet.....	44
Tabela 7 -	Local de Acesso à Internet.....	44
Tabela 8 -	Tecnologia de acesso à Internet.....	44
Tabela 9	Horários disponíveis pela Rádio Japoatã.....	71

SUMÁRIO

SESSÃO I - INTRODUÇÃO.....	17
1.1 O ovo ou a galinha?.....	17
1.2 A primeira leitura a gente nunca esquece.....	17
1.3 A geração da TV dos anos 70.....	18
1.4 As primeiras salas de aula e as experiências com Educação e Comunicação.....	19
1.5 O encontro com o Campo da Pesquisa.....	22
1.6 A definição do tipo de pesquisa.....	24
1.7 Questão problema.....	24
1.8 Objetivos.....	24
1.9 Estrutura da Dissertação.....	26
SESSÃO II - METODOLOGIA DA INTERVENÇÃO – O ESPAÇO, OS SUJEITOS E AS OFICINAS.....	28
2.1 O Núcleo de Inovação e Criatividade como campo de pensar as oficina.....	28
2.2 A Escola.....	29
2.3 Primeira visita e muita expectativa.....	34
2.4 Mão na massa – As primeiras impressões sobre os alunos da EFAL enquanto sujeitos de consumo de mídias.....	37
2.5 A oficina e a mudança de rota.....	38
SESSÃO III - ATANDO OS FUNDAMENTOS TEÓRICOS.....	41
3.1 A Educomunicação.....	41
3.2 Uma TV que resiste aos encantos da Internet.....	42
3.3 Uma internet que começa a ameaçar a TV.....	47
3.4 A importância dos letramentos multimidiáticos na escola.....	49
3.5 Da sala de aula às mídias: alguns estudos sobre a relação dos meios de comunicação com a Educação.....	53
SESSÃO IV - ATANDO OS NÓS DA TEORIA E PRÁTICA. AS OFICINAS E A CONSTRUÇÃO DOS ESPAÇOS DE IDENTIDADE NA RELAÇÃO EDUCAÇÃO E COMUNICAÇÃO.....	59
4.1 O jornal impresso em sala de aula.....	59
4.2 Modelos das oficinas: estruturação e planejamento.....	61
4.3 O jornal da EFAL.....	68
4.4 Proposta de temas para o programa da rádio Japoatã.....	71
4.5 Avaliação de um caminho percorrido.....	74
SESSÃO V - RESULTADOS: ORGANIZAÇÃO DOS DADOS E ANÁLISE DO CANAL DE VÍDEO.....	78
5.1 Avaliação do canal do Youtube.....	89
5.2 Análise técnica dos vídeos postados no canal da EFAL no Youtube.....	96
5.3 Avaliação geral dos vídeos - professores, especialistas e alunos.....	97
5.4 Primeira análise dos vídeos – autoavaliação dos alunos.....	97
5.5 Segunda e terceira análise dos vídeos – professores e especialistas.....	98
5.6 Comentários e sugestões de professores e especialistas.....	104
5.7 Quarta análise – avaliação da pesquisadora.....	105
6 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	114

REFERÊNCIAS.....	118
APÊNDICE A – QUESTIONÁRIO DE INDICADORES.....	123
APÊNDICE B – JORNAL REDE EFAL DE COMUNICAÇÃO 1 e 2 EDIÇÕES.....	128
APÊNDICE C – ROTEIRO DA RÁDIO.....	130
APÊNDICE D – FALAS DOS PROFESSORES E ESPECIALISTAS SOBRE OS VÍDEOS AVALIADOS.....	131
APÊNDICE E – DEPOIMENTOS DOS ALUNOS - COMPETÊNCIAS IDENTIDÁRIAS.....	132
APÊNDICE F – PERGUNTAS GRUPO FOCAL.....	135
APÊNDICE G – BUSCA EM REPOSITÓRIOS.....	136

1. SESSÃO I – INTRODUÇÃO

1.2. O ovo ou a galinha?

O pensamento universal que busca desvendar quem nasceu primeiro, se o ovo ou a galinha, é também um dilema que se encaixa na minha trajetória de vida. Afinal, quem despontou primeiro? A professora ou a jornalista? Os livros me atraíram logo cedo. A Educação e a Comunicação estão ligadas em mim por uma linha tênue e nem sempre consigo diferenciar quem sou. Essa na foto sou eu aos oito anos de idade num dia qualquer de 1974, na Escola Estadual Galileu Menon, na zona Norte de São Paulo.

Figura 1 - A autora e a professora Conceição



Fonte: Arquivo pessoal

Essas fotos eram comuns na época. Era preciso estar com uniforme impecável e cabelos bem arrumados. Lembro-me das recomendações e desse dia como poucos na minha vida. A gente podia escolher: fazer a foto sozinha ou convidar alguém. Eu escolhi a professora Conceição.

1.3. A primeira leitura a gente nunca esquece

Devo à professora Conceição meu encantamento pelo Português e minha primeira leitura, “A menina que pisou no pão”, da coleção Mamãe Sabugueiro, da série Contos de Hans Christian Andersen. A história que aguçou minha curiosidade também causou enorme desconforto, já que falava de uma menina arrogante, que entre

tantas atitudes reprováveis, decidiu, ao carregar um pão, fazê-lo de tapete a fim de não sujar os pés na lama que teria que atravessar.

Figura 2 - capa do livro “Mamãe Sabugueiro” e “A menina que pisou no pão”



Fonte: Sítio Traca¹.

1.4. A geração da TV dos anos 70

Esse relato mostra o quanto narrativas constituídas de imagens e textos podem marcar a vida de crianças e adolescentes, principalmente na idade escolar. Na minha infância, esse era o principal contato com a leitura, mas não com as formas de linguagem. Ao lado da leitura, outro mundo de imagens, com um ‘arco-íris de novidades’ chegava pelos aparelhos de TV. Pertencço à geração da televisão de válvula, ainda em preto e branco, que apostava numa programação recheada de desenhos animados e séries geralmente americanas que contavam histórias fantásticas sobre outras realidades, a exemplo de ‘Terra de Gigantes’² e ‘Star Trek’³.

A TV dos anos 70 dedicava parte da programação ao público infantil. Nela, também estavam alguns personagens da literatura brasileira, a exemplo de Narizinho e Emília, figuras da obra do escritor brasileiro Monteiro Lobato, que teve o livro

¹ Disponível em: <<https://www.traca.com.br/livro/628669/>>. Acesso em: 15 de nov. de 2018.

² Série americana criada e produzida pelo diretor Irwin Allen entre os anos de 1968 a 1960. Chegou ao Brasil em 1969 e foi exibida pela TV Record até 1971, na TV Globo entre 1972 a 1979 e na TV Bandeirantes, entre 1981 a 1984. Disponível em: <<http://www.adorocinema.com/series/serie-7338/>>. Acesso em: 20 de dez. de 2017.

³ Série americana criada por Gene Roddenberry. Foi exibida entre setembro de 1966 a junho de 1969 no Brasil pela TV Excelsior, TV Bandeirantes, TV Record e TV Manchete. Disponível em: <<http://infantv.com.br/infantv/?p=8867>>.. Acesso em: 20 de dez. de 2017.

adaptado para a televisão em 'O Sítio do Pica-Pau Amarelo', exibido na TV Globo entre 1977 a 1986 e Pluft, o Fantasminha, a primeira produção feita para o público infanto-juvenil realizada em cores no Brasil. Foi uma adaptação da peça infantil homônima da escritora Maria Clara Machado⁴, exibida entre 01 de abril a 01 de maio de 1975. Ao longo da infância e adolescência, fui me deparando com outras narrativas, a exemplo de 'Vinte Mil Léguas Submarinas', de Júlio Verne, ou ainda mais tarde, já na 8ª série do antigo ensino ginasial, com 'O Cortiço', de Aluísio de Azevedo, e 'Dom Casmurro' de Machado de Assis, alguns dos clássicos da literatura brasileira adotados nas escolas e de leitura obrigatória.

1.5. As primeiras salas de aula e as experiências com Educação e Comunicação

Eram os anos 70 e eu nem de longe me imaginava professora. O gosto pela leitura e pela escrita me levou ao curso de Letras da Universidade Federal de Sergipe (UFS), nos anos de 1980, e essa formação me encaminhou às salas do ensino privado de Aracaju. As aulas eram no ensino fundamental, da 5º à 8º séries, como se denominava à época. Ensinava Redação, Literatura e Língua Portuguesa e nunca entendi por que essas disciplinas eram disponibilizadas de forma separada. Como falar sobre temas de Redação sem a discussão da Língua Portuguesa ou mesmo da Literatura? Fui professora nos colégios Patrocínio de São José, no Colégio de Ciências Pura e Aplicada (CCPA) e também no Amadeus, os três, escolas particulares, em Aracaju-Sergipe e acredito que a comunicadora sempre esteve comigo em sala de aula.

No CCPA, nos anos de 1990, trabalhei com revistas em quadrinhos e jornais. Os estudantes do colégio liam muito gibis, principalmente 'As histórias da Turma da Mônica'. As revistas ficavam na biblioteca da escola e eram lidas na hora do recreio ou nos intervalos. Nada oficializado nas aulas como programa pedagógico, já que a escola mantinha uma programação pré-determinada para as disciplinas e livros adotados previamente, no início do ano letivo para serem usados em sala de aula. O

⁴ Uma produção da Rede Globo em colaboração com a TV Educativa. Era exibida duas vezes por semana, às 18h30 e os capítulos tinham duração de 30 minutos. Disponível em: <<http://memoriaglobo.globo.com/programas/entretenimento/infantojuvenis/pluft-o-fantasminha.htm>>. . Acesso em: 15 de jan. de 2018.

livro de gramática era obrigatório, mas quase nunca era usado nas turmas onde eu ensinava. Eu não achava que estudar verbo de isolada, fora de contexto, por exemplo, pudesse ajudar na compreensão das normas gramaticais, e a prática como professora sempre me mostrou isso.

O assunto proposto era cumprido, mas de uma forma que os alunos pudessem assimilar melhor, sem a famosa 'decoreba'. Fui percebendo, sem nenhum conhecimento de pesquisadora, ainda, que os alunos passavam a entender textos e regras da gramática quando os assuntos eram estudados nas reportagens de jornal impresso sem a "descontextualização" feita na época e por vezes ainda hoje pelos livros didáticos ao apresentarem uma notícia de jornal ou uma peça publicitária.

Geralmente nos livros, uma reportagem é isolada e ganha um 'recorte' que deixa de fora elementos necessários para uma adequada avaliação, a exemplo de localização do material nas páginas, perfil editorial da publicação e outras características que ajudem na avaliação do jornal ou revista como um produto de mídia e suas devidas propostas e intencionalidades. Não conhecia até então nenhum autor que falasse sobre a Educação e Comunicação e não fazia ideia de como essa relação poderia se configurar posteriormente.

Ingressei no curso de Comunicação Social em 1989, na Antiga Faculdade Tiradentes e durante um ano, cursei as duas graduações: Letras, na Universidade Federal de Sergipe (UFS), e Jornalismo, na Universidade Tiradentes (Unit). No colégio Amadeus, ensinava Redação do 1º ao 3º ano do ensino médio e nas turmas usei o jornal impresso, com a seção de 'Cartas ao Leitor' para trabalhar o texto argumentativo, outra experiência que levou a Comunicação para a sala de aula. Nas cartas encaminhadas aos jornais, moradores de vários bairros denunciavam problemas das comunidades solicitando providências por parte, ora da prefeitura de Aracaju, ora do governo de Sergipe.

A internet, que surgiu no Brasil a partir da década de 90, só teve o início de sua comercialização por volta de 1994, mas ainda muito restrita. Nas escolas por onde passei, o acesso a conteúdos digitais não tinha chegado; não havia computadores nem internet e todas as atividades eram feitas em cartolinas. Também no Amadeus, foi criado um jornal na minha disciplina de Redação, feito pelos alunos do 1º ano do ensino médio, que era colocado no mural dos corredores e servia para a comunicação dos estudantes. Era de aluno para aluno e a escola não se envolvia nos assuntos apresentados. Ali estavam os estudantes representados com suas linguagens e

manifestações num espaço de interação social, assumindo novas competências de como se comunicar entre os pares e para os pares. Como define Paulo Freire (2013, p. 88), “[...] na comunicação, não há sujeitos passivos. Os sujeitos cointencionados ao objeto de seu pensar se comunicam seu conteúdo”.

Na decisão da escolha dos assuntos, os alunos assumiram autoria e responsabilidades sobre o conteúdo publicado. Apesar de o jornal estar num espaço escolar, restrito, com um público bem definido, não deixava de ser um local público, para além da sala de aula. Debateu-se a ética envolvida no processo de escolha, produção e divulgação das informações, numa relação como a que ocorre numa edição de um jornal comercial. Pedi que todos assinassem as matérias, o que mudou o olhar de cada um sobre seu produto. A partir da identificação na publicação, percebi maior cuidado com os textos, havendo várias revisões e uma preocupação com o material que passava a ganhar identidade. Não era apenas um jornal escolar; era o jornal dos meninos do 1º ano, como assim se referiam à publicação.

No jornal, estavam poemas feitos pelos estudantes, recados sobre datas de trabalhos, indicação de leitura e alguns tímidos textos sobre os mais variados assuntos que tinham sido resultado das aulas de Redação. Eram os anos de 1990, e ainda era o mimeógrafo que ‘rodava’ os poucos exemplares do jornal; no máximo dez, mas a publicação atraía os estudantes afoitos por novidades de uma famosa coluna social. Afinal, era a ‘rede social’ que se tinha na época para as novidades que tomavam conta dos corredores da escola.

Ainda era a professora-jornalista que tentava unir as duas pontas de um mundo a ser descoberto. As escolas particulares por onde passei sempre foram rígidas em relação ao currículo e ao material didático. Não havia um planejamento nem uma proposta pedagógica em relação à Comunicação e Educação, no entanto, muitas vezes uma coordenação mais flexível abria as possibilidades de discussão para algo um pouco ‘diferente’ nas salas e as atividades eram autorizadas como algo extra, desde que se cumprisse todo o planejamento proposto no início do ano.

Ao começar na função de repórter na TV Atalaia, afiliada do Sistema Brasileiro de Televisão (SBT), em Aracaju, em 1990, acabei me afastando das salas de aula e passei a exercer exclusivamente a atividade de jornalista. Durante o período, trabalhei ainda em emissoras de rádio, como redatora de noticiário matinal e jornal impresso na função de revisora. E assim foi por 15 anos, nas funções de repórter de telejornal, coordenadora e diretora de Jornalismo de algumas emissoras de televisão comerciais

abertas, fechadas (por assinatura) e educativa, em Aracaju.

1.6. O encontro com o Campo da Pesquisa

No período em que fiquei fora da sala de aula, na função de jornalista, integrei a equipe que cuidou de um projeto de inclusão digital com avançado aparato tecnológico para ação social. Em 2005, fui convidada para assumir o projeto 'Sergipe Digital', na Secretaria de Estado de Combate à Pobreza, da Assistência Social e do Trabalho, hoje Secretaria de Estado da Inclusão, Assistência e Desenvolvimento Social do governo de Sergipe.

A proposta era um "*projeto de inclusão social para informar, educar, comunicar, orientar e capacitar a distância*"⁵. Usava a tecnologia como ferramenta, por meio de sistema de som, pequenos aparelhos de rádio (receptores de frequência) e portal de internet. Tinha como público alvo servidores da própria secretaria e as comunidades vulneráveis atendidas por projetos sociais do governo⁶.

Os aparelhos de rádio eram colocados nas chamadas 'Casas de Família', locais para realização de oficinas e cursos para jovens e idosos, e transmitiam num canal exclusivo, a programação feita especialmente para o público atendido no projeto.

Nesse instante, mesmo que não percebesse, estava de volta ao mundo da Educação e da Comunicação. Com a experiência do Sergipe Digital, conheci o responsável pedagógico pelo projeto, professor Ronaldo Linhares, que me acompanhou na consultoria das oficinas realizadas com crianças e adolescentes. O Sergipe Digital 'patinou' nos problemas burocráticos e técnicos e viveu por apenas um ano⁷.

O tempo foi pouco para o amadurecimento do trabalho, mas me garantiu enxergar, que algumas experiências da época com o rádio, poderiam ser consideradas educomunicativas por conta do processo que se estabelecia entre os conteúdos da escola formal e a produção de uma experiência que se formava a partir

⁵ A descrição consta na proposta do projeto original do Sergipe Digital.

⁶ Atendia as comunidades do bairro Santa Maria e dos conjuntos Bugio e João Alves.

⁷ O projeto foi encerrado no início de 2006. Contemplou a capacitação de jovens e idosos assistidos pelas Casas da Família; as oficinas de rádio; a gravação de programa no estúdio, a produção de conteúdo feita pelos estudantes para os programas exibidos nesses locais e a exibição interna da programação na secretaria. Foi encerrado oficialmente quando não houve a efetivação da parceria entre o governo de Sergipe e a Rádio Ilha FM para a execução dos programas nos 100 aparelhos receptores. Seria utilizada a subportadora AM da rádio, sem uso na época, para a transmissão do sinal para o público.

dos diálogos dos jovens com as práticas de Educação e Comunicação. Soares (1998, s/p.) afirma que a Educomunicação pode ser encontrada: “na mídia, no terceiro setor, na escola formal e em muitos outros espaços. Talvez seja devido a tantas perspectivas e possibilidades, que a Educomunicação não diz respeito só à escola formal e sim à sociedade”.

Da experiência sobrou a certeza do interesse pelo tema Educação e um convite para ingressar no Grupo de Pesquisa em Educação, Comunicação e Sociedade (GECES) que começava a dar os primeiros passos no programa de Pós-Graduação da Unit, em 2002. Estava eu começando na condição que Rosa Fischer (2006) chamou de ‘experiência híbrida’: eu era a comunicadora, jornalista, educadora e pesquisadora.

O exercício com as práticas diárias no Jornalismo nas emissoras de televisão e as leituras iniciais para a compreensão de formas de consumo de mídia facilitaram minha caminhada. Mas a convivência com a lógica na produção das notícias no rádio e na TV necessitava de um estudo aprofundado para consolidar a parceria da Comunicação com a Educação enquanto campos de estudo. Era preciso olhar mais atentamente para minha trajetória nas duas profissões, entender as partes desse mosaico e definir os passos a serem seguidos.

Para isso, foi de fundamental importância o papel do GECES para que eu pudesse ter acesso a uma literatura qualificada e tudo mais que um grupo de pesquisa pode garantir a quem estava começando uma trajetória na pesquisa. O Mestrado na área de Educação seria um passo importante para a consolidação dessas escolhas.

Apesar de pouco ou quase nada se discutir sobre a presença da Comunicação nas escolas, sempre me inquietou o silêncio que durante anos existiu nos espaços da Educação e Comunicação e na relação entre esses dois mundos que: “[...] apesar de operarem segundo lógicas distintas, os dois sistemas estão em relação frequente, possuindo laços de dependência. (MELO; TOSTA, 2008, p. 11). Era chegada a hora de ‘vestir’ a roupa da pesquisadora e partir para conhecer esse campo ainda cheio de indagações.

Nascia a pesquisa: Narrativa de Educomunicação na formação técnico profissional de Sergipe: um estudo de intervenção na escola Família Agrícola Ladeiras (EFAL) em Japoatã, Sergipe.

1.7. A definição do tipo de pesquisa

Para atender às propostas do perfil da pesquisa que trabalharia com a realização de oficinas práticas, com reordenamento das ações e inserção de correções ao longo do processo, o caminho foi a pesquisa qualitativa do tipo ação/intervenção.

Para Amado (2013), torna-se, pois, necessário, conceber uma relação dialética entre os dois momentos, que não se confundem, mas se alimentam mutuamente da investigação sobre um determinado problema diagnosticado em contexto social (caráter situacional) que abre espaço para uma intervenção ou ação para resolver o problema e transformar a situação anterior e possibilita novamente a reflexão para produzir conhecimento acerca dessa mesma transformação (caráter autoavaliativo).

A escolha do tipo de pesquisa sedimentou a proposta estudada e pensada para a EFAL:

1. Realização de oficinas, orientando os estudantes na elaboração de produtos, a exemplo de jornais, programas de rádio e produção de vídeo, (re) avaliando-os, (re) organizando-os e (re) configurando-os.
2. Avaliação dos resultados das oficinas na formação dos alunos, nas práticas e nos produtos construídos por eles.

1.8. Questão problema

Assim, a questão problema que se constitui neste fazer contínuo é: de que forma as práticas de educomunicação, especificamente a produção audiovisual podem contribuir para a melhoria dos processos de aprendizagem na formação de jovens estudantes do ensino profissionalizante da Escola Agrícola de Ladeirinhas?

Para responder a esta questão, estabelecemos como **principal objetivo**:

1.9. Objetivos

Geral:

Analisar se/e de que forma a produção de vídeos contribui para a formação de jovens estudantes do ensino técnico profissionalizante da EFAL nas competências educacionais

Específicos:

- A. Mapear se/como os jovens estudantes da EFAL utilizam as mídias na

- aprendizagem no cotidiano da escola;
- B. Aplicar oficinas de produção de vídeo para os estudantes da EFAL;
 - C. Descrever a trajetória dos estudantes durante as oficinas, identificando dificuldades e avanços nas competências de produção e competências discursivas;
 - D. Identificar que competências do letramento midiático foram adquiridas pelos estudantes;
 - E. Avaliar os produtos produzidos pelos estudantes.

Uma das propostas das oficinas de mídia foi fazer com que os alunos pudessem desenvolver competências para analisar, consumir e criar produtos de mídia de uma forma consciente e representativa de sua identidade sócio-cultural e educativa. Mas para isso, foi necessário conhecer as lógicas de funcionamento dos veículos, a linguagem usada, as técnicas adotadas para atrair o telespectador, o ouvinte, o usuário, critérios da decisão na hora de se escolher a informação, a decisão editorial na pauta das notícias, o recorte das informações, os caminhos para se investigar a veracidade de uma notícia, a identificação dos elementos que compõem a narrativa do audiovisual no Telejornalismo e os elementos do Radiojornalismo, as estratégias de divulgação das redes sociais e a diferenciação entre os modelos tradicionais de mídia e os novos canais emergentes das tecnologias e da internet.

Buckingham (2003) ressalta que a reflexão sistemática dessas experiências pode contribuir para que os autores desenvolvam uma compreensão de como atuam as indústrias da mídia tradicional. Dotar os estudantes de uma percepção mais criteriosa em relação aos meios de comunicação contribui para o exercício da cidadania, porque um indivíduo bem informado tem maior poder de escolha e capacidade de decisão na hora de consumir informação, independente da natureza do veículo.

Foi necessário traçar um modelo 'flexível', compatível com o perfil de uma pesquisa de ação/intervenção, dentro da estrutura do planejamento pensado e apresentado para a EFAL com etapas de um processo moldado com iniciativas dos dois lados: do pesquisador e dos sujeitos, professores e alunos colaboradores. Como lembra Bodgan (1994, p. 49), quando cita uma das características da pesquisa intervenção, ao falar que os investigadores qualitativos se interessam mais pelo processo do que simplesmente pelo produto. Talvez seja pela proximidade do objeto

em estudo, mas isso não invalida de forma alguma a importância e o peso do resultado final do processo.

1.10. Estrutura da Dissertação

Eu escolhi narrar minha própria experiência aqui representada e é necessário explicar que o texto vai além da narrativa científica; é um campo de encontro de várias outras narrativas; de vários atores: a minha, a dos sujeitos envolvidos na pesquisa e algumas outras narrativas postas ao longo do caminho da investigação. Não se trata de uma narrativa epistemológica; é uma narrativa plural e múltipla, de uma ação coletiva, num processo de aprendizagem também coletivo que se apresenta num caminho de ir e vir dentro de uma intervenção.

Inserida no papel de comunicadora, jornalista, educadora e pesquisadora, escrevo em primeira pessoa na maior parte do tempo, por me colocar e me compreender dentro de vários ângulos dessa caminhada, em diferentes lugares, lembrando que essa fala se estenderá por outras sessões.

Eu mesma me reconstruí dentro do processo da intervenção, considerando minha participação como tutora de conteúdo compartilhado e (re)organizado a todo instante para e com os sujeitos da pesquisa. É sem dúvidas, uma das mais ricas experiências que já vivi nesse encontro de ações nos campos da Educação e Comunicação.

A dissertação está estruturada em cinco sessões: na introdução, são apresentados meu encontro com a pesquisa, um recorte da história da TV dos anos 70, as primeiras experiências com Educação e Comunicação, a questão problema da pesquisa, a justificativa do estudo com explanação dos objetivos geral e específicos e o percurso metodológico.

Na segunda sessão descrevo o percurso metodológico, iniciado com a importância do Núcleo de Inovação e Criatividade do GECES com suas contribuições para esta pesquisa, apresentação do lócus da pesquisa, sujeitos da investigação, a proposta das oficinas e os critérios metodológicos.

Na terceira sessão estão as bases teóricas da investigação, o processo de revisão sistemática, principais conceitos da Educação, Comunicação e Educomunicação. O papel da televisão na vida dos brasileiros, o consumo de TV e internet, a preferência dos jovens em relação às mídias, o crescimento do Youtube como canal de produção audiovisual, conceitos de letramentos e multiletramentos e a

relação com a escola.

Na quarta sessão estão as etapas das oficinas realizadas, com os conceitos de identidade trabalhados com os sujeitos, os produtos confeccionados: jornais impressos e a criação do canal do Youtube e uma primeira impressão do caminho percorrido

Na quinta sessão são apresentados os resultados da pesquisa com base nos critérios adotados na estratégia metodológica com a realização da avaliação dos vídeos do canal do Youtube feita por professores, especialistas e alunos.

Nas considerações finais, respondo à questão problema, os objetivos geral e específicos são retomados e avaliados, são feitas as reflexões sobre os resultados alcançados com avaliação da trajetória da pesquisa e contribuições a serem compartilhadas como resultado da investigação.

2. SESSÃO II – METODOLOGIA DA INTERVENÇÃO – O ESPAÇO, OS SUJEITOS E AS OFICINAS

2.1. O Núcleo de Inovação e Criatividade como campo de pensar as oficinas

Em 2015, o GECES criou, mediante edital financiado pela CAPES/FAPITEC, o Núcleo de Ciência, Tecnologia e Inovação na Educação Básica (NCT&I EB), com o objetivo de desenvolver atividades direcionadas para alunos e professores da Educação Básica em Sergipe, voltadas para a Alfabetização Informacional e o Letramento Multimidiático. As unidades definidas em edital estão situadas na região com os 'menores índices de desenvolvimento humano e os municípios estão relacionados com as regiões de impacto dos Arranjos Produtivos Locais (APL) de pesca, caprinovinocultura e agricultura familiar⁸, como propunha o projeto.

Conforme consta no edital, a proposta é:

Mobilizar professores, alunos e gestores das três escolas parceiras para o aprimoramento do ensino, da aprendizagem e da formação profissional, com destaque para o conhecimento de ciências, língua portuguesa, matemática e competências TIC, relacionadas à atividades pertinentes ao processo de ensino e aprendizagem através de uma abordagem que explora a relação entre literacia midiático informacional digital formação científica e profissional (CAPES⁹/FAPITEC¹⁰/SERGIPE, 2014¹¹).

As ações do núcleo são baseadas no entendimento que para estarem inseridos na sociedade, os sujeitos devem ser letrados para o uso técnico-reflexivo das tecnologias e neste sentido, entende-se o letramento como uma construção de significados (LEMKE, 2010) e uma prática desenvolvida de forma concomitante com os processos de alfabetização (SOARES, 2000).

O projeto do núcleo foi iniciado em 2016 em duas escolas, que ofereceram condições para a execução das oficinas: Agonalto Pacheco, em Neópolis e Escola

⁸ Conforme consta em edital nº 05/2014 da CAPES/FAPITEC/SE.

⁹ Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior.

¹⁰ Fundação de Apoio à Pesquisa e à Inovação Tecnológica do Estado de Sergipe.

¹¹ O Núcleo é fruto do edital nº 05/2014 da FAPITEC/SE e após dois anos de financiamento foi institucionalizado pelo Programa de Pós-Graduação em Educação (PPED) da Universidade Tiradentes como Núcleo de Criatividade e Inovação.

Família Agrícola em Ladeirinhas, Japoatã. De acordo com o projeto do Núcleo, que ganhou vida um ano antes da minha pesquisa, a proposta era mapear, compreender e analisar, através da pesquisa, como as mídias podiam contribuir na formação desses alunos, uma vez que um dos principais requisitos do trabalho é a relação da prática educacional e de letramento multimidiático com o conteúdo do currículo de cada unidade.

A equipe, composta por outros participantes, oferecia: oficinas de Alfabetização Informacional, Mídias, Cinema e Educação, Gamificação além de Inovação e Criatividade. Um guarda-chuva de ações que se amparam no pressuposto defendido pela UNESCO (WILSON et al, 2013) de que os sujeitos da atualidade precisam de algumas competências básicas, que se desenvolvidas, resultarão em habilidades para lidar com um mundo no qual as atividades cotidianas estão cada vez mais relacionadas aos usos das tecnologias comunicacionais (CASTELLS, 1999).

O Centro de Educação Profissional Agonalto Pacheco, em Neópolis, oferecia ensino médio integrado ao profissional com permanência dos alunos apenas nos períodos em que as aulas são ministradas; enquanto a Escola Família Agrícola de Ladeirinhas, Japoatã, “Lócus” desta pesquisa, oferecia o ensino médio integrado com a proposta da pedagogia da alternância, sistema em que os estudantes revezam 15 dias em casa e 15 dias em suas comunidades, aplicando e aprimorando os conhecimentos adquiridos em sala de aula.

A decisão pela EFAL como campo de investigação levou em conta o tempo maior de convivência entre os alunos possibilitando ações colaborativas e uma maior probabilidade de avanços nas oficinas em decorrência do acompanhamento dos professores em tempo integral.

2.2. A escola

Iniciamos o item de descrição do lócus da pesquisa com a imagem da Figura 3 que apresenta a fachada da Escola Família Agrícola Ladeirinhas, em Japoatã, no interior de Sergipe. A instituição foi fundada no ano de 1994.

Figura 3 - Instalações da EFAL



Fonte: Arquivo da autora.

A escola nasceu de uma ação da Associação Missionária do Campo que teve origem no estado da Bahia e mantinha relações de execução de projetos com uma organização da Bélgica. A entidade, com origem na igreja católica, reuniu as famílias do assentamento de Ladeiras, a partir da necessidade de formar seus filhos na/para a agricultura familiar e antevia necessidade em se manter os jovens na região com uma formação agrícola, conforme entrevista de um dos fundadores, José Luiz¹².

“Em 1990, chegou aqui em Ladeiras a equipe missionária da Associação Missionária do Campo. (...) Nós vimos que a juventude que participava do grupo de jovens da comunidade começou a ir embora e a abandonar a sua comunidade e a gente não sabia por que aquilo ‘tava’ acontecendo. (...) eles não acreditavam que aqui pudesse ter perspectiva de vida digna. (...) Então a gente começou mais uma vez a perguntar: e qual seria a alternativa ‘pra’ que vocês pudessem ficar aqui? ‘Pra’ que possam permanecer aqui. Se houver pelo menos escola para a gente estudar, vocês poderiam ficar”.

O grupo de missionários do campo era formado por Zé Luiz, Nanai, Gildo e Antônio), e um representante da Diocese de Propriá (Remy Gauvin), que discutiram que seria necessária uma instituição para abrigar os jovens da região. O grupo decidiu

¹² Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=L-P2tU1acCU>>. Acesso em: 15/11/2018.

conhecer a Escola Família Agrícola de Riacho da Guia, no estado da Bahia, onde também conheceram o Pe. Benoni que os orientou a fazer um projeto para implantação da escola dirigido a uma entidade Belga.

A obra da Escola Família Agrícola Ladeirashas teve início em 1993 e naquele mesmo período houve a criação de um conselho, formado por representantes das comunidades no entorno e pelos idealizadores do projeto. A intenção era a de garantir o gerenciamento da escola e a participação das famílias no acompanhamento das atividades da instituição. Todo o financiamento para o terreno e as obras veio da instituição belga.

A unidade escolar é uma instituição pública, sem fins lucrativos, mantida pelo governo do Estado de Sergipe, através de uma parceria em contrato de comodato, assinado entre a Associação Mantenedora da Escola Família Agrícola de Ladeirashas "A" (AMEFAL), e a Secretaria de Estado da Educação de Sergipe (SEED). A escola conta ainda com parcerias de movimentos sociais, a exemplo do Movimento dos Pequenos Agricultores (MPA) e Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem-Terra (MST), além de instituições públicas federais como: Empresa Brasileira de Pesquisa e Agropecuária (EMBRAPA), Companhia de Desenvolvimento do Vale do Rio São Francisco (CODEVASF), Instituto Federal de Sergipe (IFS) em São Cristóvão e estaduais a Empresa de Desenvolvimento Agropecuário de Sergipe (EMDAGRO) e Secretaria de Estado da Agricultura, Desenvolvimento Agrário e da Pesca (SEAGRI). Desenvolve parcerias também com Organizações não-governamentais a exemplo do Instituto PANGEA e com entidades ligadas à Igreja Católica (Cáritas) do município de Propriá.

A escola é vinculada à rede de escolas profissionalizantes da rede estadual de Educação de Sergipe, e à rede das Escolas Famílias Agrícolas Integradas do Semiárido Baiano (Refaisa), que por sua vez faz parte da União das Escolas Famílias Agrícolas do Brasil (UNEFAB)¹³.

Atualmente são 67 estudantes em regime de internato cursando o ensino médio integrado ao curso técnico em Agropecuária fundamentado nos princípios da Agroecologia. Os alunos ingressam na escola no 1º ano e para terminarem o curso de Agropecuária têm que apresentar, ao final do terceiro ano, os resultados do Projeto

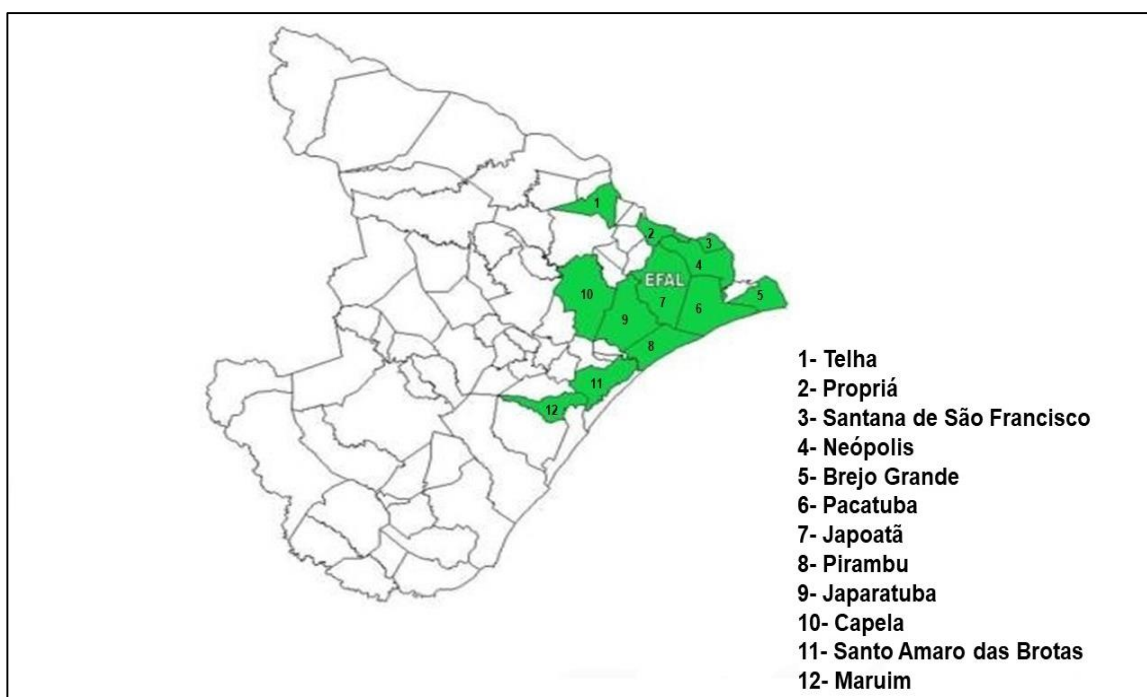
¹³ Informações constam no PPP da escola.

Profissional Jovem (PPJ). A EFAL abriga estudantes de 12 dos 74 municípios sergipanos, num total de 14% do estado, a saber: Nossa Senhora do Socorro, Santo Amaro das Brotas, Japaratuba, Pirambu, Capela, Propriá, Neópolis, Pacatuba, Brejo Grande, Santana do São Francisco, Canhoba e Japoatã.

As cidades são próximas ao município sede da escola e a responsabilidade pelo transporte é da Secretaria de Estado da Educação que faz o encaminhamento dos alunos ao final da quinzena da escola para casa e vice-versa

A Figura 4 representa o mapa com as cidades de origem dos alunos comprovando que a maioria do público da instituição mora próximo ao município sede da escola, mas há ainda alunos que são de cidades mais distantes a exemplo de Nossa Senhora do Socorro, na grande Aracaju.

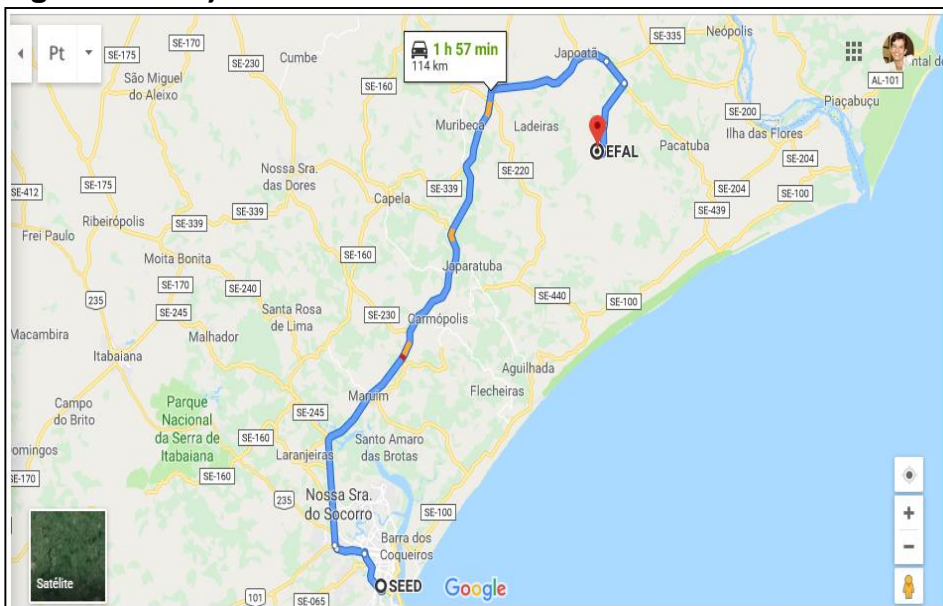
Figura 4 – Municípios de residência dos estudantes da EFAL



Fonte: Adaptado de Andrade (2018).

Na Figura 5 há a descrição do caminho percorrido entre a Secretaria de Estado da Educação e a sede da EFAL, uma viagem que durava, em média, em torno de duas horas.

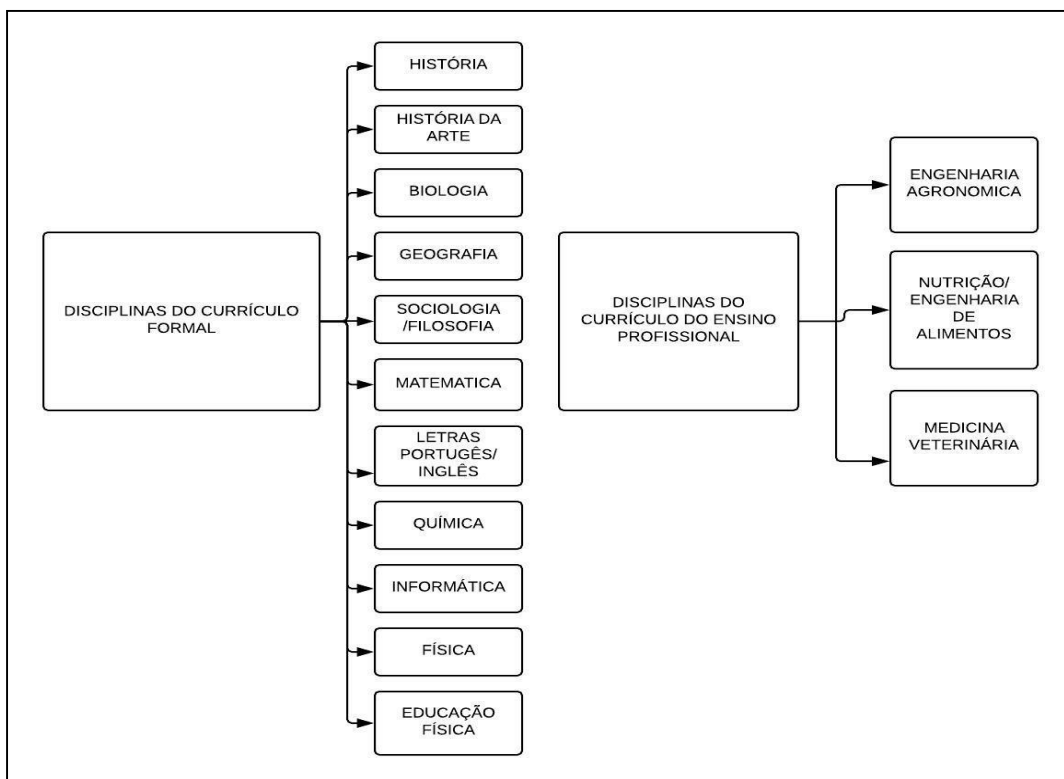
Figura 5 – Trajeto entre SEED e EFAL



Fonte: Google Maps¹⁴

No currículo da escola constam 13 disciplinas do ensino formal e 3 do ensino profissionalizante, conforme Figura 6.

Figura 6 - Disciplinas do currículo da EFAL



¹⁴ Disponível em: < <https://www.google.com.br/maps>>. Acessado em: 13 de mai de 2019.

Fonte: Dados da autora.

Algumas disciplinas são lecionadas em conjunto, a exemplo de Sociologia/Filosofia e Português/Inglês. Os estudantes realizam atividades durante o período de permanência da alternância, além de visitas técnicas às fábricas, propriedades rurais e outras instituições de ensino para troca de experiência.

2.3. Primeira visita e muita expectativa

No início de 2017, fazia minha primeira visita à EFAL como pesquisadora, e com a definição do objeto a ser estudado. A viagem, que se repetiria por outras tantas vezes, durou pouco mais de uma hora e meia percorrendo asfalto, terra e muita poeira.

O transporte, cedido pela Secretaria de Estado da Educação de Sergipe, deixava a sede sempre por volta das seis e meia da manhã. Era preciso me acostumar com a rotina, afinal, ali seria meu destino durante os anos de 2017 e 2018.

“A primeira impressão foi de um lugar confortável: espaço grande e ventilado, pequenas árvores com frutas e um pé de acerola bem carregado colorindo o chão nos fundos do prédio. Coordenação e alunos aguardavam em uma das salas de aula. Os estudantes estavam arrumados em forma de ‘u’ e não pensei, nesse primeiro momento, reorganizar a sala. Queria que eles se sentissem à vontade. Eu estava ansiosa pelo que me aguardava a partir daquele momento e acredito que eles também”. (Diário de Bordo – Rosângela Dória / Fevereiro de 2017).

Vi ‘passeando’ pelos arredores da escola, alguns animais como galinhas, porcos e cavalos. Andrade (2018) traz no bojo do seu estudo intitulado: Alfabetização Informacional na Aprendizagem Técnica Profissionalizante: uma pesquisa do tipo ação/intervenção, também desenvolvida na unidade escolar, uma descrição da estrutura física da EFAL:

- A. salas de aula;
- B. um laboratório de informática;
- C. uma sala de direção;
- D. dois dormitórios (masculino e feminino);
- E. dois banheiros;
- F. uma cozinha.

Para o desenvolvimento das técnicas agropecuárias, a escola conta com

- A. uma horta;
- B. um estábulo;
- C. uma chafurda¹⁵;
- D. uma estufa;
- E. um local para práticas de apicultura;
- F. um galinheiro;
- G. uma casa de ferramentas.

As posses materiais, animais e sustento das plantações são adquiridos por meio de doações da população local e dos alunos que levam o próprio material de casa. Ao contrário do que consta no site da SEED, não há laboratório científico na escola. Na Figura 7, vemos imagens de algumas instalações da EFAL mostrando parte da área onde está localizada a escola.

Figura 7 - Áreas externas da escola, laboratório e biblioteca



¹⁵ Lamaçal em que os suínos fuçam; chiqueiro, chafurdeiro. A definição consta no documento oficial da EFAL.



Fonte: Fotos da autora.

Na primeira visita, foi realizada a reunião de apresentação do Projeto de Mídias, em que participaram quatro professores e dois coordenadores. A proposta das oficinas é a de trabalhar com os conteúdos, relacionando-os ao currículo da escola. Os professores foram convidados a falar e a dar opinião sobre o que estava sendo apresentado, uma vez que a participação deles seria importante para o andamento do projeto e estava previsto no planejamento inicial da minha pesquisa.

Nas manifestações feitas por alguns professores foi possível perceber que lugar ocupava o letramento midiático na escola. De um lado, a falta de conhecimento em relação à conceituação da proposta, e do outro, a rejeição por um projeto com avaliação pré-concebida de que não ‘serviria para nada’. Dos quatro professores que se posicionaram, dois se manifestaram a favor e dois contra as oficinas¹⁶, conforme o Quadro 01.

Quadro 1- Falas dos professores

Falas favoráveis		Falas contrárias	
professor 01	“Quero me atualizar e adorei a ideia da oficina de mídias”	professor 03	“É por isso que as coisas estão do jeito que estão na Educação. O aluno não quer saber de mais nada e ainda pior com a internet. Se eles pararem de usar os cadernos, vão esquecer tudo”
professor 02	“Acredito que vai ser bem útil a gente aprender essas coisas pra passar para os alunos. Não entendo nada de rádio, jornal ou TV, mas quero aprender”	professor 04	“Eu acho que a internet vicia os alunos e deixa eles com preguiça de pesquisar. Ninguém aprende mais nada depois dessa internet”

Fonte: Dados da pesquisadora.

Depois da estranheza inicial na reunião de apresentação do projeto, que durou pouco mais de uma hora, fomos visitar o laboratório de informática e fui informada pelo professor da área, que nenhuma máquina estava funcionando naquele dia. O

¹⁶ Falas registradas no diário de bordo durante reunião de apresentação do projeto e da composição das oficinas que seriam ofertadas nos encontros com os alunos.

espaço contava com 08 computadores e a coordenação estava à espera de um técnico da secretaria de Educação do Estado de Sergipe para a verificação de um problema no sistema operacional Linux, sistema operacional utilizado pela rede estadual de ensino em Sergipe.

Eu que cheguei à escola no melhor estilo ‘pesquisadora-sonhadora’¹⁷, deparei-me com o primeiro problema que foi a inviabilidade de uso do laboratório. Ao final do dia, na volta para casa, algumas questões começaram a rondar minha cabeça: sem computadores, como ficariam as oficinas? Como convencer os professores a participarem, principalmente depois de algumas falas ‘desanimadoras’?

Ainda que a escola se dispusesse oficialmente a aderir ao projeto, não havia, ao menos ali naquele momento, a certeza da adesão de alunos e professores, e isso ficou claro já na primeira visita.

Mas ainda no caminho, percebi que o que me pareceu mais frágil na relação, poderia ser a garantia de que se um deles estivesse ali, estaria de ‘corpo e alma’ para embarcar nas experiências da aventura que estava prestes a começar. A pesquisa do tipo intervenção começava a se mostrar em suas nuances: era preciso ‘reorganizar’ as oficinas para se enfrentar um novo cenário que se apresentava. Fazer uma adaptação foi o primeiro passo para que o trabalho ganhasse algumas ‘curvas’ já no seu início.

2.4. Mão na massa – As primeiras impressões sobre os alunos da EFAL enquanto sujeitos de consumo de mídias

Nas narrativas de Educomunicação, a área de atuação é um encontro entre o comunicador e o educador, dando espaço ao educador, um profissional que atua no novo campo que emerge dos caminhos cruzados entre a Educação e a Comunicação (SOARES, 2011).

Se o mundo a ser explorado era o das mídias digitais, o primeiro passo foi me assegurar dos dados acerca do consumo que esses meninos¹⁸ fazem da internet. O caminho era necessário ainda mais com nossos perfis tão diferentes no uso das

¹⁷ Termo usado por mim para descrever uma expectativa em relação às condições consideradas ideais para a implementação das oficinas. O uso do laboratório de informática estava previsto para as atividades dos estudantes.

¹⁸ O termo ‘meninos’ vai aparecer outras vezes nesse trabalho por conta da proximidade que se deu entre mim e os chamados sujeitos da pesquisa sem prejuízo ao campo pesquisado. Acredito ser um termo mais humanizado para usar com esse público com o qual convivi por mais de dois anos.

tecnologias. Sou da geração chamada ‘imigrante digital’¹⁹. Acompanhei a transição entre esses dois mundos sem e com internet e precisava investigar em que lugar nesse cenário, os estudantes da EFAL estavam inseridos.

Precisava falar com eles a partir também do mundo deles, e mais ainda, me despir de possíveis preconceitos em relação aos produtos que esses jovens consomem. Ser profissional de mídias e pesquisadora da área facilitou meu ‘trânsito’ nos caminhos da investigação desse perfil de consumo. Encontrava-me na situação definida por Paulo Freire de perceber a posição de cada um nesse processo de aprendizagem encaminhando quem estava aprendendo, sem perder minha consciência no papel de educadora:

Educado-educando e educando-educador, no processo educativo libertador, são ambos sujeitos cognoscentes diante de objetos cognoscíveis, que os mediatizam. Poder-se-á, e não tem sido poucas as vezes que temos escutado: “Como é possível pôr o educador e o educando num mesmo nível de busca do conhecimento, se o primeiro já sabe? Como admitir no educando uma atitude cognoscente, se seu papel é o de quem aprende do educador? (PAULO FREIRE, 2013, p. 107).

Freire (2013) lembra ainda que a tarefa do educador então é a de problematizar aos educandos o conteúdo que os mediatiza, e não a de dissertar sobre ele, de dá-lo, de estendê-lo, de entregá-lo como se tratasse de algo já feito, elaborado, acabado, terminado.

2.5. A oficina e a mudança de rota

Voltei um mês depois, em março, já oficialmente para a aplicação da primeira oficina e os computadores continuavam sem solução, como eu temia. Na sala estavam 34 alunos do 1º e 2º ano que se juntaram numa única turma para a participação nas oficinas. Os dois professores que ministrariam aulas naquele dia foram convidados a participar das atividades, mas apenas um decidiu acompanhar a oficina.

Estavam todos arrumados num semicírculo, já sentados com data show ligado. Na sala estavam um professor e o coordenador da EFAL. (Diário de Bordo – Rosângela Dória / março de 2017).

¹⁹ Termo do autor Marc Prensky ao se referir às pessoas que nasceram fora da era digital, mas que foram se adaptando à chegada das tecnologias.

Já nesse primeiro contato, decidi não aplicar questionários, uma vez que os dados que me seriam necessários já haviam sido coletados na oficina de Alfabetização Informacional²⁰. Responder se usa ou não a rede social, marcando um 'x', por exemplo, não me daria uma noção da intensidade e da qualidade desse uso para o meu tipo de pesquisa, mais voltada para a qualidade de acesso do que a quantidade.

Havia uma timidez nítida dos alunos em relação a minha chegada e era preciso 'quebrar o gelo'. Apesar de ter definido e planejado cada etapa do meu primeiro dia de trabalho, optei por bater um papo. Essas decisões não estavam em planejamento, mas serviram para facilitar o percurso desejado.

Começamos a conversar sobre o que cada um gostava de ver na TV, ouvir no rádio ou ainda consumir na internet. Numa pergunta direta, quis saber quantos deles usavam celulares e tinham rádio e televisão em casa. Vi logo ao chegar, os alunos usando celular, sozinhos ou em grupos. Dos 34 que estavam com *smartphones*, 25 disseram que ouviam música no celular e só 5 disseram que viam televisão²¹ com frequência. Nem todos participaram da conversa, o que já era esperado.

Em relação ao celular, todos disseram gostar de ver vídeos de músicas, jogos e vídeos de humor, feitos pelos chamados *youtubers*²². Apenas 1 aluno disse fazer vídeos, mas na maioria das vezes, ele só compartilhava com os colegas no modo privado por conta de vergonha.

Nesse momento, efetivava-se minha primeira mudança de rota: a proposta que nasceu com o uso dos computadores agora seria feita com o celular. Na EFAL, não há uma política definida em relação ao uso dos aparelhos em sala de aula. De acordo com a coordenação, a decisão cabe aos professores, mas durante a realização da pesquisa não soube de nenhuma atividade que tivesse tido contato com uma proposta de uso do celular. Os alunos usavam o aparelho o tempo inteiro nos intervalos das aulas, pelos corredores.

Na EFAL, a internet é paga pelos professores que são membros da Associação,

²⁰ A oficina já tinha sido realizada na turma por Luiz Rafael Andrade, integrante do GECES e os alunos já haviam respondido às questões relacionadas a consumo de mídia e hábitos em relação à busca por informações.

²¹ Vale lembrar que os alunos passavam uma quinzena na escola e esta não tinha televisão. Além de se ter horários rígidos para se recolherem aos seus alojamentos. Essa rotina pode ter contribuído para o número reduzido de consumidores de TV.

²² Segundo verbete do Oxford, Youtuber é um usuário frequente do site de compartilhamento de vídeos **YouTube**, especialmente alguém que produz e aparece em vídeos no site.

a AMEFAL. O serviço é prestado por uma empresa privada de Alagoas com filial em Neópolis. A colaboração é opcional e apenas 01 professor não participa da contribuição para o serviço de internet que custa 250 reais ao mês. No laboratório, são 08 máquinas adquiridas através de convênio entre a secretaria de Educação de Sergipe e a AMEFAL. Os computadores eram de propriedade da escola no município de Poço Redondo. Na EFAL, há 03 anos, há uma autorização de compra de novas máquinas, mas até a conclusão deste trabalho só foram adquiridos os estabilizadores e os responsáveis aguardam a chegada das unidades centrais de processamento (CPU) além de monitores dos computadores.

Era preciso certificar-se se todos que participariam das atividades estariam com os equipamentos em condições de uso, a exemplo de memória disponível no celular, carga e acesso à internet. A troca na mudança de rumo garantiu maior mobilidade e participação de todos. Ao contrário do laboratório em que os jovens ficariam sentados em grupos para a realização das tarefas, os celulares seriam uma excelente chance de trabalhos individuais, coletivos, mas principalmente nômades.

Gravação e edição poderiam ser realizadas em qualquer espaço físico e essa possibilidade agradou aos meninos que, a depender das atividades do dia na oficina, podiam circular pelas dependências da escola com garantia de respeito às personalidades diferentes. Muitos gostavam de trabalhar em grupos grandes, outros menores e ainda os que se sentiam à vontade numa atividade mais individual. O cuidado seria o de garantir que não houvesse um isolamento, uma vez que a proposta das oficinas tem perfil colaborativo em todas as produções.

A investigação em busca de informações sobre o comportamento desses sujeitos em relação ao consumo de mídia é um fator importante para entendermos também o recorte feito nesta pesquisa. Os entrelaçamentos que permeiam as relações desses sujeitos com outros sujeitos, na escola ou ainda fora dela podem nos auxiliar a enxergar cenários diferentes de relações com produtos de mídia.

As possibilidades de letramento na escola, os conceitos de Educomunicação, a discussão do papel da instituição enquanto espaço social e as experiências investigadas num levantamento de trabalhos num referencial teórico serviram para amparar as discussões realizadas na sessão III a seguir.

3. SESSÃO III - ATANDO OS FUNDAMENTOS TEÓRICOS

3.1. A Educomunicação

Soares (2011) coloca como características da Educomunicação: 1) integrar às práticas educativas, o estudo sistemático dos sistemas de Comunicação; 2) criar e fortalecer ecossistemas comunicativos em espaços educativos e 3) melhorar o coeficiente expressivo e comunicativo das ações educativas.

Soares (2010) lembra ainda que a Educomunicação não pode ser confundida com uma prática de ensino. Levei isso em conta ao chegar à escola, mas muitas vezes não era possível escapar dessa ‘interpretação’ que os estudantes fazem com a presença de umicineiro. O hábito, o formato do espaço, a distribuição das cadeiras e a insistência, algumas vezes, por parte da coordenação em relação à disciplina e silêncio, ‘formatavam’ uma sala de aula

O desafio foi o de me debruçar sobre o binômio Educação-Comunicação e as relações que permeiam esses dois mundos. Fundamental lembrar que sempre que se fala em audiência, mídia e televisão, não há garantias de se alcançar realmente o número exato de crianças e adolescentes que formam esse público, pois, “Apesar da globalização da mídia, o acesso infantil a ela é muito desigual” (FEILITZEN, 1999, p. 20).

Voltei, então, ao meu tempo de infância nos anos 1970, quando a TV cumpria o papel de ‘babá eletrônica’ sem muito questionamento, fosse da família, da escola, ou de especialistas. Na época, só se estudava a partir dos sete anos de idade. Antes disso, as crianças dividiam o tempo entre brincadeiras de rua e televisão. Gerações inteiras viram desenhos animados avançarem pela programação no horário noturno intercalando novelas e a edição do Jornal Nacional, telejornal da Rede Globo de maior audiência no país, sem qualquer norma de indicação de horário próprio para uma audiência infantil.

Os tempos ainda não eram de alerta para recomendações de classificação indicativa de idade, que só apareceriam no Brasil nos anos 90, e muito menos para a relação da televisão com o telespectador, os “*modos de endereçamento*” conforme descrito por Fischer (2006). Os produtos na publicidade e na indústria do entretenimento são realizados para alguém concreto e real, para alguém com quem entram em relação de um modo muito particular, a fim de que este “complete” de

alguma forma, a história narrada, a mensagem de venda, a informação contida naquelas imagens e sons. (FISCHER, 2006. p. 78).

3.2. Uma TV que resiste aos encantos da internet

Ao se analisar alguns dados, percebe-se o Brasil como uma sociedade em que a imagem tem um lugar central na vida das pessoas, seja por causa da TV ou mais recentemente da internet. Os dados apresentados em 2016²³ pela Secretaria de Comunicação da Presidência da República (SECOM) mostram a televisão ainda como principal fonte de informação nos lares do país. Os números correspondem ao Brasil e também mais especificamente ao estado de Sergipe.

A pesquisa apontou diferenças no consumo de televisão entre Brasil e Sergipe, este último, com acréscimo na audiência de televisão. Em relação a Rádio e Internet, os números se mantiveram nos dois casos. Quando a pergunta foi: em que meio de comunicação você se informa mais sobre o que acontece no país, a resposta apontou para a televisão, conforme Tabela 1:

Tabela 1 - Consumo de mídia

Mídia	BRASIL	SERGIPE
TV	63%	66%
Internet	26%	26%
Rádio	7%	7%

Fonte: Tabela elaborada pela autora com dados da SECOM Presidência da República 2016.

Os jovens foram separados em várias faixas diferentes de idade. A parcela dos 18 aos 24 anos aponta a internet como a preferida para informação e entretenimento e tem no Rádio a última escolha de veículo, conforme dados da Tabela 2:

Tabela 2 - Consumo de mídia de jovens dos 18 aos 24 anos

Mídia	BRASIL
Internet	52%
TV	47%
Rádio	2%

Fonte: Tabela elaborada pela autora com dados da SECOM Presidência da República 2016.

²³ A pesquisa de Consumo de Mídia da Secretaria de Comunicação da Presidência da República é realizada a cada dois anos e até a conclusão desta pesquisa, não havia a divulgação de novos dados. Disponível em: < <http://pesquisademidia.gov.br/#/Geral/details-917>>. Acesso em 19/02/2017

Muitas vezes, os meninos da EFAL, na volta para casa, no chamado contraturno da pedagogia da alternância, não tinham acesso à internet por conta da falta da oferta do serviço em casa, ficando muitas vezes restritos a um sinal gratuito numa lanchonete ou numa *lanhouse*²⁴, ainda comum nas pequenas cidades do interior.

O levantamento realizado mostra outros dados do comportamento do brasileiro em relação à televisão e aponta hábitos de audiência mais frequentes nos dias da semana, de segunda a sexta e uma queda nos finais de semana, conforme números da Tabela 3.

Tabela 3 - Consumo de TV de jovens dos 18 aos 24 anos

TV	AUDIÊNCIA
47%	Durante a semana
27%	Finais de semana

Fonte: Tabela elaborada pela autora com dados da SECOM Presidência da República 2016.

A pesquisa apontou a maioria dos jovens na faixa etária dos 16 e 17 anos reproduzindo um hábito de consumo de TV semelhante ao dos mais velhos, conforme dados da Tabela 4:

Tabela 4 - Consumo de TV de jovens dos 16 e 17 anos

TV	AUDIÊNCIA
57%	De segunda a sexta
27%	Nos finais de semana
16%	Todos os dias

Fonte: Tabela elaborada pela autora com dados da SECOM Presidência da República 2016.

A mesma pergunta foi feita para a faixa dos 18 aos 24 anos em que a maioria respondeu que prefere a semana aos finais de semana, conforme dados da Tabela 5:

Tabela 5 - Consumo de TV de jovens dos 18 aos 24 anos

²⁴ O fato foi relatado pelos estudantes em várias oportunidades durante as oficinas. Sem um pacote de dados que viabilizasse o serviço, a maioria deles, muitas vezes, ficava sem o acesso à internet.

TV	AUDIÊNCIA
52%	De segunda a sexta
31%	Nos finais de semana
16%	Todos os dias

Fonte: Tabela elaborada pela autora com dados da SECOM Presidência da República 2016.

A pesquisa apontou características do comportamento do brasileiro em relação à internet. Quando perguntados sobre os dias de uso da internet, a maioria disse preferir acesso todos os dias e apenas uma minoria disse que não usa a internet em dia algum, conforme Tabela 6:

Tabela 6 – Consumo de internet

INTERNET	FREQUÊNCIA
50%	Todos os dias
37%	Não usam dia algum

Fonte: Tabela elaborada pela autora com dados da SECOM Presidência da República 2016.

A pesquisa registrou ainda o local de acesso à internet e a maioria das pessoas que respondeu declarou ter acesso de casa. Apenas uma minoria tem acesso à internet pelo trabalho, conforme Tabela 7.

Tabela 7 – Local de acesso à internet

INTERNET	ACESSO
79%	casa
13%	trabalho

Fonte: Tabela elaborada pela autora com dados da SECOM Presidência da República 2016.

De acordo com os dados da pesquisa, os smartphones passaram a ser o principal meio de acesso à internet, e em contrapartida o acesso pelo computador vem apresentando queda em todo o país, conforme Tabela 8:

Tabela 8 – Tecnologia de acesso à internet

INTERNET	ACESSO
72%	celular
25%	computador

Fonte: Tabela elaborada pela autora com dados da SECOM Presidência da República 2016.

Dados do IBGE (2016)²⁵ apontam o Brasil com 116 milhões de pessoas

²⁵ Disponível em: <<https://g1.globo.com/economia/tecnologia/noticia/brasil-tem-116-milhoes-de-pessoas-conectadas-a-internet-diz-ibge.ghtml>>. Acesso em: 19 de fev. de 2017.

conectadas à internet, o equivalente a 64,7% da população acima dos 10 anos. As informações são da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua. De acordo com o levantamento e considerando a faixa etária, os indivíduos com idade entre 18 e 24 anos apresentavam a maior taxa de conexão: 85% deles estavam *online* todos os dias. As regiões Nordeste e Norte apresentaram taxas de pessoas conectadas inferiores à média brasileira, de 52,3% e 54,3%, respectivamente.

Não foi encontrada nenhuma pesquisa com o recorte de consumo de mídia especificamente da zona rural ou com perfil de ensino profissionalizante que pudesse retratar os sujeitos desse trabalho.

Lipovetsky (2016) nos definiu como uma sociedade do ligeiro ao falar de uma insatisfação constante e de uma ‘degustação’²⁶ cada vez mais rápida dos produtos de mídia e das informações disponíveis para o indivíduo. Diante disso, era preciso entender que os números avançam rapidamente e que certamente o consumo de mídia já poderia apresentar outro cenário bem diferente na vida dos estudantes da EFAL ao final deste trabalho.

Para Barbero (2000, p. 155),

[...] nossas concepções de mundo não são individuais, são coletivas. Tem a ver com a classe social, com grupo familiar. Tem a ver com a região da qual procede ou onde vive, elementos raciais, elementos étnicos, idade. Os jovens não ouvem rádio como ouvem os adultos. Eu penso que há uma maneira individual, mas essa maneira individual está impregnada, moldada por uma série de dimensões culturais que são coletivas.

A TV é uma mídia com crise de identidade (SAYAD, 2011). Não somos mais, e seremos cada vez menos dependentes da televisão aberta e comercial para nos informarmos e nos exprimirmos.

Num levantamento feito pelo site Natelinha (2016)²⁷, os números identificam uma mudança na audiência das emissoras de televisão apontando um desinteresse dos jovens pelos canais abertos. Numa pesquisa feita em agosto de 2016, a audiência registrou as menores taxas entre jovens de 12 a 17 anos e 18 a 24 anos. A pesquisa colheu falas que retratam os possíveis motivos desse desinteresse. Os jovens relatam que tudo parece muito ‘velho’ com ‘cara de mofo’. Os veículos com esse perfil têm

²⁶ Termo da autora.

²⁷ Disponível em: <<https://natelinha.uol.com.br/noticias/2016/09/12/por-que-o-publico-jovem-nao-esta-dando-audiencia-para-os-canais-abertos-102003.php>>. Acesso em: 10 de out. de 2018.

mantido a audiência entre os que têm mais de 50 anos de idade de acordo com o levantamento.

Uma reflexão acerca desse cenário em que se encontra a televisão, pode estar em algumas das considerações de Barbero (2006) ao lembrar da família como unidade básica de audiência para a televisão. As famílias se transformaram nos últimos anos e o papel dos jovens também ganhou outras identidades dentro desse núcleo.

Nem as milhares de câmeras de vídeo que anualmente invadem o mercado, nem as antenas parabólicas semeadas pela cidade, nem a rede a cabo estão afetando substancialmente o modelo de produção de televisão que já conhecemos. (BARBERO, 2006, p. 294)

A Agência Nacional de Cinema (Ancine), em pesquisa realizada em 2016, constatou um encolhimento na participação das emissoras de televisão em relação ao audiovisual; de 63,7% para 41,5%. Atualmente, o cardápio oferecido pelos serviços de streaming, como Youtube e Netflix (o maior do mundo) com 8 milhões de assinantes no Brasil, tem atraído cada vez mais a atenção do público.

De acordo com Barbero (2006), a televisão tem um discurso que familiariza tudo, tornando próximo até o que parece remoto. Mas nos últimos anos, ela não tem conseguido atrair e se fazer espelho dos mais jovens, da geração que nasceu com as 'temporadas' das séries que se encerram rápido, com episódios cada vez mais curtos, das mensagens quase telegrafadas no celular, dos *emojis* que falam mais que palavras. Afinal quem, com menos de 20 anos, consegue acompanhar uma novela que chega a durar um ano?

Em contrapartida, esse movimento de 'familiarização' com os novos formatos digitais não consegue 'contaminar' os jovens no espaço escolar com pouca intimidade com as tecnologias. Ana Prado (2015, p. 10) alerta que,

[...] diferentemente do que talvez se espere, no entanto, os estudantes não se mostram muito empolgados ou sonhadores em relação à inclusão da tecnologia na educação, mas isso pode ser explicado pelo fato de que eles se encontram formatados para exigir o mínimo do ambiente escolar – justamente aquele que deveria proporcionar grandes transformações em suas vidas.

As facilidades de compra dos dispositivos móveis e os valores dos aparelhos são fatores que auxiliam, principalmente os jovens, no acesso aos conteúdos audiovisuais com narrativas cada vez mais rápidas. É pelo celular que os jovens se

informam, ouvem música e dialogam com seus pares, e a portabilidade e facilidade com que eles fazem isso estão transformando também as formas de se produzir conteúdo, criando uma vida 'personalizada' com *playlists* nas plataformas de música e canal próprio no Youtube.

As informações 'batem' inicialmente com dados apresentados como resultado de um questionário aberto com perguntas diretas sobre fontes de informação, aplicado na turma objeto dessa pesquisa, durante a oficina de Alfabetização Informacional realizada em 2018. De 27 alunos, 17 preferem se informar pela internet, 10 pela televisão, nove por livros, cinco através do rádio e três responderam outros meios e não quiseram especificar (ANDRADE, 2018).

Durante as conversas na sala, muitos estudantes confirmaram o hábito cada vez mais frequente do uso do celular em detrimento do consumo de televisão, conforme registro feito no diário de bordo da pesquisa:

Em casa eu quase nunca vejo televisão, prefiro ficar na rua com meus amigos. Quando 'tô' aqui na EFAL, até vejo quando a galera 'tá' no refeitório, mas é bem pouco. Gosto mesmo é do celular, ver clipes e piadas. (fala de aluno registrada no Diário de Bordo – Rosângela Dória / Fevereiro de 2017).

Esse comportamento relatado no diário foi percebido com vários outros alunos, mesmo quando a preferência era pelos programas de TV, a plataforma escolhida era o YouTube.

3.3. Uma internet que começa a ameaçar a TV

Nunca se esteve tão conectado quanto nos tempos atuais. Dados da 27ª Pesquisa Anual de Administração e Uso de Tecnologia da Informação nas Empresas, da Fundação Getúlio Vargas de São Paulo (2017), apontam o Brasil com 168 milhões de aparelhos em uso²⁸. O brasileiro é o povo que mais dedica tempo ao *smartphones*: quatro horas e quarenta e oito minutos; atualmente são 168 milhões de celulares.

Inserido nesses dados, está o comportamento que vem mudando a lógica de consumo e produção de vídeos no mundo. O YouTube, plataforma de compartilhamento de conteúdo, é o preferido de 95% da população online brasileira²⁹.

²⁸ Disponível em: <<https://super.abril.com.br/comportamento/brasileiros-nunca-estiveram- tao-conectados/>>. Acesso em 30 de abr. de 2017.

²⁹ Disponível em: <<https://www.tecmundo.com.br/internet/119776-youtube-insights-brasil.htm>>.

Conta com 98 milhões de usuários mensais, segundo dados do YouTube Insights 2017³⁰. O relatório mostrou que 54% acreditam que a plataforma represente 'liberdade de expressão' enquanto 41% enxergam 'maior diversidade no canal'; 31% recorrem ao canal para acessar 'conteúdo de aprendizado'. 26% disseram que acessam o canal por conta da 'autenticidade' que faz do Youtube o grande sucesso que ele representa. Somando-se dois dados importantes do levantamento apresentado, 95% dos entrevistados falaram sobre 'liberdade' e 'diversidade', temas com os quais, muitas vezes, os alunos não se identificam no espaço da escola.

Os estudantes da EFAL podem ser encontrados nesse cenário e retratam muitas dessas informações: a maioria deles tem no YouTube um canal para ver os mais variados tipos de programação. Dos cliques musicais ao esporte, dos programas específicos de games aos conteúdos da escola, das piadas aos programas da própria televisão, disponíveis na plataforma. Uma pluralidade não enxergada nos veículos tradicionais de comunicação por essa geração considerada multiplataforma. Os jovens, agora, com o exercício do protagonismo, passam a ser autores de suas próprias histórias e narrativas. O ambiente digital, que dispensa lógicas do mercado tradicional e estruturas rígidas, é um espaço perfeito para uma vastidão de possibilidades na afirmação das identidades.

Nas sociedades pré-modernas, a identidade não era uma questão problemática e não estava sujeita à discussão ou reflexão (KELLNER, 2011). Os indivíduos não passavam por crises de identidade e essa não era nunca radicalmente modificada. Ainda de acordo com o autor, na modernidade, a identidade torna-se mais móvel, múltipla, pessoal, reflexiva e sujeita à mudanças e inovações. Os estudantes da EFAL não querem apenas ser vistos, querem ser vistos e reconhecidos na sua história, na sua trajetória de vida e tentam se (re)posicionar a todo instante. Perceber a busca pela (re)afirmação de uma identidade na EFAL, durante as oficinas foi um exercício fundamental para a compreensão do trabalho desenvolvido.

Hall (2005) afirma que a identidade torna-se uma 'celebração móvel' formada e transformada continuamente em relação às formas pelas quais somos representados ou interpelados nos sistemas culturais que nos rodeiam. Eles são adolescentes, filhos

Acesso em 30 de abril de 2017.

³⁰ Edição do levantamento que reúne os principais dados da plataforma de vídeo. Acesso em 30 de abril de 2017.

de agricultores assentados de uma maioria evangélica, que passam 15 dias fora das casas, longe dos pais.

E não há turmas majoritariamente masculinas; meninos e meninas dividem o ambiente da escola e os afazeres 'domésticos' de forma igual. Há um cronograma para os serviços realizados nas dependências da EFAL que não conta, com exceção da cozinha, com o trabalho de funcionários para limpeza e organização das instalações. Esses indivíduos podem apresentar várias facetas de uma mesma identidade, seja em casa, na comunidade religiosa, no ambiente da escola ou ainda no mundo virtual.

3.4. A importância dos letramentos multimidiáticos na escola

São elementos importantes na Alfabetização Midiática, segundo a UNESCO, (2013): a compreensão do papel e das funções das mídias em sociedades democráticas, a compreensão das condições sob as quais as mídias podem cumprir suas funções, a avaliação crítica do conteúdo midiático à luz das funções da mídia. O compromisso junto às mídias para a autoexpressão, a participação democrática e a revisão das habilidades (incluindo as TICs) necessárias também para a produção de conteúdos pelos usuários.

O uso de vídeos, por exemplo, em sala de aula não é algo que se possa considerar novo. Sergipe foi um dos estados contemplados em 1989 com o Projeto Video Escola (NUNES, 2007), que tinha como objetivo capacitar os docentes para a leitura do audiovisual como linguagem de comunicação.

Muito se discute sobre o papel da escola na aquisição dessas competências, a exemplo do manifesto do Grupo de Nova Londres de 1996, intitulado: *A Pedagogy of Multiliteracie – Designing Social Futures* (Uma Pedagogia dos Multiletramentos – desenhando futuros sociais), cuja ideia principal se ampara na necessidade de uma educação que seja apropriada para mulheres, indígenas, falantes ou não da língua, enfim, a todos que compõem a sociedade. Como afirmam Rojo e Moura (2012), a escola devia tomar para si os novos letramentos emergentes na sociedade contemporânea.

Surge então outra grande discussão em relação às competências de alunos e professores para se apropriarem dessas novas linguagens que chegam às escolas. Rojo e Moura (2012, p. 13) lembram que o multiletramento aponta para a multiplicidade cultural das populações e a multiplicidade semiótica de constituição dos

textos por meio dos quais ela se informa e se comunica.

Para esses autores, os multiletramentos são colaborativos e interativos; transgressores das relações de poder e de propriedade e híbridos (ROJO; MOURA, 2012). Colaborativos e interativos são marcas que estão longe dos veículos tradicionais de comunicação que criam ‘muros,’ separando os indivíduos da produção de informação.

A questão é de que forma dar a esses cidadãos as competências necessárias para, num universo gigantesco de informações, ‘gerenciar’ os conteúdos importantes para a sua vida?

Buckingham (2005), que discorda da passividade das crianças frente à TV, lembra que ser crítico é ser reflexivo. No centro dos debates, está a contextualização do assunto com avaliações de especialistas e um aprofundamento acerca da área. Não por acaso, a leitura crítica dos meios pode oferecer aos alunos, condições de discernimento e ampliação do olhar em relação aos meios de comunicação.

Em tempos de produção em massa de *Fake News* no mundo, se faz cada vez mais necessária a implementação dessas leituras em relação a conteúdos falsos disseminados, principalmente nas redes sociais. Os textos têm um grande poder viral porque contam com elementos que acabam atraindo emocionalmente a atenção de quem lê. São conteúdos mentirosos, informações distorcidas ou ainda elementos verdadeiros fora de contexto.

As notícias falsas, que ganharam força nas eleições americanas de 2016 contra a candidata Hillary Clinton, numa estratégia adotada pelos eleitores do candidato Donald Trump, invadiram as campanhas eleitorais também no Brasil em 2018. De acordo com o jornal Folha de São Paulo (2018), as páginas de *Fake News* têm maior participação dos usuários de redes sociais do que as de conteúdo jornalístico real. De 2017 a 2018, os veículos de comunicação tradicionais apresentaram queda de 17% em seu engajamento (interação), enquanto os propagadores de *Fake News* tiveram um aumento de 61%.

Na Figura 7, vemos uma das manchetes dos debates que se formaram em torno do fenômeno das *Fake News* na corrida presidencial de 2018: o candidato pelo Partido Social Liberal (PSL), Jair Bolsonaro, foi acusado de montar um esquema de compra de disparos em massa de mensagens de campanha para compartilhamento via *WhatsApp*, numa ação, que fere a legislação eleitoral no Brasil.

Figura 8 - Notícia da Folha de São Paulo

Fonte: Folha de S. Paulo³¹.

Na Figura 9, um outro conteúdo falso que ganhou repercussão nacional foi a 'notícia' que o principal adversário de Bolsonaro na campanha, Fernando Haddad, do PT, Partido dos Trabalhadores, teria distribuído um 'Kit Gay' nas escolas em todo o Brasil. A informação foi desmentida pelo próprio Tribunal Superior Eleitoral (TSE).

O material na verdade é publicação de parte do projeto **Escola sem Homofobia**, lançado em 2004 pelo Governo Federal para combater a homofobia, mas nunca chegou a ser usado nas escolas do país.

A publicação foi idealizada para servir de debates na luta pelo fim do preconceito em relação à população LGBT (composta por travestis, transexuais, gays, lésbicas, bissexuais e outros grupos).

Figura 9 - Reportagem do portal G1

Fonte: Portal G1³².

Não por acaso, segundo pesquisa do Monitor do Debate Político no Meio

³¹ Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/poder/2018/10/empresarios-bancam_campanha-contra-o-pt-pelo-whatsapp.shtml>. Acesso em 27 de jan. 2019.

³² Disponível em: <<https://g1.globo.com/fato-ou-fake/noticia/2018/10/16/e-fake-que-haddad-criou-kit-gay-para-criancas-de-seis-anos.ghtml>>. Acesso em 16 de nov. 2018.

Digital, da Universidade de São Paulo (USP),³³ os grupos de família do *WhatsApp* são os responsáveis, pela maior parte da divulgação das notícias falsas no Brasil. Talvez por estarem num ambiente considerado ‘seguro’, ‘confiável’ e isento de julgamento, os membros não se sentem responsáveis pela veracidade ou não do conteúdo compartilhado.

De acordo com esse mesmo levantamento, 51% das notícias falsas envolvendo o nome da vereadora assassinada Marielle Franco a traficantes circularam nos grupos de família. O crime ocorreu no dia 14 de março de 2018 e foi cercado de informações falsas ligando a parlamentar ao tráfico de drogas no Rio de Janeiro.

O caso de Marielle foi debatido durante uma das oficinas na EFAL, quando os alunos participaram de pesquisa na internet envolvendo o fato, os comentários que mais apareceram ao longo dos 30 dias após o crime, e num segundo momento, a atividade se voltou para as formas de checagem das notícias divulgadas. Foram analisadas as linguagens usadas para atrair a atenção do público e a origem dos conteúdos compartilhados. Ao final da oficina, ‘filtramos’ o que realmente correspondia à realidade e debatemos sobre riscos e prejuízos de não se conhecer mecanismos de checagem de notícias.

Os estudantes já tinham participado das oficinas sobre Alfabetização Informacional que teve como objetivo auxiliar na capacidade de uma busca segura de informação na internet. A partir deste momento, identificamos que a oficina de ALFIN possibilitou aos estudantes da EFAL adquirir, durante as intervenções e mudanças – de acordo com as suas necessidades e realidade –, competências nas quais foram categorizadas a partir da Unesco (2013) em: i) definir e articular necessidades informacionais, ii) localizar e acessar a informação, iii) acessar a informação, iv) organizar a informação, v) usar eticamente a informação, vi) comunicar a informação, e vii) usar das habilidades de TIC no processamento de informação (ANDRADE, 2018, p. 100).

Neste cenário, a escola é chamada a cumprir o papel de tutoria em relação a uma leitura crítica dos meios que possa levar os alunos a diferenciar os vários tipos de conteúdos compartilhados nas redes sociais. A Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e Cultura (Unesco), por sua vez, criou em 2015 um documento com recomendações sobre Alfabetização Midiática a todos os Estados

³³ Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/brasil-43797257>. Acesso em 01 de mar. de 2019.

membros.

Diante disso, faz-se cada vez mais necessário um trabalho de literacia informacional para munir os estudantes de informações necessárias para a compreensão dos conteúdos que circulam, principalmente, nas redes sociais e a que a maioria deles tem acesso livremente.

3.5. Da sala de aula às mídias: alguns estudos sobre a relação dos meios de Comunicação com a Educação

Os estudos aqui mencionados partem de um recorte de pesquisa que abrange o período entre 2008 a 2017 com levantamento de trabalhos investigados nas bases de dados da plataforma Scientific Electronic Library Online (Scielo), Biblioteca Digital de Teses e Dissertações (BDTD) e do Repositório Científico de Acesso Aberto de Portugal (RCAAP). Diegues (2010), Soares (2002), Pedrosa (2011), Bauman (2001), Saldanha (2016), Moreira (2009), Vigotsky (1991) e Ausubel (1980) compõem o arcabouço teórico para uma análise sobre meios de Comunicação e Educação. Foram utilizadas como descritores de pesquisa: Letramentos, Multiletramentos, Youtube, Radioweb, Rádio, Pedagogia da Alternância e Ensino Profissionalizante, conforme consta no Apêndice G.

Uma questão a ser destacada referente à caracterização desses estudos é o fato de que nenhum deles investiga um objeto perfeitamente enquadrado na proposta desta dissertação. Isso significa que apesar de haver trabalhos sobre produção de vídeos e Educomunicação, e também experiências com jovens da educação no campo, nenhuma pesquisa foi desenvolvida com estudantes matriculados em escolas com pedagogia da alternância. Essa é uma característica relevante, em especial porque a pesquisa descrita nesta dissertação foi desenvolvida nesse contexto.

O primeiro estudo lido e analisado foi a dissertação publicada por Diegues (2010), que teve como objeto a produção de *podcasts* para rádio web. Percebe-se que o objeto não está diretamente relacionado à produção de vídeos como estratégia de aprendizagem em instituições escolares, no entanto, esta dissertação traz uma discussão teórica relevante para a conceituação da educomunicação, traduzindo-se como um material de grande contribuição para o presente estudo.

Diegues (2010) faz uso da conceituação de Soares (2002) para explicar a educomunicação como um “novo campo de intervenção, procurando ressignificar os

movimentos comunicativos no âmbito da educação” (DIEGUES, 2010, p. 33). Para o autor, essa é uma prática que surge na Espanha, na década de 1970, mas que foi conceituada por Mario Kaplun, sendo hoje entendida como toda ação presente nos momentos de planejamento, execução e avaliação com vistas a fortalecer os processos comunicativos nos momentos da aprendizagem, com participação ativa das tecnologias da comunicação (SOARES, 2002).

De acordo com Diegues (2010), é ainda preciso considerar que a mediação dessas tecnologias cria novos sentidos, significados e fluxos de interação nos ambientes de aprendizagem, quer sejam presenciais ou virtuais. Isso impacta não somente nos modos de aprender, mas em toda a caracterização das relações nos espaços de aprendizagem, vez que algumas características das tecnologias da comunicação (interação, resposta, ubiquidade) possibilitam aos estudantes capacidade de opinar, questionar, colaborar e produzir. Sendo, portanto, mais autônomos e independentes na construção do próprio saber.

Essa percepção é compactuada por Pedrosa (2011), que trabalhou com jovens estudantes do ensino médio do Distrito Federal. Durante um semestre eles participaram de palestras e grupos de discussão sobre a produção de vídeos com celulares. As atividades eram transmitidas ao vivo pelo YouTube e após um semestre de acompanhamento, esses jovens foram divididos em grupos e estimulados a produzir alguns vídeos. A pesquisa faz um levantamento teórico para caracterizar os jovens e a relação deles com a tecnologia.

Segundo a autora, os jovens da atualidade são adaptados ao uso de tecnologias como o smartphone para uma gama extensa de usos, dominando aspectos técnicos da utilização desses elementos e sendo, com isso, adaptados a uma comunicação mais autônoma. Esse sujeito é aquele que nasce e convive no contexto da modernidade líquida, sendo Bauman (2001) uma referência que baseia toda a discussão teórica e práticas investigativas do estudo.

A pesquisa de Pedrosa (2011) obteve um resultado importante para a discussão proposta por este trabalho: as contribuições provenientes do uso das tecnologias da comunicação não somente para a aprendizagem, mas para uma formação ampla de cidadãos aptos ao convívio e inserção social na sociedade. Pedrosa (2011) destaca que um aspecto da pesquisa é que os estudantes foram totalmente ativos no processo de gravação do vídeo. Com isso, eles não somente incluíram os conteúdos pedagógicos que deveriam estar presentes na produção, mas

expandiram os debates para temas de comunidade e de interesse deles.

Essa opção, de acordo com o pensamento da autora, comprova que além desses jovens serem sujeitos cada vez mais críticos e autônomos, eles percebem, em certos níveis, o potencial formador das tecnologias, que podem e devem ser utilizadas como recurso pedagógico para aproximar a aprendizagem de um sentido de realidade e cotidiano. A autora encerra o trabalho apontando para a necessidade de inserir ainda mais as tecnologias da comunicação nos processos pedagógicos, sendo não somente estratégia, mas também conteúdo.

Saldanha (2016) também é um defensor do uso das tecnologias da comunicação como conteúdo pedagógico. Na pesquisa, desenvolvida em nível de mestrado, ele desenvolveu uma oficina de produção de vídeos com jovens estudantes da rede pública. Essas oficinas tinham um objetivo muito claro: estimular a conscientização ambiental entre esses estudantes e para isso, a produção de vídeos foi a estratégia escolhida, pois, de acordo com o autor o envolver os alunos numa experiência de produção audiovisual é uma prática que facilita os processos de desenvolvimento das habilidades de crítica da mídia (elemento fundamental para a sociedade atual) e construção de significados sobre as realidades cotidianas.

O lastre de apoio da oficina e de toda a discussão teórica presente no trabalho é a aprendizagem significativa proposta por Moreira (2009), a qual se caracteriza como “uma epistemologia com ênfase na cognição, no ato de conhecer, e que tem como ideia básica a de que o aluno é construtor do seu próprio conhecimento” (SALDANHA, 2016, p. 14). Essa opção teórica conta ainda com o apoio de autores que apregoam o construtivismo, principalmente Vigotsky (1991) e Ausubel (1980).

Um aspecto relevante do estudo é que nas conclusões, Saldanha (2016) destaca que muito além de contribuir para a melhoria de aprendizagem dos alunos sobre as questões ambientais, a opção por envolvê-los numa prática de produção de vídeo possibilitou uma formação mais completa e cidadã desses estudantes, que passaram a conhecer e discutir questões relacionadas com a produção midiática, algo que é imprescindível para os sujeitos da atualidade, de acordo com instituições como a Unesco (WILSON et al, 2013).

Os estudos disponíveis permitem que algumas inferências sejam feitas acerca do objeto desta pesquisa. De início, nota-se que a mediação das tecnologias da comunicação, aqui entendidas como mídias, já é considerada como um elemento importante no processo de formação pessoal e aquisição de conhecimento. Além do

mais, há constância nas experiências com o público jovem, no entanto, não foram detectadas pesquisas desenvolvidas em instituições que trabalham com a pedagogia da alternância, metodologia adotada pela escola na qual esta investigação foi desenvolvida.

O levantamento realizado priorizou os trabalhos que envolveram teses e dissertações, com foco nos campos de experiência com a plataforma Youtube, uma vez que esse foi, ao final da pesquisa, o foco principal dos trabalhos desenvolvidos pelos estudantes da EFAL.

Temos no Quadro 2, resultado do levantamento feito nos repositórios: Scielo, RCAAP e BDTD, com compilação de estudos realizados nas Universidades do Minho, em Portugal, Universidade de Brasília, Universidade de São Paulo, Universidade do Rio de Janeiro e Universidade de Uberlândia, em Minas Gerais.

Quadro 2 - Estado da Arte: Especificação do *corpus* da pesquisa

TÍTULO	RESUMO	INSTITUIÇÃO	TIPO	ANO
A produção e utilização de podcasts na dinamização de uma webrádio.	O presente estudo descreve uma experiência pedagógica pioneira realizada no agrupamento de escolas Vale do Tamel, Barcelos, e que teve como objetivo principal criar e dinamizar uma WebRádio, recorrendo às tecnologias Web 2.0, em especial o podcast	Universidade do Minho / Portugal	Dissertação	2010
Vídeo como ferramenta no processo formativo de licenciados em educação do campo.	O trabalho foi desenvolvido com 22 educandos do curso de Licenciatura em Educação do Campo (LEdoC) ofertado pela Universidade de Brasília, campus de Planaltina, desde 2007 em período de alternância - Tempo Escola (TE) e Tempo Comunidade (TC).	Universidade de Brasília (UNB)	Dissertação	2014
A Informação e a Comunicação na escola: tecnologias, redes e fluxos.	O presente projeto de investigação visa essencialmente estudar detalhadamente como se desenvolve a comunicação educacional num agrupamento de escolas, com especial atenção para a função que as Tecnologias de Informação e Comunicação (TIC) desempenham (ou podem desempenhar) no processo.	Universidade do Minho / Portugal	Tese	2015
TÍTULO	RESUMO	INSTITUIÇÃO	TIPO	ANO

<p>Oficinas de Comunicação no centro das juventudes de Santos: uma experiência à luz de Anton Makarenko</p>	<p>O trabalho in loco é apoiado na fundamentação teórica dos campos da Educação e da Comunicação, em suas interfaces, tendo a perspectiva pedagógica do ucraniano Anton Makarenko (1888-1939) como principal referência, além de contribuições da Psicologia Social Comunitária</p>	<p>Universidade de São Paulo</p>	<p>Dissertação</p>	<p>2014</p>
<p>Nas mãos dos jovens: modalidades do uso de celular para a produção de vídeos no contexto de uma escola pública.</p>	<p>A pesquisa analisa como a experiência de produção de vídeo com celular por estudantes de uma escola pública do Distrito Federal se manifesta nas relações diretas entre eles, entre eles e a tecnologia e principalmente entre eles e a escola</p>	<p>Universidade de Brasília</p>	<p>Dissertação</p>	<p>2011</p>
<p>Produção e recepção de vídeos por estudantes de ensino médio. Estratégia de trabalho no laboratório de Física</p>	<p>Um projeto de produção de vídeos de curta duração pelos estudantes é proposto como estratégia alternativa para o laboratório de Física no Ensino Médio – cuja contribuição para a aprendizagem vem sendo fartamente discutida a partir da última metade do século XX. O projeto foi implementado em 2008 em três turmas de uma escola do Rio de Janeiro ao longo de 4 meses</p>	<p>Universidade do Rio de Janeiro</p>	<p>Dissertação</p>	<p>2011</p>
<p>Oficina Educomunicativa de produção de vídeos: construção de significados sobre problemas socioambientais.</p>	<p>Esta pesquisa tem como objetivo analisar a construção de significados por alunos do ensino fundamental de escolas públicas de Uberlândia (MG) sobre os problemas socioambientais do seu entorno a partir das capacidades de leitura e expressão audiovisual</p>	<p>Universidade Federal de Uberlândia</p>	<p>Dissertação</p>	<p>2016</p>

Fonte: Dados da pesquisadora a partir dos repositórios Scielo, RCAAP e BDTD (2018).

Para efeito de levantamento de informações, foram usados os critérios de inclusão e exclusão de tópicos para um melhor recorte do conteúdo. A definição para esta pesquisa foi realizada dispensando os trabalhos que estavam fora do período por conta da necessidade da atualidade do material. A incursão se deu pelos estudos empíricos, teses, dissertações e outros, principalmente nas relações das produções audiovisuais e a Educação e Comunicação, proposta principal dessa investigação, conforme consta no Quadro 3:

Quadro 3 - Critérios de Inclusão e Exclusão

Inclusão	Exclusão
Estudos empíricos	Estudo experimental
Estudos de produção de vídeo relacionado à Educação	Estudos de produção de vídeo não relacionados à Educação
Teses e Dissertações	Revistas
Produções científicas avaliadas por pares	Trabalhos de Conclusão de Cursos
Publicações dos últimos 10 anos	Publicações fora do período

Fonte: Dados da pesquisadora.

Nesta sessão apresentamos o campo teórico pesquisado, falamos sobre a importância dos letramentos e o papel da escola enquanto tutora de conteúdo na vida dos alunos, as transformações pelas quais estão passando os veículos tradicionais de mídia e o deslocamento das informações para as redes sociais, espaço que exige do usuário competências de natureza técnica, a exemplo de checagem de notícias, uma vez que a produção desse tipo de conteúdo é fruto de um grande aparato tecnológico, além de trabalhos com as áreas da estatística e inteligência artificial.

Na sessão a seguir, estão o planejamento e a estruturação das oficinas enquanto espaços de identidade para os sujeitos nas relações da Educação e Comunicação.

4. SESSÃO IV – ATANDO OS NÓS DA TEORIA E PRÁTICA. AS OFICINAS E A CONSTRUÇÃO DOS ESPAÇOS DE IDENTIDADE NA RELAÇÃO EDUCAÇÃO E COMUNICAÇÃO

As oficinas foram pensadas atendendo aos objetivos deste trabalho, em conformidade com estratégias utilizadas no desenvolvimento de competências de produção midiática, para ampliar as possibilidades de leitura e releitura crítica do mundo e suas transformações. Entre as propostas constam: estudar as funções da mídia como elemento do acesso à cidadania; estimular a leitura crítica da mídia considerando o papel dela na sociedade; construir produtos de mídia nas múltiplas linguagens com base no conteúdo do currículo escolar; compartilhar a elaboração dos produtos das oficinas em diferentes plataformas de divulgação.

Para as oficinas, sempre levei o mais reduzido aparato tecnológico de que dispunha. Apenas um aparelho celular, para não atestar uma ideia pré-concebida de que as práticas de mídia dependem, muitas vezes, de um arsenal tecnológico grandioso, equipamentos profissionais de última geração, material geralmente inacessível para o público com o qual estava trabalhando. Fonseca (2004) critica a redução de processos de comunicação aos meios tecnológicos e a inserção apenas como recurso didático. Era preciso mostrar que o letramento midiático e a leitura crítica dos meios podem se abrigar em várias disciplinas do currículo da escola e ‘atravessar’ diversos conteúdos.

4.1. O jornal impresso em sala de aula

O jornal impresso é ainda um dos meios de comunicação utilizados por professores em sala de aula, talvez pela escassez de material audiovisual nas escolas, talvez pela intimidade de professores com o formato do impresso ou ainda por conta da facilidade da portabilidade, o veículo esteja presente em muitas atividades relacionadas ao multiletramento e educação para as mídias. Mas trabalhar o impresso apenas como uma coletânea de notícias e informações é desprezar o universo de possibilidades que o jornal oferece enquanto produto de mídia. Cavalcanti (1999) lembra que mesmo que pareça isento de algum critério de valor, o jornal representa o momento histórico-social e não deve fechar-se em opiniões, mas

possibilitar reflexão e questionamentos.

No primeiro encontro trabalhei com o jornal, apesar de ter tido a informação que nenhum aluno era leitor da mídia impressa. Era preciso conhecer os vários modelos de comunicação ainda em circulação. A fala do único professor a participar da atividade no dia da primeira oficina foi fez um alerta:

‘Eu sinto que eles têm dificuldade em fazer resumos, em tirar as ideias principais do texto, destacar uma ideia central na leitura de um trabalho’ (Fala de um professor, Diário de Bordo – Rosângela Dória / Fevereiro de 2017).

De acordo com o Indicador de Analfabetismo Funcional (INAF), a escolaridade não garante o alfabetismo, conceito que abrange duas dimensões: o letramento que é a habilidade de ler e escrever e na matemática, a condição de estruturar raciocínios lógicos para as questões da vida. A fala do professor traduz uma realidade acrescida de preocupação em relação às condições percebidas nos alunos. A leitura é fundamental na compreensão de textos nas mais diversas disciplinas, e pode comprometer severamente o avanço do aluno ao longo da vida escolar e fora dela.

Soares (2008), discorrendo sobre as partes que compõem o termo Educomunicação, lembra que se trata de um neologismo em que três conceitos estão claros: Educação, Comunicação e Ação. Estava estabelecida como primeira discussão ‘A leitura crítica dos meios e o papel das mídias na representatividade dos sujeitos’, contemplando o conteúdo previsto no projeto: trabalhar as mídias como apoio aos conteúdos do currículo escolar, levando em conta a carência identificada pelo professor nas atividades realizadas pelos estudantes da EFAL em sala. Na primeira oficina, debatemos de forma geral, os conceitos mais importantes em relação às mídias, para a percepção do entendimento que os meninos faziam do tema.

A proposta do trabalho com o impresso foi de realizar com os alunos, inicialmente atividades de ‘reconhecimento’ do material. A discussão girou em torno das explicações das partes que compõem um jornal impresso: *lide*, legenda, notas, pautas, capa, editorial, reportagem especial, informe publicitário, notas, colunas, caderno de variedades, caderno de esportes, coluna social, fotografias, manchetes, artigos, charges. Foram comparados os modelos das publicações e se debateu a semelhança muito próxima entre elas, além da percepção de poucas mudanças estruturais ao longo dos anos na indústria jornalística da mídia impressa.

A discussão do jornal como atividade privada auxiliou no debate sobre

informação de qualidade aos cidadãos, Economia, diversidade de veículos de Comunicação e papel do Estado na liberação de concessões públicas para emissoras de rádio e televisão. A atividade foi encerrada com a escolha de uma reportagem e um exercício de recorte para análise da ideia central, personagens, fatos, cenário e avaliação dos elementos, a exemplo de imagens escolhidas e termos definidos para chamar a atenção do leitor.

A atividade da primeira oficina, que trabalhou as narrativas da mídia impressa, teve como base as explicações de um dos princípios básicos do Jornalismo que é a construção da notícia. Nela devem estar os chamados “cinco ‘W’”,³⁴ além do H de como, que significam: ‘QUEM’, ‘O QUÊ’, ‘ONDE’, ‘QUANDO’ e ‘POR QUÊ’, além de ‘COMO’. Esses elementos são necessários na construção e compreensão de uma notícia jornalística. Servem, do mesmo modo, para a interpretação e compreensão de outros textos, a exemplo dos que estão nos livros didáticos ou outras fontes usadas pelos professores.

Os primeiros encontros se concentraram mais nas questões teóricas por conta da necessidade de explicação sobre os modelos de produtos de mídia presentes no Brasil e algumas concepções acerca dos elementos que compõem esses produtos. Mesmo com atividades práticas desde o primeiro momento, o foco principal foi destinado ao debate com participação dos estudantes para que houvesse um entendimento claro sobre tudo que seria realizado posteriormente. O fazer, mesmo que não se perceba claramente, carece de uma metodologia amparada nos critérios de criação, elaboração e execução.

4.2. Módulos das oficinas: estruturação e planejamento

Foram realizados 04 módulos com 16 encontros presenciais durante os anos de 2017 e 2018 para a aplicação de oficinas e reordenamento das atividades propostas para os alunos, no planejamento da ação/intervenção. Houve também acompanhamento das atividades pelo grupo do *WhatsApp*, espaço escolhido pelos próprios estudantes como um meio de comunicação no período do contraturno da alternância e também nos períodos sem a realização das atividades.

³⁴ As siglas foram herdadas do inglês. No ‘lide’ ou ‘lead’, que é primeiro parágrafo de um texto jornalístico, seis perguntas básicas devem ser respondidas: as mais usadas são os 5 W: ‘who’ (quem?) ‘what’ (o quê?) ‘where’ (onde?) ‘when’ (quando?) ‘why’ (por quê) e ainda o ‘how’ (como).

Participaram das ações em 2017, alunos do 1º ano e 2º do ensino médio; e em 2018, os mesmos estudantes que depois avançaram para o 2º ano e 3º ano do ensino médio. Para a coleta de informações e avaliação dos trabalhos, foram usados como instrumentos, fichas de avaliação de vídeos e grupo focal com 12 alunos das duas turmas envolvidas no projeto.

Foram convidados para avaliar os vídeos, especialistas com formação na produção de audiovisual e projetos de letramentos voltados para jovens, além dos professores que ao longo dos trabalhos mais se envolveram e se identificaram com as oficinas. No primeiro encontro trabalhamos com a conceituação sobre mídia e a percepção geral dos alunos a respeito do tema, conforme o Quadro 4:

Quadro 4 - Oficina 1 - Conceito e tipos de mídia

Tema	Mídias: conceituação e tipos
Conteúdo	Debate com exemplos de reportagens de televisão e propagandas para que os estudantes pudessem discutir o que representa a mídia na sociedade atual. As diferenças entre modelos corporativos e alternativos de Comunicação, nos meios tradicionais e nas redes sociais, financiamento, concessão pública e importância da liberdade de imprensa, mas, principalmente, a relação da mídia com os sujeitos da atualidade, que não apenas consomem mídia, mas criam e produzem.
Atividade/ Estratégia	Divisão da turma em grupo de no máximo 5 integrantes. Distribuição de jornais impressos de Sergipe: jornal da Cidade, jornal Cinform, jornal do Dia e jornal Correio de Sergipe. Escolha de uma notícia para avaliação dos cinco 5 'W' identificando nas reportagens todos os tópicos: o quê?, quando?, como?, onde e porquê
Material	Exemplares de jornal impresso, data show, folha ofício e internet disponível em sala de aula
Produto	Elaboração de um roteiro com os tópicos identificados nas reportagens
Atividade para casa	Seleção de um produto midiático (clipe musical, cena de novela, reportagem de telejornal, reportagem impressa ou da internet, história em quadrinhos, peça publicitária, etc). Elaboração de texto descrevendo impressões sobre o conteúdo selecionado

Fonte: Dados da pesquisadora.

No segundo encontro com as turmas, verifiquei que os alunos não realizaram em casa, a atividade proposta e inicialmente não quiseram justificar o motivo. Indaguei explicando que sem o retorno, nossos trabalhos ficariam prejudicados. Uma das meninas em sala pediu a palavra e disse que a atividade não foi feita porque nenhum

deles tinha internet em casa ou mesmo pacote de dados no celular. E que a maioria só acessa a internet na escola, até porque são raros os lugares que contam com sinal livre de internet na comunidade, em Japoatã.

Esse dado foi fundamental para a segunda reordenação do planejamento numa ação possível na pesquisa intervenção. As atividades ‘de casa’, deixadas para o contraturno, teriam que ser feitas sem a internet ou iniciadas ainda na escola. Depois desse momento, senti que eles ficaram mais à vontade e o estranhamento inicial deu lugar a uma turma curiosa e participativa.

Partimos para nossa segunda oficina, em que trabalhamos com vários produtos de mídia (Quadro 5) e realizamos em sala de aula a atividade que teria ficado para ser feita na comunidade no período da alternância.

Quadro 5 - Oficina 2 - Gramáticas da Comunicação

Tema	Gramáticas da Comunicação
Conteúdo	Quais as diferentes linguagens da mídia? Foram usados trechos de filmes, de novelas, de clipes musicais, telejornais, quadrinhos, programas de rádio e peças publicitárias para analisar os elementos que compõem a gramática das mídias. Qual a importância da imagem? Como o som interfere na transmissão de uma mensagem? A função das cores nas mensagens. A composição gráfica/imagética dos produtos interfere nos conteúdos apresentados? Esses foram os questionamentos discutidos na exposição.
Atividade/ Estratégia	Na segunda metade deste encontro, os estudantes foram divididos em grupos de no máximo quatro componentes. Eles utilizaram os conteúdos da gramática da mídia para analisar os produtos selecionados em sala. A maioria decidiu por clipes musicais e alguns canais de humor no Youtube. A escolha foi livre e decidida pelo grupo. Analisaram áudio, figurinos, cenários e outros elementos dos clipes escolhidos
Material	Para este encontro foram utilizados celulares dos alunos, <i>datashow</i> , caixas de som, papel ofício e internet em sala de aula
Produto	Elaboração de um roteiro com a descrição dos produtos e com os tópicos identificados nas mídias escolhidas

Fonte: Dados da pesquisadora.

Discutidos os principais elementos que compõem um vídeo, seja para um filme, um comercial ou uma novela, o planejamento se encaminhava para um componente importante na realização de qualquer gravação: o roteiro escrito.

Havia, nos primeiros encontros, uma fala de uma professora em relação à falta de organização dos alunos quando da realização de visitas às fábricas, empresas ou outro local, como atividades da escola:

“Depois que eles voltam das visitas e vão fazer os trabalhos, os relatórios, sai tudo igual e lá quando eles chegam, não sabem o que vão perguntar” (Fala de uma professora, Diário de Bordo / Rosângela Dória / junho de 2017)

Houve uma adequação das técnicas de entrevista para a proposta apresentada pela professora. Como estava prevista uma visita a uma fábrica de fertilizantes, realizamos o roteiro com as técnicas e sugestões de entrevista e observações do local para posterior criação dos relatórios. Os alunos foram divididos em grupos e cada um deles trabalhou numa ‘pauta’ diferente a ser cumprida durante a visita.

Cada grupo, durante a atividade extra proposta pela EFAL, se encarregaria de um tema para que os trabalhos, ao final do período, não tivessem o mesmo formato com as mesmas informações. O trabalho foi feito com várias modalidades de roteiro, conforme o Quadro 6:

Quadro 6 - Oficina 3 - Técnicas de roteirização, entrevista e edição

Tema	Técnicas de roteirização, entrevista e edição
Conteúdo	O que é um roteiro e qual sua importância para edição e montagem de um produto midiático? A turma teve contato com diferentes modelos de roteiro: de reportagem de TV, de cinema, de novela, de rádio, etc. O encontro foi baseado na análise dos elementos que compõem esses roteiros e qual a importância deles na montagem e edição de produtos midiáticos. Técnicas de entrevista, tipos de entrevista e Edição
Atividade/ Estratégia	No primeiro momento deste encontro, a turma foi novamente dividida em grupos e cada um desses grupos produziu um roteiro para um produto audiovisual ou sonoro que considerasse o conteúdo trabalhado em sala de aula. O roteiro serviu de base para as produções futuras. Foram feitos roteiros para entrevista sobre uma visita a uma fábrica de fertilizantes. Houve conversa sobre os tipos de edição e a função de cada um deles
Material	Para este encontro foram utilizados os celulares dos alunos, <i>datashow</i> , caixas de som, papel ofício e internet em sala de aula

Fonte: Dados da pesquisadora.

Era chegada a hora que os meninos tanto esperavam: a gravação de vídeos. Durante as primeiras oficinas, foi uma das perguntas mais frequentes feitas por eles na ansiedade de ‘fazer logo’ como diziam. Não seria nada muito perfeitamente técnico, apenas um primeiro contato com a câmera do celular e com os processos de edição. A ideia era usar o laboratório, mas não foi possível por conta de mais uma vez os computadores apresentarem problemas no sistema operacional.

A atividade de gravação dos vídeos, (Quadro 7), levou cerca de uma hora e todos voltaram para a sala, mas sem a possibilidade de exibição do material no

datashow, por problemas no equipamento. Ninguém tinha como 'baixar' os vídeos. Muitas vezes, as capacidades adquiridas com os multiletramentos esbarraram nas condições estruturais da escola.

Quadro 7 - Oficina 4 - Gravação de Vídeos

Tema	Gravação de vídeos
Conteúdo	Percepção da importância dos itens que compõem um produto audiovisual: iluminação, áudio, enquadramento e narrativa
Atividade/Estratégia	Gravação de vídeos nas dependências da escola. A atividade foi feita em grupo com divisão dos trabalhos de filmagem e edição. A proposta era uma avaliação em conjunto em sala de aula. Ao final das gravações, os alunos em conjunto avaliaram 10 vídeos usando como critérios: roteiro, enquadramento, captação de áudio, iluminação e conteúdo trabalhado
Material	Para este encontro foram utilizados os celulares dos alunos, <i>datashow</i> , caixas de som, papel ofício e internet em sala de aula

Fonte: Dados da pesquisadora.

Com os vídeos produzidos no encontro anterior, partimos para uma avaliação técnica em conjunto (Quadro 8), para a realização também de uma autoavaliação, para que os estudantes percebessem os critérios que norteiam uma produção audiovisual considerada de qualidade e comparassem o material produzido com auxílio dos dispositivos móveis. A atividade foi realizada em sala de aula com a participação de todos os alunos e o professor de Informática que acompanhou os meninos nas gravações.

Usamos como critérios básicos: iluminação, enquadramento, vinheta, áudio e narrativa para que os alunos comesçassem a se acostumar a trabalhar orientados por esses elementos da composição do produto audiovisual.

Quadro 8 - Oficina 5- Gravação de vídeos

Tema	Técnicas de gravação de vídeos
Conteúdo	Para produzir os vídeos ou áudios, cada estudante realizou pesquisa sobre o tema selecionado por seus respectivos grupos. Essa pesquisa obedeceu aos critérios de aprofundamento da discussão sobre a responsabilidade de cada um sobre o tema a ser gravado.
Atividade/Estratégia	Neste encontro foram apresentados detalhamentos técnicos como iluminação, enquadramento, vinheta, áudio e narrativa para a gravação de vídeos. Foi um momento de exposição de conceitos técnicos e na sequência os estudantes foram divididos em grupos para que pudessem, a partir dos roteiros elaborados no primeiro módulo, discutir a gravação ou confecção dos produtos, que versaram sobre conteúdos estudados em sala. Na atividade, os alunos decidiram sobre temas do currículo para as próximas gravações.

Material	Para este encontro foram utilizados os celulares dos alunos, <i>datashow</i> , caixas de som, papel ofício e internet em sala de aula
Atividade para casa	Produção de um vídeo de um lugar preferido de cada um na comunidade

Fonte: Dados da pesquisadora.

Já com a informação que não havia internet disponível na casa dos alunos, propus uma atividade que fizesse com que eles gravassem no período da alternância.

Não falei sobre critérios de qualidade do vídeo ou avaliação técnica. Percebi, já desde os primeiros dias de oficina, e na primeira atividade desse segundo encontro que eles tinham uma preocupação muito grande com as avaliações sobre os vídeos, tinham vergonha de mostrar os vídeos e serem ‘julgados’.

Muitas vezes enviavam, pelo *WhatsApp*, no privado e pediam que as gravações não fossem exibidas em sala de aula. A atividade foi a proposta de gravação de um vídeo com as seguintes recomendações: 1-Escolha de um lugar com o qual se identificassem na comunidade; 2- Gravação em *selfie* ou narração da imagem com as informações escolhidas; 3 - Compartilhamento do vídeo no grupo do *WhatsApp*; 4- Tempo máximo de dois dois minutos de gravação; 5- O vídeo não poderia ter edição; deveria ser gravado numa única sequência, com apresentação do aluno, o local escolhido e as razões da escolha. Os vídeos produzidos foram avaliados na oficina seguinte, conforme Quadro 9.

Quadro 9 - Oficina 6- Vídeos

Tema	Autoavaliação dos vídeos
Conteúdo	Trabalhar a percepção dos alunos em relação a um problema apresentado nas gravações que deve ser tratado de forma científica. Relacionar a queixa dos moradores em relação às galinhas a uma solução apresentada pelos especialistas na área. Fazer uma reflexão entre a comunidade e a escola e o papel dos alunos na alternância em busca de soluções para os problemas e encaminhar as alternativas de solução utilizando os critérios de pesquisa que o ensino profissionalizante exige
Atividade/ Estratégia	Avaliação em conjunto, em sala de aula, entre os alunos, dos elementos que compõem o produto audiovisual levando em consideração as características discutidas nos encontros anteriores e avaliação dos vídeos produzidos por eles. Elaboração de um jornal impresso da EFAL usando como base as informações da pesquisa realizada com os professores sobre os problemas da horta apresentados nas gravações. Criação de um roteiro para entrevistas com os professores especialistas
Material	Para este encontro foram utilizados os celulares dos alunos, <i>datashow</i> , caixas de som, papel ofício e internet em sala de aula

Fonte: Dados da pesquisadora.

Dos 34 alunos, 15 fizeram as gravações. As alegações dos que não fizeram foram as mais variadas possíveis: ‘perdi meu carregador’, ‘tava com memória do

celular cheia’, ‘não gosto de nenhum lugar’, ‘fiquei com vergonha’ ou ‘esqueci de fazer’. Os 15 alunos que fizeram seus vídeos, mostraram lugares como bares, ruas, pequenas lagoas, ou a própria escola.

Mas um fato chamou minha atenção: dos 15 vídeos, 8 filmaram as hortas da casa de cada um deles e em 5 vídeos, houve relatos sobre galinhas que estavam comendo as hortaliças, em especial, o coentro. Muitos alunos ficaram surpresos com a informação levada para a sala, pelos colegas, conforme consta no diário de bordo da pesquisa:

“Não sabia que na sua casa as galinhas também acabavam com o coentro” (Fala de um aluno. Diário de Bordo – Rosângela Dória / agosto de 2017)

Chamei a atenção para o fato e abrimos um debate sobre o tema. Os alunos começaram a falar sobre as prováveis causas, mas sem chegar a conclusões. Eles foram alertados para o risco do ‘achismo’, uma vez que se encontravam numa escola de ensino profissionalizante, e teriam por obrigação, pesquisar o assunto de forma científica. Neste dia, dois professores participavam da oficina e um deles era da área da Agronomia.

Sugeri que fosse feita pelos alunos uma pesquisa com auxílio do professor para se descobrir o motivo de as galinhas comerem o coentro. Como já havíamos trabalhado o gênero entrevista e elaboração de roteiro, solicitei que entrevistassem, além do professor da área, um técnico de fora da escola para auxiliar nas dúvidas. Nessa atividade, os alunos usaram mais uma vez as competências adquiridas para a pesquisa científica com fontes confiáveis para a elaboração dos trabalhos.

No encontro seguinte, na oficina 7, seria elaborada pelos estudantes, com auxílio do professor, a edição do jornal impresso (Quadro 10). Neste dia, participaram dois colegas do Núcleo para o auxílio aos grupos, já que a intenção era a de deixar o jornal finalizado e pronto para a impressão naquele mesmo dia.

Quadro 10 - Oficina 7- Primeiro jornal impresso da EFAL

Tema	Elaboração do jornal impresso
Conteúdo	Noções de construção da notícia com elementos na ordem da narrativa jornalística. Priorização dos itens mais importantes na transcrição da entrevista do especialista. Pesquisa de imagens para o jornal.
Atividade/ Estratégia	Transcrição da entrevista de especialista realizada pelos estudantes, formatação do jornal, escolha de fotos, títulos, manchete e elaboração dos textos das reportagens. A atividade foi realizada no laboratório da EFAL, única em todo o tempo de projeto.

Material	Para este encontro foram utilizados os celulares dos alunos, <i>datashow</i> , caixas de som, papel ofício e internet em sala de aula.
Produto	A primeira edição do jornal impresso da EFAL.

Fonte: Dados da pesquisadora.

A publicação que ganhou o nome de: JORNAL DA REDE EFAL DE COMUNICAÇÃO, foi feita no Word (Figura 10), elaborada no formato de jornal impresso, com colunas, títulos, manchete, fotos e ainda recursos de hiperlink a que os alunos tiveram acesso na oficina de Alfabetização Informacional. A manchete ‘**A galinha está comendo o coentro de mainha**’ foi retirada da fala de uma aluna que também relatou o problema nos vídeos produzidos.

4.3.O jornal da EFAL

Figura 10 – 1ª Edição e 2ª Edição



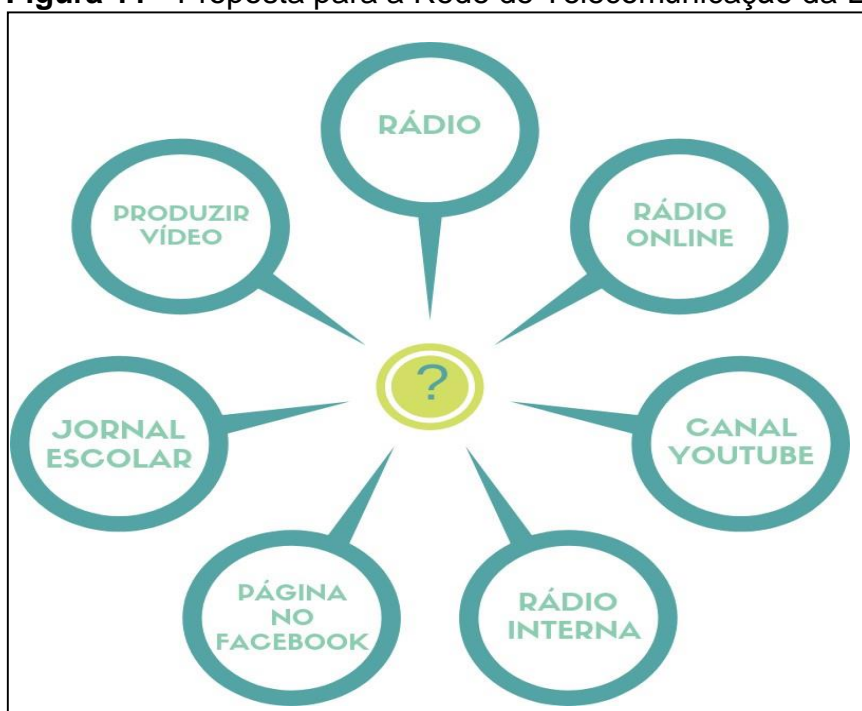
Fonte: Dados da pesquisadora.

Antes do quarto e último encontro de 2017, um dos alunos postou no grupo do *WhatsApp*, uma proposta da criação do que eles chamaram de ‘**Rede de Telecomunicação da EFAL**’. Criaram um modelo de Edital com inscrições para as atividades de repórter, apresentador, câmeras, âncoras, editor, redator, fotógrafo, radialista, jornalista e comentarista.

O objetivo era a criação de um canal de Televisão, Rádio e Jornal. A proposta

seria a divulgação das atividades da escola. Na publicação, foi feita uma campanha para a elaboração de uma marca, já que a escola não tinha uma imagem para publicação nas redes sociais e na própria instituição. Era objetivo da equipe de alunos trabalhar em 'várias frentes', gerando múltiplos produtos conforme Figura 11:

Figura 11 - Proposta para a Rede de Telecomunicação da EFAL



Fonte: Elaboração da autora no software Canva.

O último encontro de 2017 serviu para reordenar a proposta apresentada por eles em relação à '**Rede de Telecomunicação da EFAL**'. Era necessário, num debate com os alunos, realinhar a proposta, levando em conta as condições da escola e o que eles entendiam por 'Telecomunicação', 'Comunicação', 'Rede', diferenças entre as funções de jornalista e radialista, editores e âncoras. Foi apresentada por eles uma lista com os nomes de 25 alunos interessados em participar. Não houve interferência minha para a seleção dos 'candidatos'. Eles teriam que se organizar e estruturar os trabalhos.

Durante esse encontro, foi discutida a possibilidade de se trabalhar com um veículo de cada vez e a turma sugeriu que fosse feito um programa de rádio porque o diretor da rádio comunitária Japoatã FM, localizada no centro do município de Japoatã, ao saber das atividades dos meninos, fez contato com a direção da escola e ofereceu um espaço na programação da emissora para que fosse apresentado um programa sobre a EFAL.

Diante da informação, abri um espaço na agenda e marcamos ainda em novembro, fora das datas das oficinas, um dia para fazermos uma visita à rádio. O coordenador Wagner dos Santos ficou responsável para agendar o dia e organizar um grupo de alunos. A sequência das oficinas foi organizada para inclusão dos tipos e modelos de rádio no país, conforme o Quadro 11.

Quadro 11 - Oficina 8 - Debate sobre a proposta da Rede de Telecomunicação da EFAL

Tema	Rede de Telecomunicação da EFAL
Conteúdo	Conceituação de modelos de emissoras de radiodifusão: comercial, religiosa, educativa, noticiosa (as chamadas 'all news') e uma discussão sobre os aspectos de uma rádio comunitária e sua natureza de 'financiamento'
Atividade/Estratégia	Em semicírculo, os alunos participaram de uma explanação sobre os modelos de rádio e tiraram dúvidas sobre o funcionamento das rádios comunitárias no Brasil. Houve apresentação de trechos de programas de rádio, a exemplo do repórter ESSO, radionovelas, programas de notícias, Voz do Brasil e programas de humor em várias emissoras do país.
Produto	Modelos de roteiros para programas que serviriam de sugestão para a Rádio Comunitária de Japoatã
Material	Para este encontro foram utilizados os celulares dos alunos, <i>datashow</i> , caixas de som, papel ofício e internet em sala de aula
Atividade para casa	Elaboração de roteiros com sugestões de programas de rádio para a grade de programação da Rádio Comunitária de Japoatã. O trabalho deveria ser feito em grupos no período da alternância

Fonte: Dados da pesquisadora.

A visita foi realizada no dia 11 de novembro e o encontro foi marcado na sede do município em Ladeirinhas - Japoatã. Ao chegar à rádio, fomos recebidos por um locutor que logo nos perguntou: “onde ficava essa tal de EFAL?” Vimos ali que faltava muita informação sobre a escola no município.

Aguardamos o diretor que também era locutor da emissora. Ele, ao contrário do colega, já tinha escutado informações sobre a escola e tinha todo o interesse em fazer o que ele chamou de 'parceria'. Ele nos deu uma explicação geral sobre a rádio e nos ofereceu três horários para a apresentação do programa:

Tabela 9 – Horários disponíveis pela Rádio Japoatã

Segunda	Terça	Quarta	Quinta	Sexta	Sábado
16 às 17h	16 às 17h	16 às 17h	16 às 17h	16 às 17h	16 às 17h
			17h		
	18h		18h		18h

Fonte: Dados da autora.

Decidiu-se por criar mais um grupo no *WhatsApp* para a troca de informações e acompanhamento dos trabalhos, uma vez que passaríamos o final do ano e só retornaríamos com as oficinas em 2018. O grupo recebeu o nome de 'Rádio EFAL' e contou com a participação dos alunos que fizeram a visita, eu e o diretor da escola.

A tarefa para o intervalo entre as oficinas seria dividir a turma em grupos, discutir temas e elaborar roteiros com as propostas para o programa da rádio.

Percebi que os alunos não participavam muito das interações no grupo e alguns preferiam enviar mensagens para o meu número de *WhatsApp* pessoal. Solicitei que pudessemos todos conversar no grupo Rádio EFAL para que a dúvida de um pudesse ajudar todos.

A interação melhorou e alguns roteiros começaram a ser discutidos. Mas a dificuldade de conexão dos meninos em casa criava dificuldades no andamento das atividades, conforme relatado anteriormente.

4.4. Proposta de temas para o programa da Rádio Japoatã

Após o debate feito em sala de aula e a visita à rádio Japoatã, foi decidido que seria realizada uma oficina para a discussão do programa a ser ofertado para a rádio. Os alunos tiveram que decidir em conjunto o tempo e tema dos programas (Quadro 12).

Quadro 12 - Oficina 9 - Programação da Rádio EFAL

Tema	Programação elaborada pelos alunos para avaliação
Conteúdo	Percepção do público-alvo de uma rádio comunitária. Análise do perfil do público ouvinte da emissora e do papel do rádio na vida de uma comunidade. Perfil da rádio Japoatã
Atividade/Estratégia	Discussão em grupo sobre temas e propostas para cada uma das sugestões de programa feitas pelos estudantes. Definição dos assuntos a partir dos temas propostos para garantir a diversidade de propostas para o projeto do programa da EFAL
Produto	Elaboração de roteiros com as sugestões de programação da rádio
Material	Para este encontro foram utilizados os celulares dos alunos, <i>datashow</i> , caixas de som, papel ofício e internet em sala de aula
Atividade para casa	Elaboração da grade com pelo menos duas horas diárias de programação

Fonte: Dados da pesquisadora.

Em grupos, os alunos discutiram os temas e elaboraram cinco propostas de programas para a rádio (Quadro 13).

Quadro 13 - Cinco propostas de programas para a rádio

Proposta de programa 01	Curiosidades, mundo nerd, cultura geek e cinema, novos jogos disponíveis no mercado
Proposta de programa 02	Transmissão de conhecimentos dos cursos Técnico e Agropecuária da EFAL. Como cuidar de horta, como plantar em vários tipos de solo, fazer horta vertical para apartamento e casas. Planejamento para plantação, economia, cuidados com os animais da casa ou apartamento, tipo de terra para o local, quantidade de adubação e solução de problemas.
Proposta de programa 03	Assuntos relacionados à EFAL, divididos em assuntos humorísticos e um outro uma playlist de músicas.
Proposta de programa 04	Jornalismo e Humor, lembrete de atividades de atividades da escola, entrevistas com professores, clima local, informes de eventos, aniversariantes do mês e retrospectiva dos eventos a cada três meses. Músicas populares e artistas da escola.
Proposta de programa 05	Falar sobre a EFAL, rotinas e trabalhos na escola, assuntos estudados em sala de aula, avisos sobre eventos da EFAL, abordagem de problemas da comunidade escolar e também a comunidade do município, tentando conscientizar sobre formas alternativas de combater pragas, falar sobre projetos como o PPJ e outros desenvolvidos na escola, mensagem de reflexão e planos de estudo.

Fonte: Dados da autora.

Estávamos no período das férias, início de 2018, na EFAL e uma das atividades deixadas para que eles pudessem cumprir nesse intervalo foi a elaboração de roteiro (Quadro 14) para a execução das ideias compartilhadas em relação ao programa na Rádio Japoatã. Um modelo de roteiro foi compartilhado no grupo para que os alunos tivessem uma ideia de como são elaborados os roteiros de uma rádio.

Quadro 14 - Oficina 10- Elaboração de roteiro para programa de rádio

Tema	Roteiro
Conteúdo	Trabalhar com a síntese das ideias apresentadas, com o tema central das propostas e elaboração dos textos para a confecção dos roteiros.
Atividade/ Estratégia	Pensar em entrevistados, perguntas e noção de tempo para os programas
Produto	Elaboração de 01 roteiro para cada uma das propostas dos programas

A atividade constava em transformar cada tema proposto para os programas em roteiros de rádio (Quadro 15), que formariam a programação final com o tempo definido para cada um dos programas, conforme recomendação deixada para atividade de casa.

Quadro 15 - Modelo de roteiro

PROGRAMA NOTÍCIAS DA EFAL	HORÁRIO 9 DA MANHÃ	REDATOR ROSÂNGELA DÓRIA	DATA 04/01/2018	TEMPO 30 MIN
VINHETA ABERTURA Locutor	DE	Olá/ está começando mais um programa Notícias da Efal , com informações da Escola Família Agrícola Ladeirinhas/ Hoje vamos falar sobre o torneio de futebol que está sendo realizado aqui na escola / teremos o resultado das primeiras partidas e também já os primeiros medalhistas // a gente vai saber ainda como estão as matrículas, afinal os cursos estão com as vagas disponíveis e a comunidade já começa a procura e teremos também no programa de hoje uma entrevista especial com a professora de português / ela vai falar sobre a temida redação no enem e em concursos público/ afinal por que tanta gente tem medo de escrever? / é daqui a pouco//		
RODA VINHETA				

Fonte: Modelo de roteiro criado pela autora.

Percebi que apesar do entusiasmo inicial dos estudantes, as etapas para a execução das tarefas não estavam ocorrendo conforme o previsto. Tínhamos um cronograma a seguir, mas não vi chances de efetivação da proposta. Era hora de mais uma reordenada no planejamento inicial. Decidi propor uma reflexão na primeira oficina de 2018 (Quadro 16). Os alunos deveriam escrever um texto respondendo a três questões:

Quadro 16 - Oficina 11 - Atividade de reflexão sobre o programa da rádio

Tema	Avaliação da proposta da rádio Japoatã
Conteúdo	Levar os alunos a refletir sobre a responsabilidade de cada um no processo com as devidas atribuições na proposta apresentada pela emissora. Colocar para os estudantes a decisão no comprometimento com o projeto
Atividade/ Estratégia	Elaboração de um texto escrito: O que acha de se criar um canal de rádio? Você pretende usar esse aprendizado nas suas atividades? Você acha que a escola pode se tornar mais conhecida com
Material	Para este encontro foram utilizados papel ofício e caneta

Fonte: Dados da pesquisadora.

As respostas foram escritas, respondidas uma a uma ou em forma de redação. Nesse dia, 24 alunos estavam em sala de aula e todos participaram das atividades. Às vezes, o espaço ficava cheio e no decorrer das oficinas, alguns alunos iam saindo. Ou ao contrário: a oficina começava com poucos e ao final estava com todos os alunos em sala. Recolhi os textos para avaliação e propus a atividade para o contraturno da alternância.

Era hora de todos (alunos, professores, coordenadores) avaliarem as possibilidades reais de assumir um compromisso desse nível, uma vez que ocupar um espaço na grade de uma rádio requer compromisso de todos e um trabalho sem

interrupção, mesmo nas férias ou no período da alternância. Era necessária uma reflexão importante antes de fechar a parceria.

4.5. Avaliação de um caminho percorrido

Chegamos ao final da primeira etapa do projeto com um longo rastro de ricas experiências. Ainda havia um outro caminho a ser percorrido, mas já era possível perceber que todos dividiram reflexões e boas iniciativas nesse trajeto. Os meninos passaram por práticas de letramento cujo resultado pode ser visto em muitas das decisões tomadas por eles em várias situações.

Fazer uma leitura crítica da mídia foi um primeiro passo para uma linha do tempo que traria muitas outras aprendizagens. Até aqui eles já tinham adquirido algumas competências a exemplo de escolha de temas, elaboração de roteiros, recorte dos assuntos, elaboração de entrevistas, gravação, captação de áudio, uso da luz, enquadramentos, edição e publicação, além de compartilhamento de conteúdos produzidos na escola e em casa.

O período da alternância foi proveitoso para várias atividades, conforme proposta deste trabalho. A reflexão sobre o fazer partiu dos estudantes resultando em algumas mudanças de planejamento. As práticas de Educomunicação, presentes aqui, conforme descrevem Rojo e Moura (2012), são ações que permitem que as pessoas saibam guiar suas próprias aprendizagens e que tenham autonomia.

A primeira atividade de 2018 foi uma 'reflexão' que cada um fez acerca do programa de rádio, tarefa proposta ao final das oficinas em 2017. Resgatei algumas falas dos alunos registradas sobre as experiências e os produtos elaborados por todos até aquele momento.

Na sala estavam 29 alunos e alguns falaram sobre o convite para ocupar um espaço na programação da Rádio Comunitária de Japoatã. Os meninos chegaram à conclusão que não seria possível assumir esse compromisso por conta de uma série de motivos, entre eles o transporte para o deslocamento até à rádio, uma vez que a EFAL não teria como garantir o transporte.

Desistiram da proposta da rádio, mas não da divulgação da escola para a comunidade. Mas como fazer isso? Foi minha pergunta para eles. Eles disseram que queriam gravar vídeos falando sobre a escola para postagem num canal do Youtube. Ficou claro ali que os estudantes estavam em busca de reafirmar não só a identidade da EFAL, como também a deles mesmos. Assim como no jornal do ensino médio,

experiência relatada aqui no início desse trabalho, os alunos queriam ser ‘os meninos da EFAL’.

Com a decisão tomada por eles, todo o trabalho foi voltado para a produção audiovisual mais intensamente. O canal foi criado no Youtube e recebeu o nome de ‘EFAL’. A atividade nas etapas seguintes das oficinas foi focada no aprimoramento do material audiovisual que já se tinha produzido até ali e novas reorientações para os vídeos seguintes.

A produção de vídeos tem uma etapa inicial, normalmente com conhecimentos e técnicas ao alcance da maioria das pessoas que dificilmente passa da primeira fase; é o mero registro das imagens, uma colheita de consideradas boas cenas para compor um material completo. Numa etapa de maior apuração das técnicas, como lembra Watts (1990), é preciso raciocinar em imagens e suas sequências.

Nesse momento, voltamos as atividades para uma avaliação do material produzido (Quadro 17) para que os alunos tivessem a dimensão e a noção dos rumos que o projeto tomaria a partir dali. Como bem lembra Barbero (2014), é aprender a transformar a informação em conhecimento.

Quadro 17 - Oficina 12- Escolha e edição dos vídeos para o canal do Youtube

Tema	Definição dos vídeos para postagem
Conteúdo	Avaliação dos elementos de cada vídeo contemplando requisitos mínimos de qualidade que atendessem aos critérios de iluminação, áudio, narrativa, enquadramento e vinheta
Atividade/Estratégia	Na oficina, os alunos selecionaram alguns vídeos e foi discutida a necessidade de edição antes do compartilhamento. Foram definidas as responsabilidades de cada um com o canal e a periodicidade de postagem que seria de um novo vídeo a cada 15 dias. Foram avaliados os aplicativos de edição de imagens para dispositivos móveis: Filmorago, kinemaster, Vivavídeo, Imovie e Vídeoshow também para a produção das vinhetas
Material	Para este encontro foram utilizados os celulares dos alunos, <i>datashow</i> , caixas de som, papel ofício e internet em sala de aula

Fonte: Dados da pesquisadora.

A atividade foi direcionada para complementação no contraturno da alternância, com auxílio de um professor para a alimentação do canal. A estreia dos estudantes no Youtube foi algo comemorado por eles, anunciado nas redes sociais e compartilhado no grupo do *WhatsApp*. Vimos nascer finalmente a concretização de algo que eles buscavam muito, enquanto representação das próprias identidades.

Nesse momento, o projeto começava a se encaminhar para sua conclusão. Era quase o fim do primeiro semestre de 2018 e agenda dos professores começava a ficar

mais apertada sobrando pouco espaço para nossas visitas e intervenções.

Chegamos à EFAL, num dia em que mais uma vez nossa ida foi esquecida pela coordenação da escola, e na sala de aula havia uma discussão sobre as mentiras propagadas nas redes sociais. A convite do professor acabei participando dos debates com um tema que tomava conta do país naquele momento: o assassinato da vereadora do Rio de Janeiro, Marielle Franco (Quadro 18). A oportunidade ideal para a discussão dos procedimentos na checagem de conteúdo falso nas redes.

Quadro 18 - Oficina 13- Debate sobre Fake News/Caso Marielle

Tema	Fake News
Conteúdo	A era da desinformação: o novo ambiente das Fake News. Como identificar uma notícia falsa. Elementos de uma notícia falsa, checagem de informações, tipos de fontes, a lógica por trás de uma guerra de informações mentirosas, os casos mais conhecidos no mundo e no Brasil
Atividade/ Estratégia	Atividade: usando o caso Marielle Franco, separar o falso do verdadeiro e as notícias mais compartilhadas nas redes sociais relacionadas ao caso, analisando as características dessas notícias
Material	Para este encontro foram utilizados os celulares dos alunos, <i>datashow</i> , caixas de som, papel ofício e internet em sala de aula

Fonte: Dados da pesquisadora.

Os dois últimos encontros antes da realização do Grupo Focal foram destinados à avaliação e à autoavaliação dos vídeos e reordenamento para a gravação do vídeo 23 que encerraria nossa participação na escola.

Os alunos falaram da ideia de fazer um material, como se fosse uma propaganda, mostrando a escola, falando sobre as instalações e divulgando para chamar a atenção de outros jovens, já que estava próximo o período de matrículas na EFAL (Quadro 19).

Pedimos que fizessem o roteiro e colocamos como proposta que houvesse uma maior participação feminina à frente das gravações, aparecendo no vídeo. As reuniões de planejamento, a organização das tarefas e as gravações foram realizadas sem nossa presença. No vídeo 23 – Conheça nossa querida EFAL –, cinco alunos estão em vídeo: 3 mulheres e 2 homens. Foi a primeira vez que as meninas foram maioria nas gravações dos vídeos e isso pode ser elemento de incentivo para a participação de outras alunas nos próximos trabalhos.

Quadro 19 - Oficina 14 - Elaboração de roteiros com conteúdos da escola

Tema	Roteiros
------	----------

Conteúdo	Relacionar assuntos trabalhados em sala de aula com os professores às propostas de gravação de vídeos escolhendo e definindo temas para o produto audiovisual
Atividade / Estratégia	Reorientações para melhoria da qualidade das imagens nos vídeos do canal, descrição dos vídeos e ordem para as postagens. Organização para a gravação do material de divulgação
Material	Para este encontro foram utilizados os celulares dos alunos, <i>datashow</i> , caixas de som, papel ofício e internet em sala de aula

Fonte: Dados da pesquisadora.

A autoavaliação dos vídeos postados no canal do Youtube e outros ainda a serem publicados, foi realizada em sala de aula, em conjunto, oralmente por conta da indisponibilidade de tempo (Quadro 20). A oficina foi ‘esquecida’ pela coordenação e uma avaliação com fichas individuais deu lugar a um bate papo geral com alunos e um professor participante. A descrição da atividade será explicada posteriormente.

Quadro 20 - Oficina 15- Autoavaliação dos vídeos produzidos para o canal

Tema	Autoavaliação dos vídeos
Conteúdo	Reconhecimento e julgamento dos produtos criados pelos alunos para o Youtube. Com base nos critérios de qualidade, os estudantes selecionaram os vídeos que deveriam ser postados, modificados ou excluídos da propostas de publicação
Atividade/ Estratégia	Na sala, com a participação de um professor, os alunos avaliaram os vídeos produzidos. A análise foi feita oralmente. Foi feita uma lista com apresentação dos nomes dos vídeos gravados nas oficinas e selecionados para postagem
Material	Para este encontro foram utilizados os celulares dos alunos, <i>datashow</i> , caixas de som, papel ofício e internet em sala de aula

Fonte: Dados da pesquisadora.

O último encontro de 2108 se deu por conta da realização do Grupo Focal para o fechamento das atividades do projeto. Uma manhã foi destinada para reunião de um grupo de 12 alunos para reflexões em relação às atividades desenvolvidas durante o tempo do Projeto de Mídias.

5. SESSÃO V- RESULTADOS: ORGANIZAÇÃO DOS DADOS E ANÁLISE DO CANAL DE VÍDEO

Nesse capítulo serão apresentados os critérios de como foram organizados e avaliados os vídeos do canal da EFAL no YouTube, procurando responder a questão problema e aos objetivos propostos para a pesquisa. Minayo (2009) lembra que ao analisarmos e interpretarmos informações geradas por uma pesquisa qualitativa devemos caminhar tanto na direção do que é homogêneo, quanto no que se diferencia

dentro de um mesmo meio social.

A EFAL se apresentou para a pesquisa como um núcleo formado por indivíduos reunidos num mesmo projeto, dividindo experiências e práticas, mas que ao longo do processo foi se 'descortinando' em nuances cada vez mais recortadas. À medida que os trabalhos avançavam, aumentava a conexão entre os envolvidos numa parceria que passou a gerar resultados na prática.

Com a pesquisa qualitativa, há a aproximação dos sujeitos e o refinamento do olhar por sobre o objeto. O ir e vir das correções feitas a cada etapa, muitas vezes causou impressão de que as coisas não estavam andando conforme previsto. Para uma pesquisadora de primeira viagem como eu, alguns sinais soavam como descaminhos, mas entendi logo que eu seria personagem também dessas transformações e que não conseguiria abarcar o mundo com meus braços, como bem lembra Minayo (2009, p. 17):

Nenhuma teoria, por mais bem elaborada que seja, dá conta de explicar ou interpretar todos os fenômenos e processos. [...] A realidade não é tão transparente e é sempre mais rica e mais complexa do que nosso limitado olhar e nosso limitado saber.

Com as intervenções em curso, também me vi aprendendo, investigando resultados e objetos. No caminho, mudei a forma de ver as coisas, de lidar com os alunos e isso causou em mim uma certa estranheza por conta da 'movimentação' dentro do processo da pesquisa intervenção. Agora, consigo ver tudo por inteiro, como num álbum que completa sua última figurinha. Analisar as informações coletadas e ver que tudo andou conforme o encaminhamento feito é ter a pesquisa nas mãos pronta para a colheita.

O ponto de partida para esse capítulo de análises é o Grupo Focal, técnica de entrevistas em grupos para o recolhimento de informações. Nele estavam reunidos 12 meninos para uma conversa dirigida, mediada, que nos mostraria as falas de seus participantes para uma avaliação geral na etapa final do processo. A realização do Grupo Focal foi feita numa manhã como única atividade do dia com os meninos. Assim que cheguei à escola, o coordenador já estava a minha espera.

Expliquei como seria a atividade e disse que eu não escolheria as pessoas porque não queria criar um critério que pudesse parecer influenciar no resultado da conversa final, a depender dos depoimentos de cada um dos participantes. Tomei

apenas uma decisão: chamar um dos estudantes mais participativos, para me auxiliar.

Durante o projeto, esse aluno agiu como um 'coordenador', uma ponte entre mim e os outros alunos em relação a algumas demandas, a exemplo de avisos, necessidade de equipamentos nas salas das oficinas e compartilhamento de material no grupo de *WhatsApp*. Foi dele a tarefa de reunir um grupo de 11 colegas para a conversa.

Ocupamos uma das salas e fizemos um semicírculo para que eu pudesse ver todos e captar melhor o áudio. Decidi gravar áudio e não vídeo pelo fato de ter tido como experiência ao longo do processo, os estudantes às vezes com muita vergonha de se expor, principalmente ao lado dos colegas. A intenção no Grupo Focal é a de se tentar ser o mais natural possível, mesmo sabendo que o simples fato de estarem numa conversa comigo já significaria uma possível mudança no comportamento.

Mas a intenção era a de que a conversa pudesse fluir quase naturalmente ao longo do tempo à medida que eles pudessem 'naturalizar' a presença dos dispositivos móveis usados na gravação. Foram utilizados dois celulares para a garantia de não haver problemas algum em relação à transcrição das falas. Comecei explicando como funciona um grupo focal e como transcorreria toda a conversa, uma vez que a premissa é a de que a pessoa no 'comando' do grupo interaja, mas interrompa o menos possível o andamento do bate-papo. Levei definidas as perguntas baseadas nas análises das competências socioemocionais, identitárias e técnicas, cujo resultado poderia me mostrar um espectro das experiências vividas pelos meninos.

As análises das falas do Grupo Focal seguem duas dimensões que abrigam as seguintes categorias:

1. **Categoria Comunicacional** – Linguagens de Comunicação ligadas à capacidade técnica de elaboração de um jornal, roteiros para entrevistas e organização de gravações de vídeo, noções de critérios de edição, enquadramento e finalização de material audiovisual;
2. **Categoria Educativa** – relacionada à aprendizagem nas áreas cognitivas e curriculares a exemplo dos conteúdos adquiridos e associados aos conteúdos da escola.
3. **Categoria técnica** – aquisição de habilidades de elaboração de roteiro, gravação de áudio e vídeo, noções de edição, diagramação de jornal, noções de critérios de iluminação, enquadramentos, escolha de elementos para confecção de vinhetas de

abertura de vídeos.

4. Categoria socioemocional – das quais destacamos:

a) Dimensão identitária – pronunciamentos sobre a identidade da EFAL, dos alunos e a relação deles com a comunidade. Falas de percepção sobre a visão em relação à escola e as mudanças que ocorreram depois das oficinas. Noção da necessidade de mudança da imagem da instituição.

b) Dimensão Para a vida – falas relacionadas à experiência que geraram mudança de comportamento ou um aprendizado que serve para aplicação em outros aspectos da vida do aluno, em casa, na família, ou no trabalho com autocontrole, sociabilidade, relacionamento, empatia, espírito colaborativo e resiliência.

c. Dimensão Crítica – através de:

- i. **Palavras positivas** – falas que representam benefícios das oficinas para os participantes, relatos sobre o projeto e pensamentos que traduzam ações afirmativas em relação à experiência;
- ii. **Palavras negativas** – falas que representam críticas, arrependimentos, não aceitação do projeto ou ainda uma avaliação negativa.

Para garantir rigor e aprofundamento da análise dos discursos nas falas dos participantes do Grupo Focal, na avaliação dos vídeos do canal do YouTube, foi utilizado como recurso o software webQDA, ferramenta tecnológica de apoio à análise qualitativa dos dados. Toda a conversa do grupo foi transcrita e categorizada para análise, em estrutura de organização chamada 'código árvore', em que é possível catalogar e quantificar as falas colocando-as em descritores específicos para análise.

Os critérios de averiguação de dados levaram em conta as premissas das dimensões apresentadas para o levantamento das informações. O propósito foi mapear nas falas a percepção de cada estudante em relação a processos de mudança, aquisição de competências e habilidades referentes a todo o percurso do projeto.

Em relação à competência técnica, foram 12 referências registradas e relacionadas ao tema no levantamento das narrativas no Grupo Focal. Apesar de serem consideradas, do ponto de vista da dificuldade, competências mais fáceis de serem percebidas, o trabalho esbarrou, em algumas etapas, nas dificuldades de

equipamentos.

Alguns aparelhos celulares dos alunos usados nas gravações não contavam com câmeras de qualidade, o que resultava em imagens com pouca nitidez ou embaçadas. Não foram usados equipamentos profissionais de luz ou tripés para as gravações dos vídeos. As discussões abrangeram essas dificuldades e como bem lembra Paulo Freire (1977, p. 86): “Não é possível ensinar técnicas sem problematizar toda a estrutura em que se darão essas técnicas”. Ainda assim foram registrados muitos avanços nas habilidades relacionadas à competência técnica.

Todos refletimos sobre a mudança na qualidade do resultado final, caso os equipamentos fossem outros. Buckingham (2005) lembra que estudar as linguagens midiáticas significa prestar atenção aos significados, às convenções, aos códigos, aos gêneros, às opções e às tecnologias. É o conjunto de elementos que forma o produto final a ser alcançado. Nas oficinas, foram feitas as gravações, avaliadas e refeitas até se chegar a um resultado considerado bom pelos alunos.

O critério ‘bom’ era o olhar deles qualificando como ‘publicável’ o vídeo. Muitos outros foram gravados e acabaram não sendo selecionados para postagem no canal. A autoavaliação indicava caminhos de aperfeiçoamento dos produtos. Não bastava apenas refazer, era preciso refletir sobre as ações que estavam sendo realizadas. Na fala de dois alunos, a percepção de um resultado prático depois de uma reavaliação e reconstrução de um vídeo:

‘Quando observei o vídeo que ele produziu, o áudio não estava muito bacana’ (ALUNO 1)

‘Usamos a técnica que aprendemos no projeto de mídias, de gravar o áudio separadamente com fone de ouvido e acabou dando certo’ (ALUNO 2)

Apesar de se buscar a qualidade dos vídeos e um aperfeiçoamento técnico, nunca foi preocupação principal do projeto a apuração refinada ou critérios altíssimos de aspectos sonoros de áudios e vídeos. O audiovisual foi o meio pelo qual os alunos teriam a possibilidade de exercitar outras competências a exemplo de colaboração e cooperação e analisar o caminho percorrido por cada um deles sempre foi fator mais importante do que o critério meramente estético.

Dentro dos aspectos socioemocionais, atendendo a uma das propostas do projeto, que foi a de relacionar as atividades ao conteúdo do currículo da escola, e não perdendo de vista a formação inserida no perfil do ensino profissionalizante,

coube discutir com os alunos a formação profissional e ainda a vida fora da escola.

Dar aos estudantes possibilidades de assumirem seu protagonismo diante das escolhas do fazer foi uma das direções seguidas pelas oficinas. A escola é, ou pelo menos deveria ser um grande espaço de reflexão e os letramentos midiáticos, pontes nesse processo para novas reflexões. Nesse tópico, tivemos 18 referências em relação às competências socioemocionais, aquelas que nem sempre são levadas em conta numa avaliação tradicional no espaço escolar, mas direcionada a cognição, mas se analisar as falas dos meninos, percebe-se uma mudança na postura em relação ao próprio desenvolvimento, à própria consciência dessa mudança:

'tô' fazendo agora com o que me interessa verdadeiramente na minha vida (ALUNO 3)

E isso né me norteou no rumo que eu quero seguir a partir daqui da escola (ALUNO 1)

Sem dúvidas, o principal elemento norteador nessa caminhada foi a IDENTIDADE, algo que não se manifestou inicialmente no projeto com as oficinas. Mas o tempo de permanência de dois anos na escola foi fundamental para a percepção da necessidade que os meninos apresentaram de definir um perfil e de se redefinir e se apresentar como alunos da EFAL. Barbero afirma que “Meios e Tecnologias são para os mais jovens *lugares* (grifo do autor) de um desenvolvimento pessoal que, por mais ambíguo e até contraditório que seja eles converteram no seu modo de estar juntos e de expressar- se” (BARBERO, 2009. p. 121).

Os alunos trabalharam com a capacidade de visualizar, planejar, criar, avaliar, recriar e reavaliar de que forma buscariam a consolidação de uma identidade que eles julgavam que melhor pudesse traduzir a imagem que eles faziam deles próprios e da escola em que estudam. Eles sempre tiveram noção da imagem que a EFAL tinha fora da própria EFAL. A avaliação feita por pais, a comunidade e alguns amigos não condizia com o que eles sabiam e sentiam pela escola e isso foi um dos fatores que motivou a vontade de mudar.

Perceberam que poderiam fazer isso pelo audiovisual, que serviria de prova material incontestável, conforme algumas falas que se manifestaram em 32 referências na categoria 'competências identitárias':

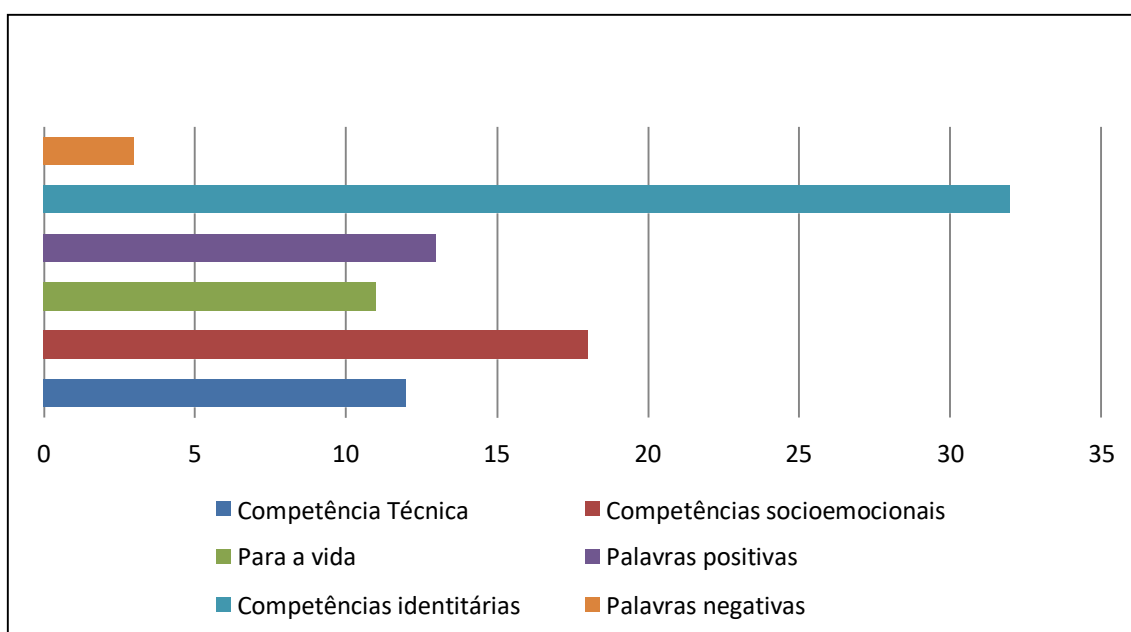
'Tem imagem, tem prova e não é só de boca!' (ALUNO 4)

‘Se alguém chegar lá no Youtube e pesquisar pela EFAL, vai achar. Se chegar no Facebook e pesquisar pela EFAL, vai achar. Então isso já foi um avanço muito grande’ (ALUNO 5)

‘A parte que eu achei mais interessante do projeto foi que pode mostrar para os demais, com os vídeos do YouTube, mostrando a nossa vivência, mostrando a nossa realidade [...] como é a escola, a vivência da escola’ (ALUNO 1)

Foram 12 referências para a ‘competência técnica’, 18 referências para ‘competência socioeconômica’, 11 referências para ‘para a vida’, 32 referências para ‘identitárias’, 13 referências para ‘palavras positivas’ e 03 referências para ‘palavras negativas’. Na análise, é possível perceber claramente que a maior parte das citações dos meninos nas falas do Grupo Focal está direcionada à questão da IDENTIDADE, conforme Gráfico 1 a seguir:

Gráfico 1 - Categorias do Grupo Focal



Fonte: Dados da Pesquisa (2019).

As declarações juntas que alcançaram o maior número de citações também estão relacionadas às questões de IDENTIDADE e às questões socioemocionais, elementos ligados diretamente à vida dos estudantes e a uma percepção de pertencimento a um lugar, no caso à comunidade representada pela EFAL. Somando-se todos os números, teremos um total de 89 citações nessas categorias; contabilizando as falas de caráter positivo em relação ao projeto, chegamos a 83, ou seja, 93% do total de falas com valor positivo, de declaração de aprovação e

reconhecimento dos benefícios do projeto.

Apenas 3 falas foram classificadas como negativas, pouco mais de 3%. O tempo dedicado às teorias no início das oficinas está refletido em algumas dessas falas como algo que desagradou aos estudantes dessa geração, mais afeitos às práticas. Uma característica que pouco é levada em conta pela escola no processo de elaboração dos conteúdos trabalhados. Barbero (2001) diz:

[...] que atenção estão prestando as escolas, inclusive as Faculdades de Educação, às modificações profundas na percepção do espaço e do tempo vividas pelos adolescentes, inseridos em processos vertiginosos de desterritorialização da experiência e da identidade apegados a uma contemporaneidade cada dia mais reduzida à *atualidade*, e no *fluxo* incessante e embriagador de informações e imagens? (BARBERO, 2001, p. 58)

As competências técnicas que somaram 12 referências apontam para um desenvolvimento percebido pelos próprios estudantes ao longo de todo o trabalho. Todos tinham alguma habilidade no manuseio dos dispositivos móveis, mas não havia um critério técnico formalizado para a comparação de produtos de mídia. Inicialmente, os estudantes trabalharam formatos ‘padronizados’, semelhantes aos exibidos pelos veículos de comunicação tradicionais: apresentação com bancada, duas pessoas falando e notícias intercaladas como num telejornal de uma grande rede de televisão.

Partiram do que conheciam e ‘imitaram’ o modo de fazer audiovisual consumido todos os dias nas casas dos brasileiros. Com o avançar das experiências, eles foram percebendo que o fazer pode ser de cada um e que não há um formato padrão, único, estabelecido para se criar um vídeo. Nas falas a seguir, Quadro 21, alguns depoimentos deixam claro de que forma eles se apropriaram das técnicas, avaliaram as habilidades e corrigiram alguns encaminhamentos:

Quadro 21 - Competências Técnicas

Categoria	Referências	Depoimentos
-----------	-------------	-------------

<p>Competência técnica Habilidades em relação a questões de uso de equipamentos para melhor captação de áudio, vídeo, enquadramento, iluminação, manuseio do celular, edição de vídeo e edição de áudio.</p>	<p>12</p>	<p>‘A prática fez eu me aperfeiçoar mais no aprendizado que foi dado’ ‘Eu consegui desenvolver melhor algumas coisas’ ‘A gente viu a questão de iluminação que a gente tinha aprendido’ ‘A gente viu a questão do áudio’ ‘Quando observei o vídeo que ele produziu o áudio não estava muito bacana’ ‘Usamos a técnica que aprendemos no projeto de mídias, de gravar o áudio separadamente com fone de ouvido acabou dando certo’ ‘O áudio ficou bom e a gente foi gravando mais e mais’ ‘A gente faz um vídeo e a gente vê que não tem muito rendimento por conta de questões de produção mesmo que não teve’ ‘Se a gente observar, se a gente quer ibope nos vídeos que a gente produz, a gente tem que colocar em mesa todos esses questionamentos, questão de áudio, de iluminação, e isso é muito importante’ ‘Eu conversei e vi como era difícil todo o processo de gravar o áudio’ ‘A gente até obteve mais conhecimento sobre produção de vídeos’ ‘Eu já assistia muito Youtube antes de vir pra cá e sabia um pouco de produção. Aprendi mais um pouco aqui’</p>
--	-----------	---

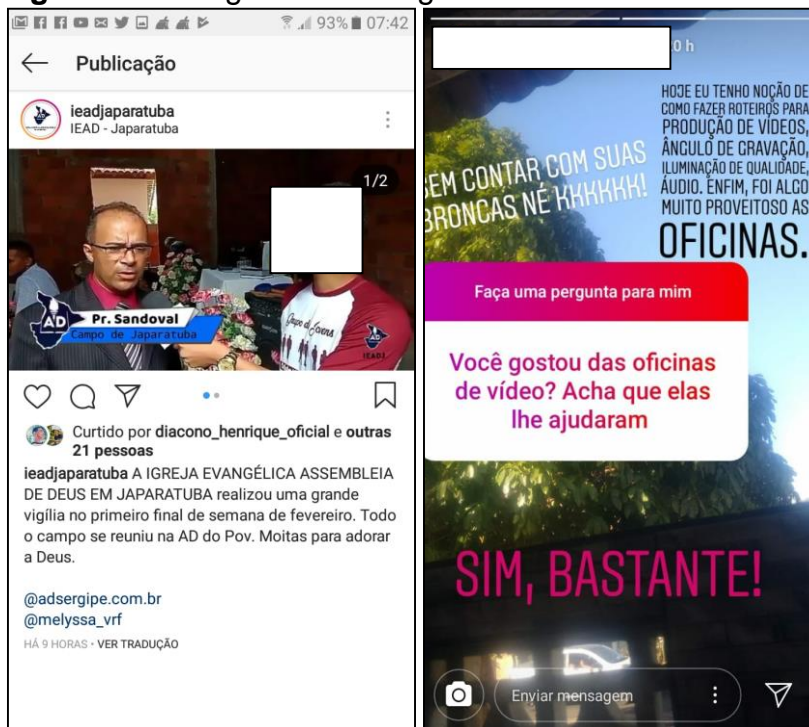
Fonte: Dados da pesquisadora.

Uma das categorias analisadas diz respeito aos conhecimentos que os alunos pudessem adquirir e que de alguma forma, fossem importantes para a vida de cada um deles. Retomando a questão problema desta pesquisa, vamos lembrar que a pergunta era sobre o papel das práticas de Educomunicação, especificamente a produção audiovisual, na melhoria dos processos na formação destes jovens.

Na análise das falas, podemos perceber a quase totalidade com referência à perda de medo, fim da timidez e habilidade para falar em público. Muito mais que simples mudança de comportamento, essas novas capacidades auxiliam os indivíduos nas mais variadas tarefas, seja numa apresentação de trabalho na escola, seja numa entrevista de emprego ou até mesmo num relacionamento no mercado de trabalho, integrando equipes no mundo corporativo.

Um dos alunos, com a perda do medo de enfrentar o público, decidiu realizar o sonho de se tornar diácono, tarefa que exigiu dele talento na oratória e competência na elaboração de gravação, uma vez que os cultos são registrados em vídeo, conforme mostra a Figura 12:

Figura 12 - Imagens do Instagram de dois alunos da EFAL



Fonte: Instagram dos alunos (2019).

Barbero (2014) afirma que falar não é somente se servir de uma língua, mas por um mundo em comum, fazê-lo lugar de encontro. Numa pesquisa qualitativa, em que sujeitos são base de investigação social, as falas sedimentam uma ação que aparecem nos experimentos, muitas vezes, bem antes da confirmação, antes da percepção da aquisição da competência a ser adquirida. O lugar de fala dos meninos comprova uma mudança de comportamento alcançada com as práticas de mídia que exigem acima de tudo colaboração.

As falas do Quadro 22 mostram as percepções individuais dos alunos da EFAL, numa autoavaliação de se perceber pessoas modificadas por um processo multifacetado, lembrado por Kelnner (2011) ao falar da identidade pessoal como reconhecimento mútuo, como se essa identidade dependesse também do reconhecimento dos outros.

Quadro 22 – Depoimentos dos alunos – Para a Vida

Categoria	Referências	Depoimentos
-----------	-------------	-------------

Para a vida	11	'A gente se solta mais' 'A gente ficou mais espontâneo na fala' 'Aquele timidez que tinha no começo foi quebrada' 'Hoje a gente fala sem medo' 'Agora eu posso falar' espontaneamente né?' 'Eu perdi a vergonha de falar em público e fiquei mais solta ainda' 'Foi uma grande forma das pessoas perder o medo de falar ao público' 'Esse Projeto de Mídias veio trazendo uma forma da pessoa perder o medo' 'Aos poucos eu 'tô' perdendo o medo' 'Eu não tava nervoso , nos vídeos eu tava supertranquilo mesmo'
-------------	----	---

Fonte: Dados da pesquisa (2019).

Perder o medo, arriscar-se, ganhar com as formações compuseram 13 referências citadas no Grupo Focal. No quadro 'palavras positivas' e 'palavras negativas' é possível, ao fim do processo, perceber um certo desânimo em algumas atividades, principalmente no início com as atenções voltadas para a teoria (ver Quadro 23). A crítica dos alunos, com 3 referências, é um fator para uma mudança nas próximas oficinas cujo formato deve dosar de forma mais equilibrada teoria e prática.

Lembrando ainda que um mesmo termo 'bacana', por exemplo, pode ter significados diferentes para cada uma das pessoas. Uma das expressões que destaco nas falas é: "Quando a gente começou a gravar vídeos aí que eu fui me apegando ao projeto e gostando e vendo que aquilo era o que realmente eu gostava". Apegar-se ao projeto é um sentimento de pertencimento às práticas que estavam sendo desenvolvidas ali, na escola.

Quadro 23 – Depoimentos dos alunos palavras positivas e palavras negativas

Categoria	Referências	Depoimentos
-----------	-------------	-------------

Palavras positivas	13	'Foi muito importante o Projeto de Mídias' 'E foi muito importante' 'Foi muito importante' 'Estou desfrutando disso hoje muito bem' 'Me proporcionou muito conhecimento' 'No final, a oficina de mídia trouxe muito conhecimento para a gente' 'Esse projeto foi muito interessante pra gente' 'Eu achei muito bacana' 'Achei muito interessante' 'No final a oficina de mídia trouxe muito conhecimento para a gente' 'Quando chegou na parte prática, ah vamos fazer um vídeo assim...assim...vamos fazer uma iluminação, vamos fazer roteiro né... ai foi me chamando mais a minha atenção porque foi a parte que eu mais gostei' 'Aprendi algumas coisas muito interessantes' 'Quando a gente começou a gravar vídeos ai que eu fui me apegando ao projeto e gostando e vendo que aquilo era o que realmente eu gostava'.
Palavras negativas	03	'Foi difícil no conteúdo porque eu achava que não tinha importância' 'Ai a gente dizia: ah! vamos sair porque isso ai não tá interessante não, não tem importância não...a gente não tá ganhando nada com isso' 'Eu também não sou muito de teoria, comigo é logo prática e no começo eu achava um pouco chato né?'

Fonte: Dados da autora (2019).

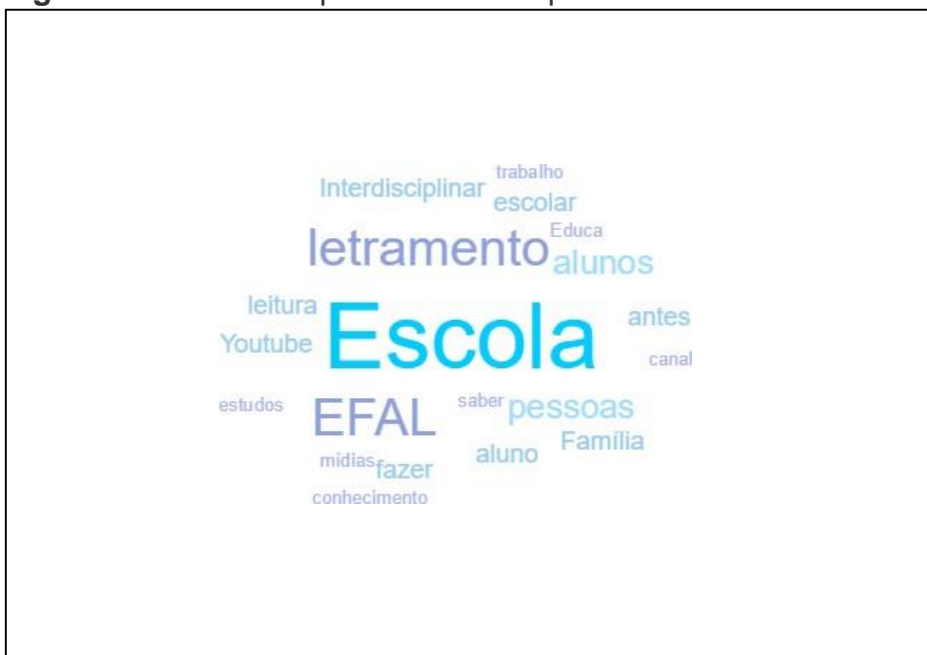
A Figura 13 corresponde à 'Nuvem de Palavras' formada a partir de recursos de pesquisa sobre os vocábulos que aparecem com mais frequência nas falas durante a atividade do Grupo Focal. A estratégia facilita a visualização das expressões apontando para as que mais se sobressaem no discurso dos sujeitos.

Pela análise realizada com auxílio do webQDA, as palavras mais citadas aparecem em tamanhos maiores a exemplo de 'ESCOLA' que surge em primeiro lugar nas citações; 'EFAL' e 'LETRAMENTO' que figuram na sequência. Temos ainda: 'pessoas', 'Youtube', 'alunos' e 'família'.

As referências citadas mostram o alinhamento do pensamento dos alunos, como num fio condutor, às questões pertencentes a eles mesmos. As impressões dizem muito sobre cada um deles nas falas traduzidas nesse formato de nuvem. Todas as palavras formadoras da figura descrevem bem a experiência vivida neste trabalho: 'Canal', 'Estudos', 'Família', 'Mídias', 'Conhecimento', 'Fazer' e 'Interdisciplinar'. Os vocábulos dos discursos são representativos e expressam um

sentimento de intimidade dos alunos com o projeto e seus objetivos.

Figura 13- Nuvem de palavras do Grupo Focal



Fonte: Dados da pesquisa (2019) estruturados no webQDA.

As referências citadas mostram o alinhamento do pensamento dos alunos, como num fio condutor, às questões pertencentes a eles mesmos. As impressões dizem muito sobre cada um deles nas falas traduzidas nesse formato de nuvem. Todas as palavras formadoras da figura descrevem bem a experiência vivida neste trabalho: ‘Canal’, ‘Estudos’, ‘Família’, ‘Mídias’, ‘Conhecimento’, ‘Fazer’ e ‘Interdisciplinar’. Os vocábulos dos discursos são representativos e expressam um sentimento de intimidade dos alunos com o projeto e seus objetivos.

5.1. Avaliação do canal do Youtube

Todos os vídeos postados no canal da EFAL, no Youtube, foram gravados com dispositivos móveis dos estudantes e editados nos próprios equipamentos com auxílio de aplicativos específicos para edição em celular. Foram apresentados para os meninos para possibilidade de edição os aplicativos: Filmorago, Kinemaster, Vivavídeo, Imovie e Vídeoshow³⁵.

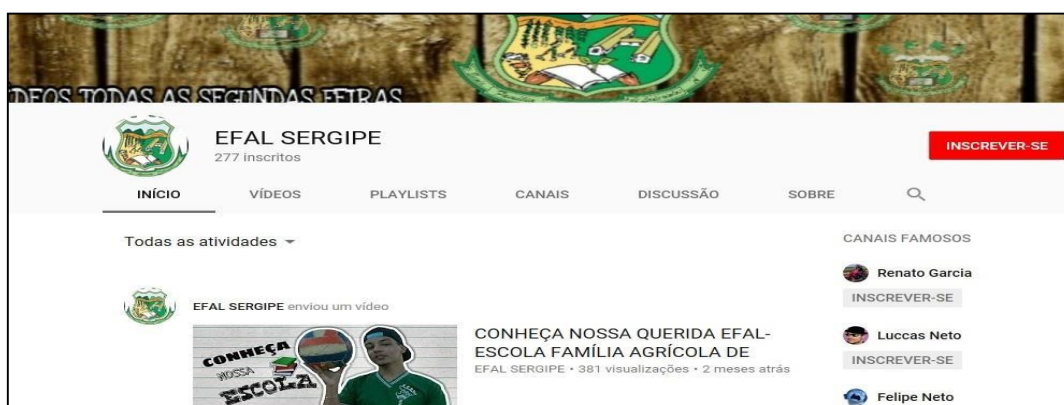
³⁵ Todos os aplicativos são compatíveis com o sistema operacional Android, atendendo à necessidade dos alunos

Os 23 vídeos foram editados com auxílio do aplicativo Kinemaster, com o qual, segundo os estudantes, já haviam se familiarizado durante o processo das oficinas. Nas gravações estão informações sobre a vida na escola, atividades de campo e tarefas comuns ao dia-a-dia de uma instituição com perfil de ensino agrícola profissionalizante. Muitas vezes, eles se reuniam em grupos para facilitar a edição do material dividindo as tarefas, como a escolha de uma música, a cor dos caracteres ou ainda a definição da duração do material.

No início eram produzidos vídeos muito longos, que chegavam a 12, 14 minutos. Depois, com as oficinas, os alunos foram percebendo que a edição é elemento importante na narrativa para torná-la mais ágil, mas não menos informativa. Os meninos passaram a se autoavaliar como consumidores e atentaram para as preferências pessoais em relação ao tempo dos produtos que consumiam na internet, principalmente no Youtube. Alguns vídeos que passavam dos 10 minutos foram reeditados num exercício de concisão de ideias e objetivos em relação ao tema.

A Figura 14 mostra a capa do canal da EFAL no Youtube e nela se vê o Brasão da escola, imagem produzida pelos estudantes e escolhida para a identificação do canal.

Figura 14 – Capa do canal da EFAL no Youtube

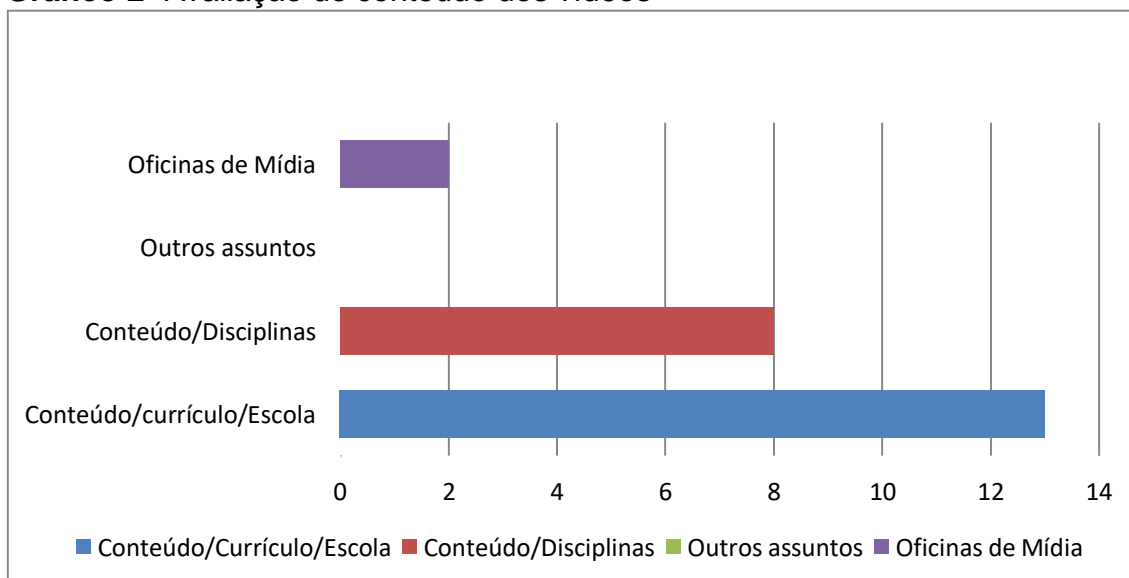


Fonte: Youtube (2019).

Uma das propostas desde o início do projeto era que a produção audiovisual levasse em conta os conteúdos do currículo da escola, as atividades em sala de aula, a vivência da alternância, justamente para atender a nossa questão problema: de que forma as práticas de Educomunicação, especificamente a produção de audiovisual, podem contribuir para a melhoria dos processos na formação de jovens estudantes do ensino profissionalizante da Escola Família Agrícola Ladeirinhas.

Percebe-se que em sua totalidade, os vídeos tiveram como eixo central assuntos relacionados aos temas propostos, conforme pode ser observado no Gráfico 2 a seguir:

Gráfico 2- Avaliação de conteúdo dos vídeos



Fonte: Dados da Pesquisa (2019).

Para análise de conteúdo temático, os vídeos foram classificados em 04 tópicos:

- A. **Conteúdo/currículo/escola:** gravações sobre atividades práticas do currículo da formação profissional, ações de campo, experiências com animais ou plantações;
- B. **Conteúdo/Disciplina:** trabalhos feitos em casa no período da alternância, atividades festivas de encerramento de período, informações sobre a escola;
- C. **Oficinas de Mídia:** informações sobre atividades relacionadas às atividades das oficinas a exemplo de avisos de atividades reorganização do canal;
- D. **Outros assuntos:** temas diversos sem relação direta com as atividades formais da escola.

A escolha dos temas se deu de forma livre, constando apenas para os alunos a necessidade da relação dos assuntos com o currículo escolar. Nota-se que 100% dos vídeos produzidos estão relacionados ao projeto. 13 referências estão relacionadas ao tópico **currículo/escola**; 8 referências para **conteúdo/disciplina**; e 2 referências para **oficinas de mídia**.

As atividades práticas do currículo se mostraram mais atrativas para os estudantes na hora da decisão da temática para as gravações, muitas vezes por conta da presença de um professor para a realização de entrevistas, a exemplo dos vídeos a seguir (Figura 15 e Figura 16):

Figura 15 - Vídeo 5 - Armazenamento das acerolas



Fonte: Canal da EFAL no Youtube³⁶.

No vídeo 05 do canal, postado no dia 19 de junho de 2019, um dos alunos entrevista uma professora sobre as técnicas de congelamento das acerolas por conta da alta produção da fruta no período. É um assunto relacionado ao currículo da escola, às disciplinas que apresentam aulas teóricas e práticas para melhor efetivação do aprendizado do aluno atendendo ao perfil de um ensino profissionalizante.

A gravação foi realizada na cozinha da EFAL e apresentou problemas de áudio por conta do ambiente que provoca o que se chama no meio jornalístico de 'som de lata', quando a acústica não favorece a captação do som.

No período desta gravação, os meninos ainda não usavam a técnica do áudio separado do vídeo ou ainda com o fone do celular. O vídeo de 2 minutos e 21 segundos teve 254 visualizações, 47 curtidas e 0 discurtida

³⁶ Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=iMLwJdZRazY>>. Acesso em 18 de mar. 2019.

Figura 16 - Vídeo 13 - Coleta de fungos na mata



Fonte: Canal da EFAL no Youtube³⁷.

No vídeo 13 do canal, um professor leva um grupo para uma região próxima à escola, numa aula prática sobre a proliferação de fungos, e é entrevistado por um aluno sobre as técnicas de observação e coleta. No espaço estão outros alunos da turma, e aluno e professor estão o tempo inteiro na gravação explicando como se faz a diferenciação entre os tipos de fungo. É uma aula explicativa, com boas imagens, uma boa captação de áudio, uma vez que o ambiente aberto, silencioso favorece a gravação.

O professor que aparece no vídeo, apesar de não ter participado efetivamente das oficinas, foi um dos colaboradores nas práticas realizadas pelos estudantes para a alimentação do canal, sempre disposto a usar a aula como uma espécie de 'tutorial'. Ele foi um dos três professores que responderam o questionário sobre avaliação dos vídeos. O vídeo de 2 minutos e 51 segundos teve 334 visualizações, 43 curtidas e duas descurtidas.

Na análise, 08 referências são voltadas para o item **conteúdo/escola** com vídeos que tratam da temática de troca de experiência com outras instituições, visitas

³⁷ Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=nNm7yLgFORk>>. Acesso em 11 de mar. 2019.

técnicas e eventos da EFAL (Figura 17). O vídeo das festividades de São João foi um dos que mais fizeram sucesso no canal.

Figura 17 - Vídeo 06 -Festejos juninos na EFAL



Fonte: Canal da EFAL no Youtube³⁸.

O vídeo 06 do canal, postado no dia 26 de junho de 2017, mostra encenações sobre colheita do milho, a busca da madeira para a confecção da fogueira, um recital de poemas referentes ao campo, uma apresentação de quadrilha e a presença de alunos, professores e algumas pessoas da comunidade participando da festa. O vídeo original tinha quase 40 minutos, mas foi reeditado como tarefa para os meninos, passando para 11 minutos e 10 segundos.

A gravação apresenta problemas de áudio por conta da quantidade de pessoas no local e ainda dificuldades de se identificar as falas dos participantes de uma encenação. Cabia uma legenda para ajudar na compreensão da mensagem, algo que foi avaliado depois nas oficinas de correção, mas não foi feito por conta da limitação das edições em dispositivos móveis para a inclusão de legendas nos vídeos. O vídeo de 11 minutos e 10 segundos teve 923 visualizações, 112 curtidas e nenhuma

³⁸ Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=0crcFiqotdk>>. Acesso em 11 de mar. 2019.

descurtida.

O vídeo 21 (Figura 18), postado em 27 de abril de 2018, anunciava uma nova fase das atividades de audiovisual que apostaria em mudança na vinheta, regularidade nas postagens e mais conteúdo para o canal. Era na verdade uma vinheta informativa, mais suave, com uma trilha leve e caracteres bem definidos, com uma boa leitura. Não havia locução nem apresentadores, mas a mensagem foi passada de uma forma bastante objetiva, de fácil compreensão.

Figura 18 - Vídeo 21- Anúncio de uma nova fase do canal



Fonte: Canal da EFAL no Youtube³⁹.

O vídeo de apenas 42 segundos tem 190 visualizações e 30 curtidas. Foi feito por um dos alunos e editado nos dispositivos móveis com auxílio de aplicativos gratuitos de edição. Foi exibido em sala no dia da autoavaliação e teve a aprovação da turma que participou do processo de análise dos produtos.

Dos 23 vídeos do canal, 20 foram publicados no ano de 2017 e 03 no ano de 2018 mostrando claramente a concentração dos trabalhos no primeiro ano de projeto. No total, 69% das postagens foram feitas ainda nas primeiras experiências com as duas turmas da EFAL. Com a troca das turmas, o 1º ano que passou para o 2º e o 2º que passou para o 3º, houve nitidamente uma dispersão nas atividades das oficinas,

³⁹ Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=6j9dyllzLnA>>. Acesso em 11 de mar. 2019.

além disso dois dos professores mais participantes no projeto tiveram que se ausentar da escola; um por conta do fim do contrato de trabalho com a instituição e o outro por conta de doença.

O projeto sofreu uma 'baixa' considerável com a ausência desses dois profissionais. Foram eles os principais impulsionadores e pontos de comunicação entre mim e a escola nas ausências físicas. Os dois desempenharam papel de monitoria, quando da realização das oficinas, auxiliando os alunos na execução das atividades.

5.2. Análise técnica dos vídeos postados no canal da EFAL no Youtube

O canal foi criado no dia 22 de maio de 2017 e foram postados até o final de outubro de 2018, 23 vídeos. A descrição dos vídeos no canal e os títulos foram criados conforme escolha dos próprios alunos e mantive nome e descrição definidos por eles. Em setembro de 2018 foram contabilizadas 5.884 visualizações no total de todos os vídeos postados. Em fevereiro de 2019, as visualizações chegavam a 7.564 com acréscimo nesse período de cinco meses de mais 1.833 visualizações. Esse fenômeno ocorre sempre que um novo vídeo é publicado e acaba sendo um 'chamariz' para o canal.

Normalmente, a tendência que se tem no Youtube é de aumento na audiência, por isso a necessidade de se alimentar sempre para manter os assinantes atualizados e sempre com novidade no conteúdo, uma das premissas de se atrair público. E em relação a isso, a internet se assemelha às lógicas de um veículo tradicional de comunicação que trabalha com os critérios de audiência, da novidade e da intenção de aumento de público.

Apenas para registro, afinal não é esse o foco das análises desse estudo, os alunos chegaram a publicar na página do Facebook da escola 04 vídeos que totalizaram 2.153 visualizações. A decisão de não 'repostar' no canal do Youtube foi uma avaliação feita pelos próprios alunos sobre o fato de os vídeos não terem 'a cara deles', e de não se sentirem 'produtores' e 'protagonistas' do material. No Youtube, eles teriam autonomia total sobre as postagens, uma vez que a administração do canal era feita pelos alunos⁴⁰.

⁴⁰ Atualmente o gerenciamento da página está sendo feito pelo diretor da instituição que aguarda a adesão dos novos estudantes ao projeto. A intenção é convidar as turmas para a continuidade das gravações e alimentação do canal.

Os vídeos publicados no canal, pela ordem foram: 'Apresentação do canal', 'História da EFAL (Como e por que foi fundada)', 'Rosinária entrevista Dona Chica', 'Cotidiano dos alunos na EFAL (Parte 1)', 'Armazenamento das acerolas', 'Festejos Juninos na EFAL', 'Concerto do Tobhata', 'Oficina de gamificação', 'EFAL & CEEPAP – INTERCÂMBIO', 'Workshop de Avaliação do Projeto', 'EFAL entrevista', 'Colheita de feijão na EFAL', 'Coleta de fungos na mata', 'O grito da floresta', 'AVISO!', 'EFAL: unidade produtiva', 'Alimentação saudável', 'UFS na EFAL', 'Animal Sente', 'Confraternização Serão Lúdico', 'Sem título', '1º Torneio de Vôlei', 'Conheça Nossa querida Efal: Escola Família'.

5.3 Avaliação geral dos vídeos - professores, especialistas e alunos

O vídeo como produto audiovisual tem suas características ligadas à linguagem, à forma, à composição, aos elementos que estruturam a narrativa. O tipo de vídeo trabalhado nas oficinas da EFAL dispensou, na análise, critérios muito minuciosos em relação à estética ou a um aprofundamento nas questões referentes a uma produção profissional, que requer um olhar mais treinado para enxergar nos vídeos, elementos que passam despercebidos pelos mais leigos em relação ao assunto. Procurei nos critérios estabelecer um equilíbrio para as análises de professores, no caso da EFAL, sem formação específica para o trabalho com o audiovisual, e os especialistas, já acostumados a colocar um olhar crítico nas várias 'camadas' de possibilidades de análise oferecidas pelos vídeos.

5.4. Primeira análise dos vídeos – autoavaliação dos alunos

A primeira avaliação dos vídeos foi feita em conjunto com os alunos na própria escola. Foi durante uma das oficinas, mas neste dia, houve um esquecimento por parte da direção da escola em relação a nossa ida para a EFAL, e ao chegarmos, nos deparamos com os alunos ocupados em atividades no campo, recebendo técnicos e professores de outra instituição. Tinha me preparado para distribuir fichas de avaliação dos vídeos para os alunos e também a professores que se dispusessem a participar da primeira avaliação do material postado no canal do Youtube. Havia muita expectativa da minha parte na atividade que nos daria pela primeira vez, oficialmente, com dados uma avaliação de todo o trabalho realizado. Mas como experiência na

pesquisa ação/intervenção requer treinar o olhar para a possibilidade de vários caminhos, já tinha preparado meu plano 'B' caso a situação fugisse do planejamento inicial.

Em conversa com a direção, conseguimos uma hora para fazermos o trabalho, que aquela altura já estava comprometido no formato original. Pelo tempo curto, dispensei as fichas que seriam preenchidas uma a uma pelos alunos e professores e decidi fazer uma avaliação oralmente. Foram explicados os critérios de avaliação e feita uma tabela no quadro da sala com os nomes dos vídeos, tendo ao lado de cada um os itens: como **vinheta, enquadramento, iluminação, áudio e narrativa**.

As análises foram realizadas coletivamente pelos alunos e um professor que classificaram como critérios, noções técnicas traduzidas em frases de avaliação como: 'vinheta escura', 'não dá pra ouvir direito a voz', 'o enquadramento ficou bom', 'desse eu gostei', 'acho que a gente melhorou bastante', 'tem muito barulho na sala e não deu pra ouvir direito', 'arrasamos', 'música boa', 'música alta demais', 'música baixa', 'gostei do vídeo'.

Como não houve um critério metodológico, não foi possível mensurar os dados e quantificar e qualificar as opiniões acerca do material exibido, mas a atividade serviu de parâmetro de autoavaliação dos alunos, objetivando um exercício de reflexão sobre o fazer de cada um. Foi possível perceber nos alunos um olhar mais crítico direcionado ao que se podia melhorar no material publicado no canal da EFAL.

5.5. Segunda e terceira análise dos vídeos – professores e especialistas

Para avaliação, análise e mensuração da qualidade técnica dos vídeos e do formato narrativo, foram convidados 03 professores da EFAL e 03 especialistas na área do audiovisual. Lembrando que os vídeos não estão classificados como educativos, humorísticos ou outras características que possam encaixá-los num formato fechado. A produção audiovisual do canal da EFAL no Youtube segue os critérios de serem vídeos produzidos por alunos que participaram das oficinas de mídia com enfoque no currículo e na formação de um ensino profissionalizante.

Essa foi a apresentação feita aos especialistas que foram convidados para a análise do material. A única recomendação feita aos professores e aos especialistas foi para que os vídeos fossem vistos na ordem de postagem obedecendo a uma linha do tempo, com o objetivo de se ter uma análise do primeiro ao último vídeo. Esse critério auxilia na observação das competências que foram adquiridas ao longo de

realização das práticas de intervenção durante as oficinas de gravação e regravação do material, num processo de reflexão e correção do material produzido.

Os especialistas convidados têm larga experiência com o audiovisual e cada um deles atua numa área diferente seja na docência, na produção dos vídeos ou ainda na produção de oficinas de vídeos para alunos do ensino público. A diversidade possibilita um leque mais variado de opiniões na avaliação do material. Foi solicitado tanto aos profissionais quanto aos professores uma opinião por escrito do canal da EFAL e ainda possíveis sugestões caso achassem necessário e isso era opcional.

Especialistas convidados:

- 1- **Claudia Edlen** – formada em Comunicação Social com especialização em Publicidade e Propaganda e Rádio e TV na Fundação Armando Álvares Penteado (FAAP) São Paulo – 1984, Videomaker na ASCOM/SEED (2010 a 2018) Diretora da Aperipê TV – (2007 a 2009) 1984, coordenadora de Conteúdo na TV ALESE – (desde 2018). Na Secretaria de Educação de Sergipe, teve experiência com o projeto Foca de produção audiovisual e reportagem feita por alunos das escolas públicas estaduais. Membro do Projeto Vídeo Escola no Departamento de Educação/SEED – (1992 a 1995)
- 2- **Juliana Almeida** – Graduada em Radialismo pela Universidade Federal de Sergipe (2002), graduada em Jornalismo pela Universidade Tiradentes, doutoranda em Sociologia. Tem experiência nas áreas de Comunicação com ênfase em Jornalismo, Radiojornalismo e Tecnologia. É professora no curso de Jornalismo da Universidade Tiradentes e coordenadora do UNIT Notícias, jornal laboratório do curso de Comunicação Social da Universidade Tiradentes.
- 3- **Baruch Blumberg** - Diretor executivo do Sercine – Festival Sergipe de Audiovisual, editor de vídeo da TV Aperipê em Aracaju e ministrante de oficinas de vídeo no Núcleo de Produção Audiovisual da Prefeitura de Aracaju, Orlando Vieira que oferece cursos nas áreas de produção, gravação e edição de vídeos.

Professores convidados:

- 1- **Carlos Wagner dos Santos** – Possui graduação em História pela Universidade Federal de Sergipe, é professor e diretor da Escola Família Agrícola Ladeirinhas. Está cursando o Mestrado Profissional em ensino de História na Universidade Federal de Sergipe.
- 2- **Robson Luiz Santos** – Possui licenciatura em Informática pela Universidade Tiradentes, foi durante dois anos, professor de Informática da Escola Família Agrícola de Ladeirinhas. Atualmente é administrador de Redes na Fundação Aperipê de Sergipe
- 3- **Maurício Rocha Oliveira** – Possui graduação em Engenharia Agrônômica pela Universidade Federal de Sergipe, é integrante do projeto PAIS - Produção Agroecologia Integrada e Sustentável pelo SEBRAE/SE. Atualmente é professor da EFAL.

Professores e especialistas receberam a ficha de avaliação dos vídeos, por e-mail, com 30 dias de prazo para o preenchimento. Depois desse prazo, uma das avaliadoras que constava como especialista alegou compromissos e falta de tempo para a tarefa. Um dos professores convidados inicialmente desistiu da avaliação, segundo ele, por não apresentar condições de avaliação de material audiovisual. Houve a substituição dos dois nomes e um novo prazo foi dado para que os vídeos fossem vistos e avaliados.

Cinco critérios foram usados para a análise dos vídeos, colocados nesta ordem para que os avaliadores marcassem um X na resposta escolhida, conforme consta no Apêndice A.

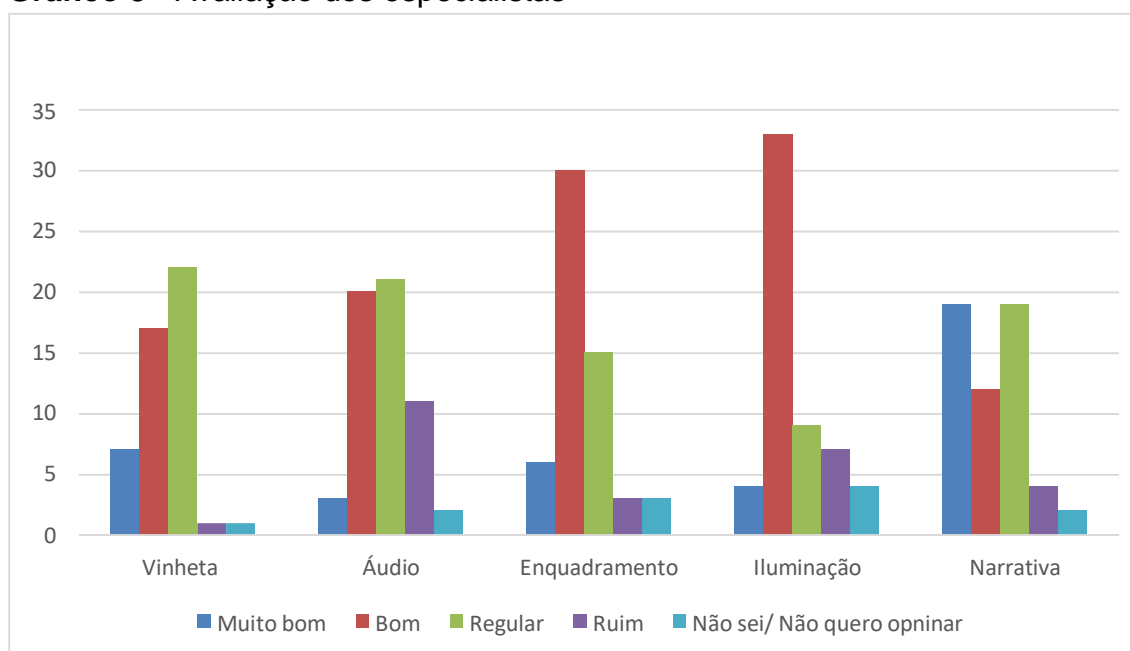
- 1- **Vinheta** – vídeo curto com imagens e sons usados para a abertura dos programas e que pode ser usado também no encerramento. Serve para identificar o nome do produto como um clipe musical, um programa de televisão, os vídeos postados no Youtube, tutoriais e tantos outros.
- 2- **Enquadramento** – É o recorte feito na imagem pelo autor na hora da gravação, é uma escolha de cena para destacar personagens e emoções.
- 3- **Áudio** – é o som da trilha usada para o vídeo, som das pessoas que estão fazendo parte das cenas, som ambiente, é tudo de som que diz respeito à gravação.

4 **Iluminação**- A luz usada nos vídeos, seja natural ou artificial, ela tem um papel fundamental na cena e serve também para expressar sentimentos

5 **Narrativa** – Ação do narrador, contação dos fatos e a forma como os personagens se comunicam com seu público

Não quero/ não sei responder- as fichas contaram com a possibilidade de o avaliador ficar à vontade em relação às respostas e decidir não opinar ou não ter a segurança necessária para expressar sua opinião. No Gráfico 3 a seguir estão as avaliações dos 3 especialistas em relação aos 5 critérios postos para análise. A escolha pela junção dos dados se deu para que a visualização fosse observada de maneira mais ampla e geral num comparativo completo.

Gráfico 3 - Avaliação dos especialistas



Fonte: Dados da pesquisa (2019).

Era previsível que critérios técnicos tivessem uma avaliação mais rigorosa por parte dos especialistas, por conta desse tipo de análise representar suas ferramentas de trabalho. O vídeo é um meio de comunicação e um meio de ensino, como nos lembra Ferrés (2001). São várias as possibilidades e elementos que fazem de um vídeo um produto de mídia de qualidade.

Às vezes, a gravação atrai o espectador por critérios subjetivos que não encontram fundamentos nas lógicas técnicas. Outras vezes, há um desinteresse desmedido por algo enquadrado perfeitamente nos padrões estéticos. O que quero

lembrar aqui é que o trabalho de avaliação dos vídeos foi focado nas questões técnicas, apesar de saber que a subjetividade está presente em alguns cenários.

No Gráfico 3, temos **vinheta** como primeira categoria de análise que recebeu **regular** em 26 referências e **bom** em 23. Houve 7 avaliações de **muito bom** e 7 indicadores para **não sei/não quero opinar**. O **áudio** que foi avaliado pelos especialistas no geral como **regular**, com 28 referências para o critério, obteve 11 indicadores de **ruim**, 25 referências foram para **bom** e apenas 3 para **muito bom**.

Isso representa bem as avaliações feitas pelos alunos em sala de aula e no decorrer do processo. O áudio talvez tenha sido uma das maiores dificuldades para os meninos em relação à captação e algo que só foi melhorado ao final do projeto com as últimas oficinas.

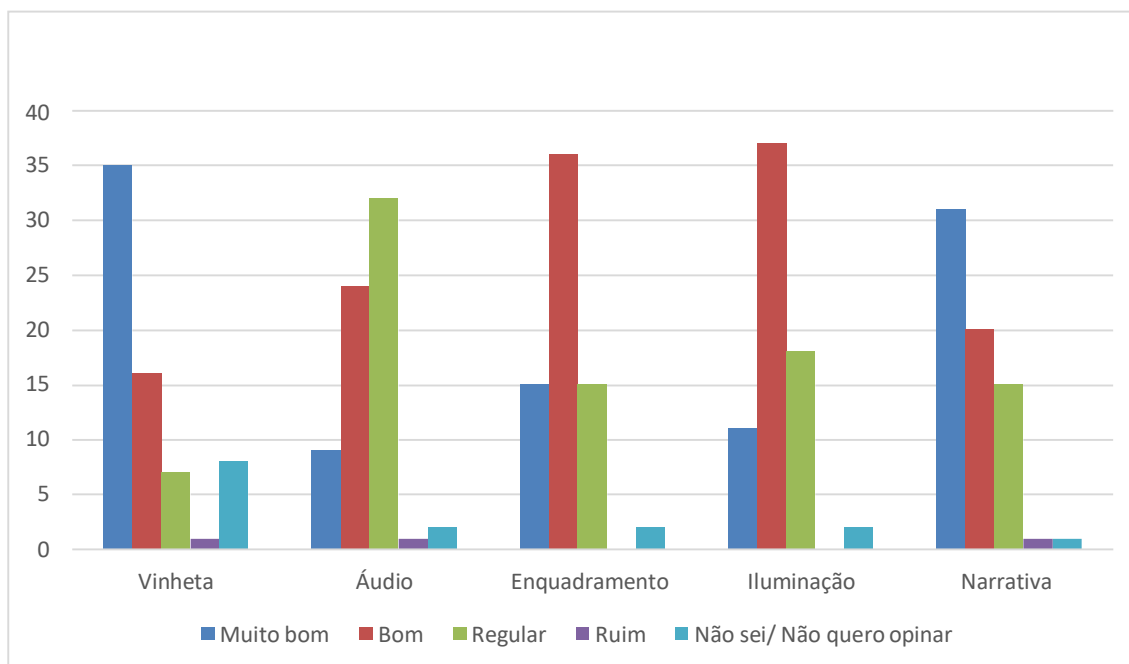
Essa é uma das limitações dos dispositivos móveis que por mais avançados que sejam, deixam muito a desejar em relação à gravação de áudio e a separação do vídeo para melhoria do som ambiente.

Enquadramento teve avaliação positiva com 42 referências para **bom**; 6 para **muito bom**; 15 para **regular** e apenas 3 para o critério **ruim**. Essa foi certamente a habilidade técnica da qual os alunos se apropriaram de forma mais rápida, até porque dispensa a exigência de recursos mais apurados nos celulares.

A **iluminação** foi o item que mais recebeu menção positiva de todos os profissionais com 44 referências para **bom** e 4 para **muito bom**. Apenas 7 indicadores julgaram o item como **ruim**. A maior parte das gravações ocorria durante as oficinas, de dia, o que facilitava a questão da iluminação, dispensando a luz artificial que sempre é insuficiente para a produção de um vídeo, mesmo caseiro.

Em relação à narrativa, percebe-se uma subjetividade nos critérios de avaliação com as falas dos meninos. Temos nessa categoria, com índice semelhante três avaliações para narrativa: **regular** com 18 referências, **bom** com 24 e **muito bom** com 21. Pressume-se que mesmo apresentando algumas falhas técnicas, as narrativas, pelo teor do conteúdo e da informação agradaram aos avaliadores. Se somarmos **bom** e **muito bom**, chegaremos a 45 referências positivas.

No geral, os especialistas destacaram enquadramento e iluminação como pontos positivos e uma carência técnica em relação ao áudio e à vinheta presente na maioria dos vídeos do canal. Essa última avaliação se assemelha às referências citadas nos itens áudio e vinheta também pelos professores no Gráfico 4.

Gráfico 4 - Avaliação dos professores

Fonte: Dados da pesquisa (2019).

Os professores, talvez pela natureza da falta de conhecimento em relação à produção e processo de composição do audiovisual, têm uma tendência a ter menos segurança nas avaliações que envolvem questões técnicas. Em relação à **vinheta**, apenas 7 creditaram como **regular**; 16 acharam **bom** e 35 classificaram como **muito bom**. No quesito **enquadramento**, entre **bom** e **muito bom**, foram 51 indicadores. Nenhum professor classificou o enquadramento como **ruim** nos vídeos e 15 referências foram feitas para **regular** e **muito bom**.

No **áudio**, a opinião dos professores se aproximou em parte da avaliação dos especialistas em relação ao som. Foram 32 referências de **regular** contra 28 dos especialistas e 24 **bom**, bem próximo dos 25 dos técnicos. Nesse quesito, houve um equilíbrio, talvez porque um som ruim seja algo bem claro e que incomode bastante as pessoas quando não apresenta boa qualidade. O áudio é um dos elementos mais importantes na composição do audiovisual e determina, muitas vezes, o sucesso ou o fracasso do produto. A carência na qualidade foi constatada nas falas dos professores.

O item **iluminação** teve 37 referências para **bom**, 11 para **muito bom** e 18 para **regular**. No quesito **narrativa**, foram 15 referências para **regular**; 20 para **bom** e 31 para **muito bom**. Apenas um indicador para **ruim**, mas no geral a narrativa foi considerada boa pelos professores.

5.6. Comentários e sugestões de professores especialistas

No e-mail enviado aos especialistas e também aos professores com as fichas de avaliação dos vídeos, houve a solicitação para que num breve comentário, eles pudessem fazer uma análise do canal do Youtube e também encaminhamento de sugestões de melhoria para o projeto na visão de cada um deles. Os seis participantes responderam à questão. Nas limitações técnicas, tanto de equipamentos na escola, quanto dificuldades com os alunos, os dois lados concordaram, conforme as falas a seguir:

Fala de professor: “Acho que as condições técnicas atrapalhavam a participação dos alunos e teria atraído muito mais alunos.

Fala de professor: “A falta de lapela e equipamentos de iluminação comprometem parte da produção, a variação de aparelhos celulares também contribuem para uma queda de qualidade em alguns vídeos”

Fala de especialista: “Acho que em termos técnicos, precisa avançar na formação, para planos, movimento, luz, e principalmente edição. Mas eles já se portam bem na frente da câmera, já se acostumaram e isso é bom”

Fala de especialista: “Em alguns vídeos não houve o cuidado de pedir silêncio àqueles que não estavam participando da cena. Também ocorreram problemas com ruídos gerados pelo vento”.

Mais especificamente em relação à avaliação do canal da EFAL no YouTube, professores e profissionais comentaram a iniciativa:

Fala de especialista: “Fiquei realmente impressionada com a criatividade dos vídeos. Mesmo com as limitações técnicas, os alunos conseguiram criar vídeos com conteúdo, envolvendo a comunidade escolar. Os alunos demonstram muito prazer em participar do projeto e o senso de ‘pertencimento’ se torna evidente”.

Fala de professor: “Os vídeos contribuíram como formação pedagógica numa dinâmica lúdica. A escola não possui uma boa internet, os aparelhos celulares com algumas limitações, mas o esforço dos alunos como seus orientadores merece os parabéns pelo objetivo alcançado. Sugiro uma reunião de formação com os professores antes da implantação de projetos para que melhor sintonia entre partes envolvidas.

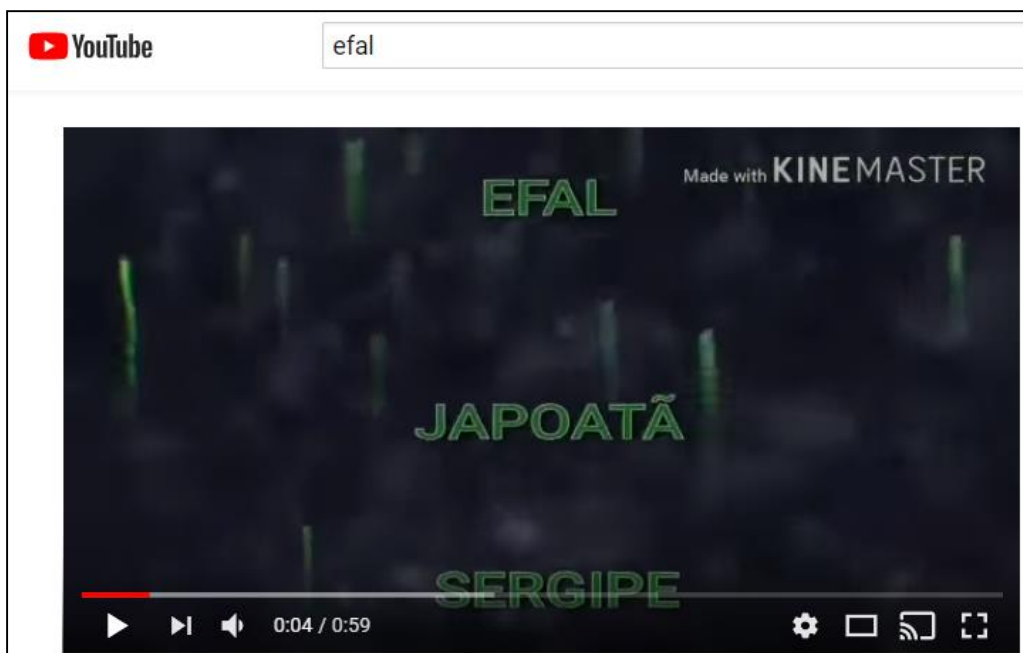
As avaliações realizadas por professores e especialistas foram contribuições fundamentais para um olhar mais abrangente sobre a produção audiovisual desenvolvida dentro da proposta desse projeto.

5.7. Quarta análise – avaliação da pesquisadora

Avaliação de dois vídeos: a seleção feita atendeu ao critério de análise de apropriação de conhecimentos técnicos e socioemocionais ao longo do processo das oficinas. Escolhi para avaliação, dois vídeos, postados no início das oficinas e no final. A marca da temporalidade de começo e fim é um critério para um diagnóstico de avanço, aperfeiçoamento e melhoria do produto das oficinas. A análise foi feita com o recurso do webQDA para avaliação de vídeos possibilitando que cada trecho do vídeo possa ser ‘recortado’ para um exame mais detalhado e aprofundado dos elementos apresentados.

A Figura 19 apresenta o primeiro vídeo postado no canal. O material foi gravado nas dependências da EFAL e ao fundo ouve-se a fala do diretor que estava à frente das gravações. O vídeo foi postado no dia 22 de maio de 2017 e teve até o momento da conclusão desse trabalho, 476 visualizações, 91 curtidas e apenas 01 descurtida.

Figura 19 - Video 1- Apresentação do canal do YouTube



Fonte: Canal da EFAL No Youtube⁴¹.

No vídeo, 7 alunos estão em cena, 5 deles têm falas, aparentemente decoradas, e 2 participam apenas como figurantes da gravação. Para uma primeira ação foi um grande avanço, uma vez que os meninos apresentavam uma barreira enorme para se colocar frente a um vídeo. Neste, há apenas uma menina que não tem fala alguma. No decorrer do projeto, percebe-se uma maior participação dos homens nos processos das etapas de elaboração do material, apesar de ter havido constantes convites para que as meninas se apropriassem das criações.

Normalmente, a participação feminina se restringia à confecção de roteiros, às gravações num auxílio geral das equipes que trabalhavam durante as oficinas. Esse comportamento era notado apenas em relação aos vídeos, uma vez que nas outras atividades envolvendo impresso e rádio, não foi percebida uma hegemonia masculina.

Utilizei para a minha avaliação os mesmos critérios disponibilizados para os participantes das avaliações anteriores: **vinheta, áudio, enquadramento, iluminação e narrativa** para que houvesse uma padronização nos componentes analisados.

Na Figura 20 temos a análise do primeiro vídeo do canal com o apoio do webQDA, intitulado: Apresentação do canal.

⁴¹ Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=3rYBOEkMlqI>>. Acesso em 11 de mar. 2019.

Figura 20 - Imagem em PDF da avaliação feita no webQDA

Avaliação de vídeos-pesquisadora
Emitido por Rosângela


Vídeo 01- Apresentação do Canal

#1 00:00:00 - 00:00:10
Vinheta escura, longa (11 segundos de entrada e saída), tem início sem áudio, com elementos gráficos que prejudicam a visualização dos nomes da escola e da cidade, com um corte abrupto no movimento da logomarca da escola (Brasão)

#2 00:00:11 - 00:00:38
Áudio regular, iluminação boa, enquadramento regular. A gravação foi feita na vertical, o que resultou na criação das duas barras escuras laterais que reduzem o quadro do vídeo para a adaptação ao formato do Youtube.

#3 00:00:11 - 00:00:41
Narrativa regular com modelo baseado numa apresentação de trabalho escolar tradicional com falas distribuídas entre os alunos. Nota-se que não houve a elaboração de um roteiro porque os estudantes ficam meio perdidos nas falas.

#4 00:00:42 - 00:00:50



Fonte: webQDA 2019.

O software webQDA permite, na análise dos vídeos, o ‘fatiamento’ das cenas para uma avaliação mais detalhada ponto a ponto, separando cada um dos elementos componentes do audiovisual. Olhar separadamente cada trecho possibilita não se deixar ‘contaminar’ por fragmentos que podem tornar o produto final muito bom ou muito ruim.

Por exemplo: uma vinheta muito boa pode ‘desaparecer’ num vídeo ruim, perdendo seus atributos estéticos qualificados, mas é óbvio que o audiovisual é o conjunto, a formação completa que dá sentido ao todo. A percepção é direcionada principalmente para os critérios de análise de elementos componentes do vídeo.

Aos olhos do espectador comum, não há separação e normalmente a avaliação se dá pelo conjunto da obra, o que não ocorre na visão do profissional da área, acostumado a fragmentar o produto com finalidade de categorização de análise.

Na Figura 20, temos o vídeo 23, última postagem feita no canal no dia 2 de setembro de 2018, com 459 visualizações, 62 curtidas e apenas 01 descurtida. Claramente nota-se a produção e preocupação com roteiro, escolha de locação para as filmagens e as pessoas que participariam das gravações. De acordo com relatos dos alunos, não foi uma tarefa rápida, ao contrário das primeiras gravações.

Eles perceberam que pensar nas narrativas visuais é diferente de apenas

gravar cenas. É preciso pensar em textos, falas, ambientes e imagens que às vezes dispensam o texto ou ainda a composição de texto e imagem. No vídeo, percebe-se claramente os avanços das competências adquiridas pelos alunos em relação à produção do vídeo.

Ainda que haja visivelmente falhas e elementos a serem aprimorados no vídeo 23 (Figura 21), a avaliação feita é pela linha do tempo, do avanço entre o início e o fim das gravações, o primeiro e o último vídeo, considerando o processo vivenciado pelos alunos e o avanço no caminho percorrido por eles.

Figura 21: Vídeo 23 – Conheça nossa querida EFAL



Fonte: Canal da EFAL No Youtube⁴².

Devemos levar em consideração ainda para a análise dos elementos e constatação do avanço na caminhada, que os recursos disponíveis foram os mesmos do início ao fim. São as transformações do modo de ler citados por Barbero ao se referir ao papel da escola que ignora que a sociedade hoje conta com dispositivos de armazenamento, classificação, difusão e circulação muito mais versáteis, disponíveis e individualizados que ela.

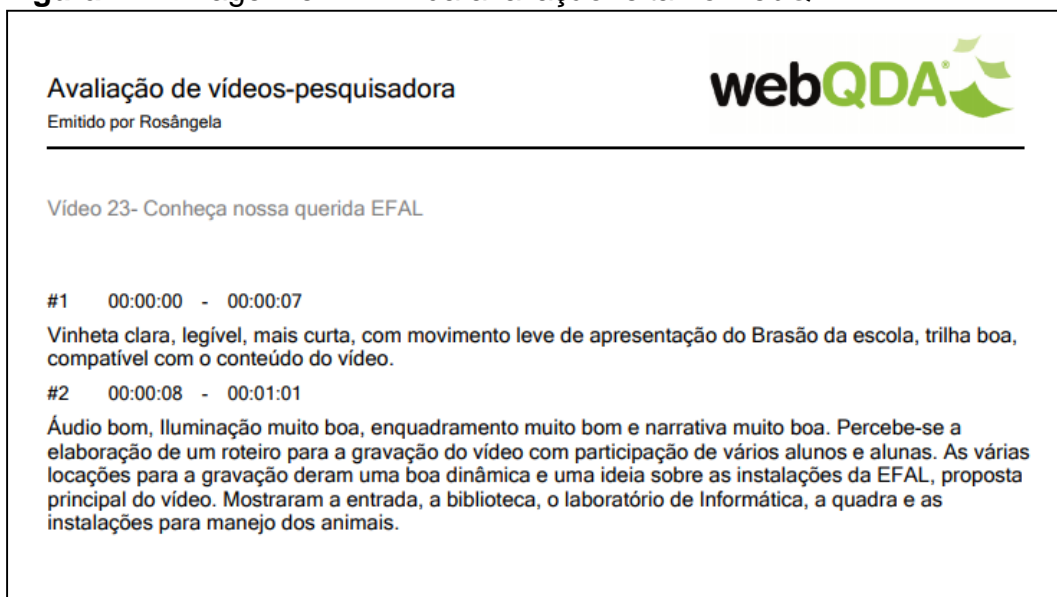
O que mudou foi a forma com que os alunos passaram a se relacionar com as tecnologias e as possibilidades proporcionadas na produção do audiovisual, lembrando que a EFAL, apesar de ter em seus conteúdos, nos livros didáticos,

⁴² Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=Bq5l0cpNu9o>>. Acesso em 11 de mar. 2019.

principalmente na disciplina de Língua Portuguesa, material direcionado às práticas do multiletramento, não apresenta nos currículos propostas para a implantação dessas abordagens.

Na Figura 22, temos a avaliação do vídeo 23 com apoio do software que mostra o avanço das habilidades e competências na produção do material.

Figura 22 - Imagem em PDF da avaliação feita no webQDA

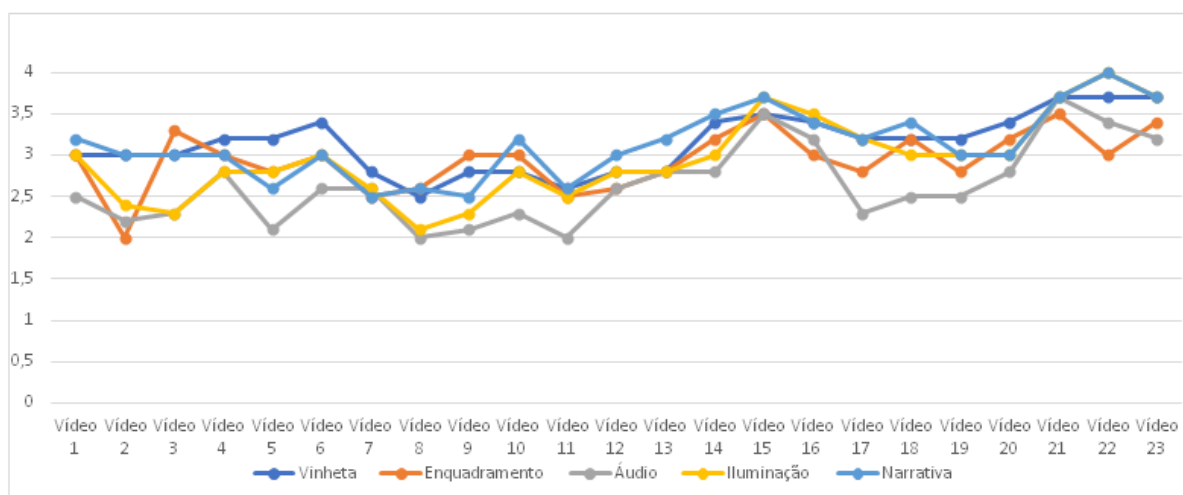


Fonte: webQDA 2019.

O Gráfico 5 apresenta os 23 vídeos postados no canal da EFAL no Youtube, com os 5 critérios definidos para análise: **vinheta**, **enquadramento**, **áudio**, **iluminação e narrativa**, avaliados pelos 3 especialistas e 3 professores convidados a participar. Pela imagem é possível perceber os 'altos' e 'baixos' em cada uma das categorias ao longo dos meses.

Para a mensuração de valores, foram estipuladas notas numéricas para os valores atribuídos a cada um dos critérios para que houvesse uma ideia do desempenho de cada um dos elementos da avaliação: **Nota 1** para ruim; **Nota 2** para regular; **Nota 3** para bom e **Nota 4** para muito bom. Sendo 1 a nota mais baixa e 4 a nota mais alta.

Gráfico 5 – Avaliação geral dos vídeos



Fonte: Dados da pesquisa.

No item **VINHETA**: os vídeos contaram com apenas três vinhetas diferentes em todas as produções e foi um dos itens que menos variou nas mudanças, por ser um produto que carece de uma habilidade técnica mais apurada, porque envolve outros elementos da composição audiovisual, a exemplo de trilhas musicais e elementos gráficos específicos para a elaboração; isso muitas vezes só é possível com o uso de softwares específicos, algo de que a EFAL não dispõe.

Pelo gráfico, temos picos no vídeo 6 com vinheta apenas de encerramento, vídeo 10 com uma vinheta diferente usando como trilha uma música de Luiz Gonzaga e o vídeo 15 também apenas com o encerramento.

As três vinhetas presentes no canal foram elaboradas com aplicativos de edição de celular e ainda assim apresentaram avanço na composição na análise de caminho percorridos em relação à apropriação de habilidades por parte dos meninos

Na linha do caminho traçado pelo **ÁUDIO**, é possível analisar que esse foi um dos itens que também variou muito e em alguns casos, acabou comprometendo a qualidade geral dos vídeos, uma vez que o som é elemento com relevante papel na composição de cenas. O áudio teve grandes quedas de qualidade nos vídeos 5, 11 e 17, alcançando seu melhor desempenho nos vídeos 14, 15 e 21. Ainda assim encerrou o processo com uma avaliação bem melhor do que começou.

É possível perceber que muitos dos itens variavam em conjunto não havendo uma produção com um elemento audiovisual espetacular ao lado de um outro de qualidade inferior. No item **ENQUADRAMENTO**, houve indicadores positivos no início do processo, quedas ao longo do caminho, mas assim como o áudio, o enquadramento encerrou bem melhor do que quando começou.

Pelos gráficos e avaliações dos especialistas, professores e alunos, foi um dos itens de maior qualidade em todos os vídeos, muito por conta da clara percepção da estética em relação ao se enquadrar uma cena, algo feito com muito mais frequência pelos alunos nas gravações realizadas com os dispositivos móveis. Os vídeos 3, 15, 21 e 23 apresentaram melhores resultados em relação ao enquadramento.

Whatts (1999) afirma que se tivesse que selecionar o fator mais importante a respeito de imagens, esse seria a luz. O melhor desempenho do item **iluminação** se deu nos vídeos 3, 10, 15, 21, 22 e 23. O fato de as gravações acontecerem pelo dia em ambientes abertos favoreceu à qualidade desse elemento que pouco consegue melhorar no processo posterior de edição. Foram trabalhadas noções de luz e contra-luz já nas primeiras oficinas do projeto com avaliação do primeiro vídeo feito por eles na escola.

No item **NARRATIVA**, as variações foram menores e também acompanharam os encaminhamentos corrigidos nas ações de intervenção. As linhas no gráfico apontam para uma melhoria nas habilidades gerais relacionadas ao vídeo, sempre que uma oficina acabava de ser realizada. As datas coincidem com as subidas de um aperfeiçoamento de cada item componente do audiovisual.

As falas dos alunos nas narrativas expostas estão relacionadas à vivência do grupo na experiência e na construção de significados. Mesmo que tecnicamente, algumas participações na apresentação dos vídeos estejam abaixo de um nível de critério considerado aceitável, o que se levou em conta foi também a disposição do fazer.

Nos relatos do Grupo Focal, os meninos falam sobre desprendimento, fim da timidez e apuração na habilidade da fala. Tudo isso se viu na produção dos vídeos que acompanhou o progresso e desenvolvimento das turmas.

No Quadro 22 temos a avaliação em notas para uma noção do desenvolvimento de cada item estipulado como critério para a avaliação dos 23 vídeos do canal do Youtube:

Quadro 22 - Notas dos vídeos

Crítérios	Nota Início	Nota Final
Vinheta	3.0	3.7
Áudio	2.5	3.2
Enquadramento	3.0	3.4

Iluminação	3.0	3.7
Narrativa	3.2	3.7

Fonte: Dados da pesquisa.

Nos 5 itens: **vinheta, áudio, enquadramento, iluminação e narrativa**, houve avanço considerável ao longo de construção de todo o processo. Chegou-se à etapa final, com avaliações bem melhores e notas maiores que as do início em 2017. Mas para o mapa de toda a caminhada há de se lançar um olhar para as mudanças das pessoas, individualmente ou em grupos dentro de das várias identidades postas.

Percebe-se nas falas dos alunos, um reconhecimento de mudança não apenas de aptidões tecnicistas, mas também de um auto-reconhecimento na formação do indivíduo abrangendo as duas dimensões: comunicacional e educativa, categorias trabalhadas neste projeto.

Buckingham (2003) classifica como fundamental a compreensão dos papéis dos meios como um processo dinâmico e pluridimensional. Barbero (2014; 2001) fala em Comunicação como ruptura e ponte, num processo de mediação. E alerta ainda para a necessidade de a escola assumir a tecnicidade midiática como dimensão estratégica da cultura. Ainda de acordo com o autor, somente se encarregando dessas transformações, a escola poderá interagir com as novas formas de participação cidadã.

Muitos desses conceitos nos auxiliaram a sedimentar as práticas de Comunicação que, muitas vezes, passearam de mãos dadas com práticas educacionais na EFAL.

Voltemos mais uma vez a nossa a questão problema para agora responder de que forma as práticas de Educomunicação, especificamente a produção audiovisual, podem contribuir para a melhoria dos processos na formação de jovens estudantes do ensino profissionalizante da Escola Agrícola de Ladeirinhas.

Vimos, a partir de diferentes análises, pontos de vista, falas, narrativas e percepções, que as práticas de audiovisual podem sim modificar as relações existentes entre alunos e alunos, alunos e escola e alunos e comunidade à medida em que os sujeitos se modificam.

Dewey (1965) lembra que Comunicação é Educação, e que nada se comunica sem que os dois agentes em comunicação se mudem ou se transformem. As relações que se estabeleceram entre os diferentes núcleos são partes de uma nova

composição, um novo elemento que receberá novas e diferentes contribuições ao longo de toda uma vida.

Em relação ao objetivo geral, que foi o de investigar se/e de que forma a produção de vídeos contribui para a formação de jovens estudantes do ensino técnico profissionalizante da EFAL, tivemos a grata convicção que o audiovisual é uma das possibilidades dentro dos caminhos dos multiletramentos que tem grandes chances de servir como atrativo para essa parcela jovem da população tão voltada à produção de vídeos, compartilhamentos, novos cenários nos meios digitais

Os números já mostrados aqui, comprovam a participação dos jovens e apontam para um crescimento ainda maior de espaços colaborativos no digital.

O trabalho cumpre as etapas previstas no mapeamento do uso das mídias; na aplicação das oficinas de produção audiovisual; na descrição da trajetória dos alunos durante as oficinas com a identificação de avanços e dificuldades nas competências de produção e competências discursivas; na identificação de que competências do letramento midiático foram adquiridas pelos estudantes e por fim, da avaliação dos produzidos pelos estudantes.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A chegada à EFAL, no início de 2017, não foi nada fácil, até porque não estava nos meus planos iniciais transformar a experiência das oficinas numa pesquisa. Mas

voltando ao início da dissertação e lembrando das pretensões colocadas naquele momento, agora fica tudo mais claro; ‘natural que seja assim’ como bem lembra a música. Como quando se atravessa uma cortina de fumaça em busca de se enxergar melhor o cenário do outro lado.

Não me cabe aqui fechar um modelo ou mesmo fazer críticas a um sistema ou a formas de ensinar de cada um dos professores da EFAL. Muito pelo contrário: durante os dois anos em que passei sendo recebida por todos, ensinei e aprendi; e aprendi com todos; professores e alunos; cada um me mostrou que a Educação pode ou não acontecer pelos mais variados caminhos e possibilidades.

É fácil fazer críticas e talvez seja o papel mais confortável de se representar em qualquer instância de nossas vidas. Obviamente é meta de uma pesquisa apresentar um olhar sobre um objeto e sujeitos e tentar colaborar com possibilidades de novos caminhos a partir dela e com ela, deixando o espaço para novas contribuições. Esse estudo foi um recorte de uma experiência proposta para uma turma de ensino profissionalizante numa instituição rural com sistema de Pedagogia da Alternância no interior de Sergipe.

Mas as práticas de Educação e Comunicação que sedimentaram as experiências de letramento e atravessaram a escola, comprovaram que esse modelo pode ser aberto, adaptável a jovens de outras idades e outras vivências. Barbero (2014) lembra que hoje a idade para aprender são todas [...] e o lugar pode ser qualquer um - uma fábrica, um hotel, uma empresa [...] os grandes e os pequenos meios e a internet.

Na alternância, os alunos se mostraram autônomos nas experiências compartilhadas com a ajuda do audiovisual que entrou na escola não para substituir livros, mas para colaborar como mais um meio de aprendizagem, uma possibilidade de ação colaborativa.

Era a primeira vez que a EFAL recebia uma pesquisa com um tempo tão longo e foi difícil a adaptação dos dois lados. Era minha primeira pesquisa e com o caráter da intervenção que requer aproximação, mas exige ‘intimidade cuidadosa’. Precisei conversar com a coordenação da escola sobre uma disciplina que insistia em se instalar nos espaços das oficinas. Eu não era a professora, repetia isso para a turma e para mim mesma sempre.

Meu papel de jornalista-pesquisadora me alertava para que eu não transformasse as oficinas em aulas formais, fechadas num planejamento rígido. Há

de se ter um alerta, principalmente por conta do tempo que se passa junto e de algumas práticas escolares engessadas que teimam em ‘contaminar’ a experiência.

Com o passar dos meses, eu já lia sinais: de tédio, de euforia e de satisfação. Percebia na organização da sala de aula assim que chegava à escola. Numa nova experiência, irei misturar teoria e prática, em camadas para chamar mais a atenção dos participantes. Uma das queixas dos meninos foi o de algumas vezes não enxergar rapidamente o sentido da proposta. No grupo focal, uma das falas foi: “Eu também não sou muito de teoria, comigo é logo prática e no começo eu achava um pouco chato né?”. Talvez fosse esse o sentimento de outros estudantes que se inibiram para falar.

O fato é que com a experiência do grupo focal, foi possível saber mais sobre impressões e constatações da turma. A pesquisa do tipo intervenção abre brechas que muitas vezes demoram a fechar ou levam a gente para caminhos que estão fora do mapa oficial.

O ‘e se’ é algo que aparece ao longo dos dois anos numa insistente busca por respostas e mais ainda por soluções. “E se a gente tivesse tido mais recursos tecnológicos, mais computadores, mais laboratórios, e uma internet sempre boa?” ‘E se os professores tivessem participado mais? E se toda a escola tivesse se envolvido? A gente jamais vai saber qual resultado desse cenário, até porque o que se sabe é o que temos, e o que temos não é pouco. “Antes de vocês chegarem, a gente nunca tinha usado tecnologia” disse um professor numa das entrevistas informais feitas nos meses finais do projeto.

Durante os anos de 2017 e 2018, a EFAL sofreu com quebra de computadores, e passou por dois assaltos: num deles, foram levadas máquinas do laboratório de informática; no outro, alguns celulares e notebooks dos meninos foram roubados numa invasão à escola. Esse último, em maio de 2018, quando estávamos no auge das atividades. Nos dois momentos, as oficinas foram prejudicadas. Primeiro por conta da ‘baixa’ no material que já não era suficiente para o trabalho, e segundo, não menos importante, por conta da vulnerabilidade das instalações numa escola que tentava a todo custo se mostrar segura para a comunidade, que muitas vezes sempre duvidou disso.

A coordenação pediu um tempo e na época do assalto, os alunos foram dispensados para casa. Todo o calendário teve que ser reorganizado e mais uma vez ficamos com tempo apertado para as atividades.

Era como se os críticos do sistema do semiinternato tivessem razão e naquele momento, certificados de que a EFAL não tinha conseguido oferecer nenhuma proteção aos meninos. Foi prometida mais segurança, fechamento dos acessos e a colocação de uma portaria, mas nada disso foi feito até o final desse trabalho. Numa parceria autorizada pela Secretaria de Educação, a EFAL recebeu computadores da escola do município de Poço Redondo, mas aguarda ainda outros equipamentos.

Os meninos me mostraram muitas vezes, mesmo sem falar, que não queriam apenas mais uma aula, queriam experiências. Aprendi que aprender é de cada um: eles não aprendem da mesma maneira. Uns são mais visuais, outros falam muito, uns não falam nada e um mesmo menino podia estar diferente a cada novo encontro

Quando eles se separaram da turma e se uniram no grupo focal, se reconheceram numa nova identidade “a gente fala melhor agora, mas lá na sala não dá porque os colegas ficam tirando onda”. Eles reconhecem as múltiplas identidades que têm: na comunidade, na escola e ainda dentro da escola com subdivisões de identidade. Eles sabem que mudaram, eu vi que mudaram. Não somos os mesmos do início da jornada. Nem seria possível e a experiência mostrou a todos nós que ainda que se percorra o mesmo caminho, o resultado nunca será o mesmo. Um deles falava no grupo focal: “Se eu pudesse voltar no tempo tinha aprendido mais”. Não percebe ele que a trilha percorrida foi exatamente o que fez surgir essa constatação.

O audiovisual se apresentou no projeto como um meio e não como um fim. Pode-se olhar para as gravações e colocar sobre elas critérios técnicos, percebendo-se que o vídeo sedimentou um elo entre as práticas de Educação e Comunicação que atravessaram a escola. Comecei a pesquisa, conforme descrevi logo no início do texto, como uma pesquisadora-sonhadora, dessas que enxergam um arco-íris no caminho a ser trilhado no desenvolvimento do trabalho.

A mim parecia tudo muito solto, espalhado, como num quarto de adolescente em que nada parece ter lugar certo. Mas como se diz na música: ‘é caminhando que se faz o caminho’, aos poucos fui percebendo que ali estavam postos o desafio e os encantos da pesquisa ação/intervenção. Cada professor passa dois anos da escola, talvez não haja tempo para consolidar uma proposta. Alguns gostavam do início das oficinas porque ocupava o horário de aula deles, mas no final de cada ano, a pressão aumentava por conta do calendário que tinha que ser cumprido.

Há problemas por todos os lados e há soluções por todos os lados também. Uma professora se ausentou da escola, o outro desconfiou do projeto, e havia dias

em que nossa presença era visivelmente indesejada. Mesmo sem condições consideradas ideais, com pouca participação de professores, o que se conseguiu não foi pouco. Ver esses meninos falando, se posicionando, criando canais nas redes sociais para se expor, contar suas verdades pode parecer pouco, mas para mim foi uma grande conquista.

O letramento, normalmente mais chegado à área das linguagens, pode se abrigar confortavelmente em qualquer outra disciplina. O computador é apenas um dispositivo que pode servir para muita coisa e pode não servir para nada. Apenas como peça decorativa para fotos de propaganda de governo. Às vezes, desligados, figuram enfileirados como se oferecessem um mundo de descobertas, como gostam de se referir a eles. As oficinas podem ser levadas a qualquer lugar, o letramento é de qualquer lugar, basta adaptá-las levando em consideração cada cenário, cada turma.

É chegada a hora da despedida. E não é como deixar um filho na porta da escola para buscá-lo logo mais. É deixá-lo num aeroporto para uma viagem bem longa, talvez até sem volta. Não que eu não queira ver mais 'os meninos da EFAL'. Mas é que certamente cada um de nós já contribuiu com o outro nesse tempo de convivência. É hora de buscar 'outros meninos' e é hora também desses 'meninos' conhecerem novas práticas com novas pessoas. Vida que segue, não é assim que se diz?

REFERÊNCIAS

- ANDRADE, L. R. **Alfabetização Informacional Técnica Profissionalizante**: uma pesquisa do tipo ação/intervenção. Aracaju: Universidade Tiradentes, 2018.
- AMADO, J. (Coord.) **Manual de Investigação Qualitativa em Educação**. Coimbra: Imprensa da Universidade, 2013.
- BLAXTER, L.; HUGHES, C.; TIGHT, M. **How to rescarch**. 2 ed. Buckingham: Open University Press, 2001.
- BOGDAN, R. C., et al. **Investigação qualitativa em educação**: uma introdução à teoria e aos métodos. 1994.
- BUCKINGHAM, D. **Educación en medios**. Barcelona: Paidós, 2005.
- CARDOSO, T.; ALARCAO, I.; CELORICO, J. A. **Revisão da Literatura e Sistematização do Conhecimento**. Porto: Porto Editora, 2010.
- CARLSSON, U.; FEILITZEN, C. **A criança e a mídia: imagem, educação, participação**. Allan Alvaro Jr Santos, 2002.
- CAVALCANTI, J. **O jornal como proposta pedagógica**. Paulus, 2006.
- CASTELLS, M. **A Sociedade em Rede**. São Paulo: Paz e Terra, 1999.
- DIEGUES, V. **Educomunicação**: produção e utilização de podcasts na dinamização de uma webrádio. Dissertação apresentada ao Mestrado em Educação da Universidade do Minho. Braga: UMinho, 2010.
- FERRÉS, J. **Pedagogia dos meios audiovisuais e pedagogia com os meios audiovisuais**. In: SANCHO J. María (Org.). Para uma Tecnologia Educacional. Trad. Beatriz Affonso Neves. Porto Alegre: Artes Médicas, 2001.
- FISCHER, R. **Televisão & educação-fruir e pensar a TV**. Autêntica, 2006.
- FONSECA, C. **Os meios de comunicação vão à escola?** Belo Horizonte: Autêntica / FCHFUMEC, 2004.
- FREIRE, P. **Extensão ou comunicação?** Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1977.
- KELLNER, D. **A cultura da mídia e o triunfo do espetáculo**. Tradução de Rosemary Duarte. Libero, 2011.
- LEMKE, J. L. **Letramento Metamidiático**: Transformando significados e mídias. Trab.Ling.Aplic., Campinas, v 49 n 2, p. 455-479, Jul./Dez. 2010.
- LINHARES, R. **Gestão em comunicação e educação**: o audiovisual no espaço escolar. Maceió: UFAL, 2007.

LIPOVETSKY, G. **Da leveza para uma civilização do ligeiro**. Extra Coleção, 2016.

LOPES, E. **Vídeo como ferramenta no processo formativo de licenciados em educação do campo**. Dissertação apresentada ao Programa de Pós- Graduação em Ensino de Ciências da Universidade de Brasília, Brasília: UnB, 2014.

MARTÍN-BARBERO, J.; BARCELOS, C. Comunicação e mediações culturais. **Revista Brasileira de Ciências da Comunicação (RBCC)**, São Paulo, Vol. XXIII, n. 1, p. 151-163, jan/jun 2000.

MARTIN-BARBERO, J.; GERMAN, R. **Os exercícios do ver: hegemonia audiovisual e ficção televisiva**. Senac, 2001.

MARTIN-BARBERO, J. **Dos meios às mediações: comunicação, cultura e hegemonia**. 4ª ed. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2006.

MELO, J. M.; TOSTA, S. P. (Orgs.). **Mídia e Educação**. Belo Horizonte, Autêntica, 2008.

MENDES, V. **A Informação e a Comunicação na escola: tecnologias, redes e fluxos**. Tese apresentada ao Programa de Doutorado em Estudos da Criança da Universidade do Minho. Braga: UMinho, 2016.

Minayo, M.; DESLANDES, S.; GOMES, R. "Pesquisa social: teoria, método e criatividade." **Pesquisa social: teoria, método e criatividade**. Editora Vozes. 2009.

MOUTA, A. **Oficinas de Comunicação no centro das juventudes de Santos: uma experiência à luz de Anton Makarenko**. Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Ciências da Comunicação da Universidade de São Paulo. São Paulo: USP, 2014.

NUNES, R. **Vídeos na educação escolar: a experiência do vídeo escolar em Aracaju**. Pixel-Bit. Revista de Medios y Educación. n 12, 1999, p. 5-11.

PEDROSA, L. **Nas mãos dos jovens: modalidades do uso de celular para a produção de vídeos no contexto de uma escola pública**. Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação da Faculdade de Comunicação da Universidade de Brasília, Brasília: UnB, 2011.

PEREIRA, M. **Produção e recepção de vídeos por estudantes de ensino médio**. Estratégia de trabalho no laboratório de Física. Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Ciências e Saúde da Universidade do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro: UFRJ, 2013.

Prado, Ana. **"Entendendo o aluno do século 21 e como ensinar a essa nova geração."** *Geekie, São Paulo* (2015).

RAMALHO, A. **Manual de redação de estudos e projetos de revisão sistemática com e sem metanálise**. Coimbra: Formasau, 2005.

ROJO, R.; MOURA, E. (Orgs.). **Multiletramentos na escola**. São Paulo: Parábola Editorial, 2012.

SAYAD, A. **Idade média**: a comunicação reinventada na escola. São Paulo: Aleph, 2012.

SALDANHA, F. **Oficina Educomunicativa de produção de vídeos**: construção de significados sobre problemas socioambientais. Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Tecnologias, Comunicação e Educação da Universidade Federal de Uberlândia. Uberlândia: UFU, 2016.

SOARES, I. **Gestão Comunicativa e Educação**: Caminhos da Educomunicação. *Comunicação & Educação*, n 23, Jan./Abril, p.16-125, 2002.

SOARES, I. **A comunicação e o ensino médio**. Folha de São Paulo, 21/12/1998. Disponível em: <<http://www.usp.br/nce/aeducunicacao/saibamais/textos/>>.

SOARES, I. **Educomunicação, seus procedimentos e Metodologias**. Mas, afinal, o que é Educomunicação? Disponível em: <<http://www.usp.br/nce/aeducunicacao/saibamais/textos/>>. Acesso em: 19 jun 2018.

WATTS, Harris. **On camera o curso de produção de filme e vídeo da BBC**. Vol. 36. Grupo Editorial Summus, 1990.

ENDEREÇOS ELETRÔNICOS

PLUFT, O Fantasmilha. **Memória Globo**. Disponível em: <<http://memoriaglobo.globo.com/programas/entretenimento/infantojuvenis/pluft-o-fantasmilha.htm>>. Acesso em: 03 de ago 2018

NATELINHA. **Por que o público jovem não está dando audiência para os canais abertos?** Disponível em: <<https://natelinha.uol.com.br/noticias/2016/09/12/por-que-o-publico-jovem-nao-esta-dando-audiencia-para-os-canais-abertos-102003.php>>. Acesso em agosto de 2018.

G1. **Brasil tem 116 milhões de pessoas conectadas à internet, diz IBGE**. 2018. Disponível em: <<https://g1.globo.com/economia/tecnologia/noticia/brasil-tem-116-milhoes-de-pessoas-conectadas-a-internet-diz-ibge.ghtml>>. Acesso em: 03 de ago 2018

Star Trek. **InfanTV**. Disponível em: <<http://infantv.com.br/infantv/?p=8867>>. Acesso em: 03 ago 2018

Superinteressante. **Brasileiros nunca estiveram tão conectados**. 2017. Disponível em: <<https://super.abril.com.br/comportamento/brasileiros-nunca-estiveram-tao-conectados>>. Acesso em: 03 de ago 2018

TECMUNDO. **Youtube é acessado por 95% da população brasileira online**. 2017. Disponível em: <<https://www.tecmundo.com.br/internet/119776-youtube->>

insights-brasil.htm. Acesso em: 03 de ago 2018.

Terra de Gigantes. **Adoro Cinema**. 2018. Disponível em: <<http://www.adorocinema.com/series/serie-7338/>>. Acesso em: 03 de ago 2018

WILSON, Carolyn, et al. **Alfabetização midiática e informacional**: currículo para formação de professores." *Brasília, 194p.* <http://pt.scribd.com/doc/157680302/Alfabetizacao-midiatica-e-informacional-Curriculo-para-formacao-de-professores-UNESCO>, Acesso em 30 de ago de 2018 (2017).

G1. **Pesquisa inédita mostra difusão de metade das notícias falsas no WhatsApp em grupos de família**. 2018. Disponível em <<https://g1.globo.com/economia/tecnologia/noticia/pesquisa-inedita-mostra-difusao-de-metade-das-noticias-falsas-no-whatsapp-em-grupos-de-familia.ghtml>>. Acesso em 01 de mar de 2019.

G1. **FATO ou FAKE? É #FAKE que Haddad criou 'Kit gay' para crianças de seis anos**. 2018. Disponível em: <https://g1.globo.com/fato-ou-fake/noticia/2018/10/16/e-fake-que-haddad-criou-kit-gay-para-criancas-de-seis-anos.ghtml>. Acesso em: 01 de mar de 2019

Correio Braziliense. **Estudo da Ancine demonstra queda brusca de audiência da TV Aberta**. 2016. Disponível em <https://www.correio braziliense.com.br/app/noticia/diversao-e-arte/2016/10/18/interna_diversao_arte,553603/estudo-da-ancine-demonstra-queda-brusca-de-audiencia-da-tv-aberta.shtml>. Acesso em: 01 de mar de 2019

Folha de São Paulo. **Empresários bancam campanha contra o PT pelo WhatsApp**. 2018. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/poder/2018/10/empresarios-bancam-campanha-contra-o-pt-pelo-whatsapp.shtml>. Acesso em 01 de mar de 2109.

Adoro Cinema. **Terra de Gigantes**. Disponível em: <<http://www.adorocinema.com/series/serie-7338/>>. Acesso em: 20 de dez. 2017.

Ifantv. **Star Trek**. Disponível em: <<http://infantv.com.br/infantv/?p=8867>>. Acesso em: 20 de dez. 2017.

Memória Globo. **O Fantasminha**. Disponível em: <<http://memoriaglobo.globo.com/programas/entretenimento/infantojuvenis/pluft-o-fantasminha.htm>>. Acesso em: 15 de jan. 2018.

Pesquisa de mídia. **Pesquisa de Consumo de Mídia da Secretaria de Comunicação da Presidência da República**. Disponível em: <<http://pesquisademidia.gov.br/#/Geral/details-917>>. Acesso em 19 de fev. 2017.

Portal G1. **Brasil tem 116 milhões de pessoas conectadas a internet diz IBGE**. Disponível em: <<https://g1.globo.com/economia/tecnologia/noticia/brasil-tem-116-milhoes-de-pessoas-conectadas-a-internet-diz-ibge.ghtml>>. Acesso em: 19 de fev. 2017.

Na telinha. **Por que o público jovem não está dando audiência para os canais abertos.** Disponível em: <<https://natelinha.uol.com.br/noticias/2016/09/12/por-que-o-publico-jovem-nao-esta-dando-audiencia-para-os-canais-abertos-102003.php>>. Acesso em: 10 de out. 2018.

Super abril. **Brasileiros nunca estiveram tão conectados.** Disponível em: <<https://super.abril.com.br/comportamento/brasileiros-nunca-estiveram-tao-conectados/>>. Acesso em 30 de abr. 2017.

Tecmundo. **Youtube insights Brasil.** Disponível em: <<https://www.tecmundo.com.br/internet/119776-youtube-insights-brasil.htm>>. Acesso em 30 de abr. 2017.

BBC Brasil. **Pesquisa inédita identifica grupos de família como principal vetor de notícias falsas no WhatsApp.** Disponível em: <<https://www.bbc.com/portuguese/brasil-43797257>>. Acesso em 01 de mar. 2019.

Folha de São Paulo. **Empresários bancam campanha contra o PT pelo WhatsApp.** Disponível em: <<https://www1.folha.uol.com.br/poder/2018/10/empresarios-bancam-campanha-contra-o-pt-pelo-whatsapp.shtml>>. Acesso em 27 de jan. 2019.

Portal G1. **É fake que Haddad criou kit gay para crianças de seis anos.** Disponível em: <<https://g1.globo.com/fato-ou-fake/noticia/2018/10/16/e-fake-que-haddad-criou-kit-gay-para-criancas-de-seis-anos.ghtml>>. Acesso em 16 de nov. 2018.

Youtube. **Canal da EFAL.** Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=iMLwJdZRazY>>. Acesso em 18 de mar. 2019.

APÊNDICE A – QUESTIONÁRIO DE INDICADORES



NARRATIVA DE EDUCOMUNICAÇÃO NA FORMAÇÃO TÉCNICA PROFISSIONAL DE SERGIPE: UM ESTUDO DE INTERVENÇÃO NA ESCOLA FAMÍLIA AGRÍCOLA EM LADEIRINHAS / JAPOATÃ / SERGIPE

Aos especialistas:

Solicito a colaboração nesta pesquisa sobre a produção de vídeos dos alunos da EFAL compartilhados no canal da instituição no Youtube. Este questionário é composto por indicadores, alguns já utilizados por instituições e outros provenientes das experiências na minha formação profissional na área do Jornalismo.

OBS.: Para responder às questões, considere a legenda:

R – Ruim

RE- Regular

B – Bom

MB- Muito Bom

NS/NO – Não sei / não quero opinar

Agradeço desde já a colaboração e o apoio a esta pesquisa.

Vídeo 1: Apresentação do canal

Critério	Ruim	Regular	Bom	Muito Bom	NS/NQ
Vinheta					
Enquadramento					
Áudio					
Iluminação					
Narrativa					

Vídeo 2: História da EFAL (como e por que foi fundada)

Critério	Ruim	Regular	Bom	Muito Bom	NS/NQ
Vinheta					
Enquadramento					
Áudio					
Iluminação					
Narrativa					

Vídeo 3: Rosinária entrevista Dona Chica

Critério	Ruim	Regular	Bom	Muito Bom	NS/NQ
Vinheta					
Enquadramento					

Áudio					
Iluminação					
Narrativa					

Vídeo 4: Cotidiano dos alunos na EFAL (parte I)

Critério	Rui m	Regula r	Bo m	Muit o Bom	NS/N Q
Vinheta					
Enquadrament o					
Áudio					
Iluminação					
Narrativa					

Vídeo 5: Armazenamento das acerolas

Critério	Rui m	Regula r	Bo m	Muit o Bom	NS/N Q
Vinheta					
Enquadrament o					
Áudio					
Iluminação					
Narrativa					

Vídeo 6: Festejos juninos na EFAL

Critério	Rui m	Regula r	Bo m	Muit o Bom	NS/N Q
Vinheta					
Enquadrament o					
Áudio					
Iluminação					
Narrativa					

Vídeo 7: Concerto do Tobhata

Critério	Rui m	Regula r	Bo m	Muit o Bom	NS/N Q
Vinheta					
Enquadrament o					
Áudio					
Iluminação					
Narrativa					

Vídeo 8: Oficina de gamificação

Critério	Rui m	Regula r	Bo m	Muit o Bom	NS/N Q
Vinheta					
Enquadrament o					
Áudio					

Iluminação					
Narrativa					

Vídeo 9: EFAL & CEEPAP – INTERCÂMBIO

Critério	Rui m	Regula r	Bo m	Muit o Bom	NS/N Q
Vinheta					
Enquadrament o					
Áudio					
Iluminação					
Narrativa					

Vídeo 10: Workshop de avaliação do projeto

Critério	Rui m	Regula r	Bo m	Muit o Bom	NS/N Q
Vinheta					
Enquadrament o					
Áudio					
Iluminação					
Narrativa					

Vídeo 11: EFAL entrevista

Critério	Rui m	Regula r	Bo m	Muit o Bom	NS/N Q
Vinheta					
Enquadrament o					
Áudio					
Iluminação					
Narrativa					

Vídeo 12: Colheita de feijão na EFAL

Critério	Rui m	Regula r	Bo m	Muit o Bom	NS/N Q
Vinheta					
Enquadrament o					
Áudio					
Iluminação					
Narrativa					

Vídeo 13: Coleta de fungos na mata

Critério	Rui m	Regula r	Bo m	Muit o Bom	NS/N Q
Vinheta					
Enquadrament o					

Áudio					
Iluminação					
Narrativa					

Vídeo 14: O grito da floresta

Critério	Rui m	Regula r	Bo m	Muit o Bom	NS/N Q
Vinheta					
Enquadrament o					
Áudio					
Iluminação					
Narrativa					

Vídeo 15: AVISO

Critério	Rui m	Regula r	Bo m	Muit o Bom	NS/N Q
Vinheta					
Enquadrament o					
Áudio					
Iluminação					
Narrativa					

Vídeo 16: EFAL: unidade produtiva

Critério	Rui m	Regula r	Bo m	Muit o Bom	NS/N Q
Vinheta					
Enquadrament o					
Áudio					
Iluminação					
Narrativa					

Vídeo 17: Alimentação saudável (Oficina)

Critério	Rui m	Regula r	Bo m	Muit o Bom	NS/N Q
Vinheta					
Enquadrament o					
Áudio					
Iluminação					
Narrativa					

Vídeo 18: UFS na EFAL

Critério	Rui m	Regula r	Bo m	Muit o Bom	NS/N Q
Vinheta					
Enquadrament o					
Áudio					

Iluminação					
Narrativa					

Vídeo 19: Animal sente

Critério	Rui m	Regula r	Bo m	Muit o Bom	NS/N Q
Vinheta					
Enquadrament o					
Áudio					
Iluminação					
Narrativa					

Vídeo 20: Confraternização Serão Lúdico

Critério	Rui m	Regula r	Bo m	Muit o Bom	NS/N Q
Vinheta					
Enquadrament o					
Áudio					
Iluminação					
Narrativa					

Vídeo 21: 2018

Critério	Rui m	Regula r	Bo m	Muit o Bom	NS/N Q
Vinheta					
Enquadrament o					
Áudio					
Iluminação					
Narrativa					

Vídeo 22: 1º Torneio de Vôlei

Critério	Rui m	Regula r	Bo m	Muit o Bom	NS/N Q
Vinheta					
Enquadrament o					
Áudio					
Iluminação					
Narrativa					

Vídeo 23: Conheça Nossa querida EFAL: Escola Família

Critério	Rui m	Regula r	Bo m	Muit o Bom	NS/N Q
Vinheta					
Enquadrament o					
Áudio					

Iluminação					
Narrativa					

Espaço para sugestões e comentários sobre os vídeos e o canal da EFAL

APÊNDICE B – JORNAL DA REDE EFAL DE COMUNICAÇÃO 1 E 2 EDIÇÕES

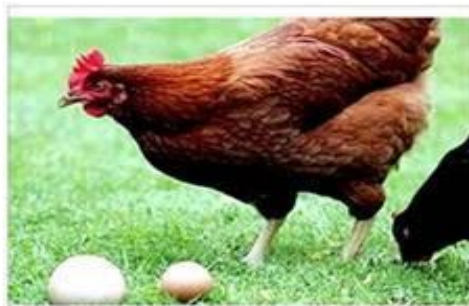


JORNAL DA REDE EFAL DE COMUNICAÇÃO

Japoatã/Neópolis – Setembro de 2016 – Ano 1 Edição 01

“A galinha está comendo o coentro de mainha”

AGRICULTORA RELATA PERDAS NA HORTA CAUSADA PELA AÇÃO DE GALINHAS



Galinhas devoram hortaliças

IDENTIFICAÇÃO DO PROBLEMA

De acordo com informações pesquisadas no site da [Embrapa](#), o grão de milho muido e o farelo de soja podem ser considerados uma alimentação ideal e largamente utilizada em dieta de frango, pintos e galinhas. Além disso, a [Embrapa](#) ainda afirma que uma das funções da galinha caipira é aproveitar os resíduos oriundos da atividade agropecuária. Com isso diminui o custo da produção agrícola.

No dia 25 de agosto de 2016 na Escola Família Agrícola de Ladeirinhas “A” (EFAL), localizada em Japoatã-SE, foi solicitado que os alunos gravassem um vídeo sobre o lugar que mais gostavam de ficar em sua comunidade. Alguns mostraram seus lugares favoritos, nestes vídeos, percebemos que em algumas regiões onde os estudantes residem, galinhas de capoeira estavam comendo coentro.

O problema foi levado para sala de aula por Rosangela Doria, Luiz Rafael Andrade e Caio Guimarães, oficinairos do Núcleo de CT&I EB. Após debate em sala de aula, foi proposto aos alunos, com base para o próximo encontro, que buscassem respostas técnicas para o problema detectado.

Então buscamos respostas com especialistas veterinários, agrônomos, nutricionista e na internet.

PROBLEMA DA GALINHA/HORTA

Para o levantamento de hipóteses da galinha em relação horta foram entrevista dos especialistas em agronomia, veterinária e alimentação.

Buscamos também informações na internet, pelo buscador Google pesquisamos quais os nutrientes que as hortaliças fornecem para as galinhas após isto houve um debate



JORNAL DA REDE EFAL DE COMUNICAÇÃO

Japoatã/SE – Julho de 2017 – Ano 2 Edição 02

“PROJETO DE MÍDIAS DESLANCHA NA EFAL”

ALUNOS RELATAM RESULTADOS E CONHECIMENTOS ADQUIRIDOS DURANTE A REALIZAÇÃO DO PROJETO



ATIVIDADES DO PROJETO

No período de dois anos foi realizado na Escola Família Agrícola de Ladeirinhas “A”, um projeto relacionado ao uso das mídias e também da criatividade e tecnologia na resolução dos problemas, nesse período foram realizadas na escola várias oficinas de letramento multimidiático, criatividade e tecnologia, games e gamificações e outras mais.

RESULTADOS DAS OFICINAS



Segundo relato dos alunos e professores que participaram da realização do projeto foi um

marco para a história da escola, pois nunca o celular foi tão bem utilizado em trabalhos específicos quanto agora, também foi observado que os alunos estão com o censo crítico mais apurado, no sentido de procurar descobrir se realmente tudo que vira notícia é verdade e esse conhecimento veio a partir da oficina de letramento multimidiático, além disso os alunos aprenderam a fazer e editar vídeos e divulgar em um canal no you tube, construir mapas mentais, fazer projeto de reaproveitamento da água cinza da escola, fazer jogos na plataforma kodo, desenvolver jornal impresso e criaram uma página da escola no face book, além do canal no you tube, “realmente esse projeto só contribuiu com nosso aprendizado”, diz o aluno Cleomadson do 2º ano.

FESTEJOS JUNINOS DA EFAL BOMBA NA NET



Imagens: José Cleomadson / 2º ano.

No dia 10 de Junho do corrente ano foi realizado na EFAL, uma gincana junina com o objetivo de integrar as turmas da escola e também aprimorar os conhecimentos dos educandos quanto ao tema da gincana que era “NOSSAS RAIZES, NOSSA CULTURA”, os alunos participarão de uma verdadeira maratona de atividades recreativas e de conhecimentos específicos sobre o tema relacionado, em meio

APÊNDICE C – ROTEIRO DA RÁDIO

PROGRAMA	HORÁRIO	REDATOR	DATA	TEMPO
NOTÍCIAS DA EFAL	9 DA MANHÃ	ROSÂNGELA DÓRIA	04/01/2018	30 MIN
VINHETA DE ABERTURA LOC: RODA VINHETA.....	<p>OLÁ/ ESTÁ COMEÇANDO MAIS UM PROGRAMA NOTÍCIAS DA EFAL, COM INFORMAÇÕES DA ESCOLA FAMILIA AGRICOLA DE LADEIRINHAS/ HOJE VAMOS FALAR SOBRE O TORNEIO DE FUTEBOL QUE ESTÁ SENDO REALIZADO AQUI NA ESCOLA / TEREMOS O RESULTADO DAS PRIMEIRAS PARTIDAS E TAMBÉM JÁ OS PRIMEIROS MEDALHISTAS // A GENTE VAI SABER AINDA COMO ANDAM AS MATRÍCULAS AFINAL OS CURSOS ESTÃO COM AS VAGAS DISPONÍVEIS E A COMUNIDADE JÁ COMEÇA A PROCURA E TEREMOS TAMBÉM NO PROGRAMA DE HOJÉ UMA ENTREVISTA ESPECIAL COM A PROFESSORA DE PORTUGUÊS DA EFAL RAIMUNDA RODRIGUES/ ELA VAI FALAR SOBRE A TEMIDA REDAÇÃO NO ENEM E EM CONCURSOS PÚBLICOS/ AFINAL POR QUÉ TANTA GENTE TEM MEDO DE ESCREVER? / É DAQUI A POUCO//</p>			

APÊNDICE D – FALAS DOS PROFESSORES E ESPECIALISTAS SOBRE OS VÍDEOS AVALIADOS

PROFESSORES	ESPECIALISTAS
<p>A falta de lapela e equipamentos de iluminação comprometem parte da produção, a variação de aparelhos celulares também contribuem para uma queda de qualidade em alguns vídeos.</p>	<p>'Fiquei realmente impressionada com a criatividade dos vídeos. Mesmo com as limitações técnicas, os alunos conseguiram criar vídeos com conteúdo, envolvendo a comunidade escolar. Os alunos demonstram muito prazer em participar do projeto e o senso de 'pertencimento' se torna evidente. O maior problema dos vídeos é a captura do áudio, mesmo que nos mais graves, haja legendas. A sugestão é que eles possam investir em vídeos mais criativos, como por exemplo, paródias, clipes e melhor elaboração de texto em off. Parabéns mesmo a todos os envolvidos!'</p>
<p>Os vídeos contribuíram como formação pedagógica numa dinâmica lúdica. A escola não possui uma boa internet, os aparelhos celulares com algumas limitações, mas o esforço dos alunos como seus orientadores merece os parabéns pelo objetivo alcançado. Sugiro uma reunião de formação com os professores antes da implantação de projetos para que melhor sintonia entre partes envolvidas.</p>	<p>'Parabéns pela iniciativa de delegar aos alunos a tarefa de alimentar o canal. - De uma forma geral, todos os participantes demonstraram bom senso no enquadramento. Em alguns vídeos não houve o cuidado de pedir silêncio àqueles que não estavam participando da cena. Também ocorreram problemas com ruídos gerados pelo vento. A maioria dos realizadores não teve um cuidado em construir uma narrativa clara. As vinhetas, com raras exceções, estavam pouco criativas. Algumas foram repetidas em diferentes vídeos'</p>
<p>Acho que as condições técnicas atrapalhavam a participação dos alunos e teria atraído muito mais alunos. mas o que o que a gente tem não foi pouca boa.</p>	<p>Acho que em termos técnicos, precisa avançar na formação, para planos, movimento, luz, e principalmente edição. Mas eles já se portam bem na frente da câmera, já se acostumaram e isso é bom'</p>

APÊNDICE E – DEPOIMENTOS DOS ALUNOS - COMPETÊNCIAS IDENTITÁRIAS

Categoria	Referências	Depoimentos
Identitárias	32	<p>‘A parte que eu achei mais interessante do projeto foi que pode mostrar para os demais, com os vídeos do YouTube, mostrando a nossa vivência, mostrando a nossa realidade, mostrando que nós estamos aqui de forma gratificante, para que os outros que queiram vir pra aqui também eles venham sabendo do que acontece, como é a escola, a vivência da escola’</p> <p>‘E o jornal tem essa facilidade em aceitar. Queira ou não queira acho que do mesmo jeito que tocar no celular pra assistir é você tocar no jornal impresso ele é muito massa e você pegar essas matérias e ir pras comunidades com ela acaba que as pessoas veem o que você tá fazendo’</p> <p>‘Eu achei a necessidade de a gente levar essa identidade da escola pra fora porque [...]antes de vir pra escola, a gente pesquisou sobre a escola pra conhecer mais ou menos o que era a escola e a gente não achou nada sobre a escola na internet’</p> <p>‘Se alguém chegar lá no Youtube e pesquisar pela EFAL, vai achar. Se chegar no Facebook e pesquisar pela EFAL, vai achar. Então isso já foi um avanço muito grande’</p> <p>‘Antes, a escola Família Agrícola ninguém via comentar no Facebook, no Youtube’</p> <p>‘Não tinha nada sobre a escola’</p> <p>‘Você via assim falar sobre pessoas que ‘estudou’ aqui dentro. Alunos que já ‘saiu’ daqui chegavam na sua comunidade poderiam falar como a escola é, agora para a maioria das pessoas que vivemos aqui no Brasil e até em outros países mesmo, alguns que...que...pesquisam sobre o colégio externo como o nosso é...hoje vai saber falar sobre o colégio agrícola se é bom se é ruim, porque ai temos muitas coisas que postamos como vídeo’</p> <p>‘E ai tá mais bem fácil eles saberem que nós existimos né? O nosso colégio aqui existe e pode até atrair mais alunos pra cá como outras coisas mais como cursos e outras coisas que pode trazer aqui pra dentro pra escola.</p> <p>Eu sei que tinha uma necessidade muito grande da gente passar pra os demais um pouco do nosso dia a dia, do nosso cotidiano, porque assim que eu falei pra os meus pais que eu vinha para a escola, eles me contaram o lado negativo, que tinham ouvido</p> <p>‘Dai eu não pesquisei na internet, mas não sabia do lado positivo da escola’</p> <p>‘Eu acho que o que tem lá naqueles vídeos dá pra eles saber mais ou menos, por exemplo, porque tem pessoas que não se adaptam à escola, mas eles vendo, sabendo como é a escola já é diferente de você’</p>

		<p>chegar e se sentir surpresa de como é, de como as pessoas falam e de como realmente é a escola em si. Tanto o lado positivo quanto o lado negativo, porque todas as coisas tem seus lados bom e ruim'</p> <p>'A escola não era vista na forma como é vista hoje. Antes a escola não tinha o Projeto de Mídia. Eu mesmo antes de vir pra cá, pesquisei no YouTube, nada! Pesquisei no Google, nada! Pesquisei no Facebook e não encontrei nada. Só sabia que eram 15 dias em casa 15 dias na escola, mas como é isso?</p> <p>'É bom que o perfil da escola seja divulgado porque até quem não se enquadra no perfil dessa escola não fica aqui por obrigação'</p> <p>'Até pessoas que não gostam do cotidiano que a escola tem, do funcionamento, das atividades diárias não vem'</p> <p>'A escola é zelada pelos alunos que lavam até os banheiros. Tem pessoas que gostam disso e tem pessoas que não gostam disso. Então é importante o perfil da escola ser divulgado para que as pessoas conheçam a escola antes de chegar aqui e quebrar a cara, se decepcionar e a expectativa ir por água abaixo</p> <p>'Quando eu vim para cá eu não sabia que existia essa escola'</p> <p>'Depois que eu vim para cá comecei a contar pra minha tia como era o lugar aí depois começou a produzir os vídeos e eu pedi para eles pesquisarem para ver como era a escola'</p> <p>'A gente sabe que divulgação é uma coisa muito importante e quando a gente soube da escola ano passado, a gente não sabia como funcionava aqui'</p> <p>'Não sabia quase nada sobre a escola mas passando pelas postagens dos vídeos no canal, a gente pode até passar os vídeos para nossos amigos da comunidade e dizer onde a gente mora como é que funciona as coisas aqui na escola'</p> <p>'Eu faço parte de movimento social e ando em muitos lugares até lá no extremo do sertão sergipano. Eu vi pessoas falando que tinha visto os vídeos no canal que conhece a página agora'</p> <p>'No próprio WhatsApp a gente manda o link para um, manda o link para outros, e as pessoas vão lá no YouTube e a gente conhece acaba conhecendo e algumas pessoas viram alguns vídeos que acharam a escola bacana a escola legal'</p> <p>'Teve alunos da Escola Técnica como é a área que estava testando a diferença da área técnica de lá e daqui comparando a área das duas escolas, a questão física, as instalações'</p> <p>'Tem imagem, tem prova e não é só de boca, das pessoas falarem, agora as pessoas falam e nós temos como provar por causa dos vídeos e isso nos favoreceu muito'</p> <p>'O que nós criamos aqui, e quando formos dizer assim nós se formamos, outras turmas que ainda não se</p>
--	--	---

		<p>formaram e que podem chegar aqui, pode criar algo melhor do que o que nós criamos e ai nosso colégio vai crescendo cada vez mais'</p> <p>'Ele vai sendo um colégio bem mais falado pra todo mundo dizer assim: esse é um colégio e não carece de comentarem coisas que é sem ser'</p> <p>'Meus amigos, tanto na minha idade como os mais velhos que me consideram como filho ou como amigo seja o que for, eu 'amostro' sobre a escola, eu falo sobre a escola pra eles e no entanto, ele diz que a maioria ou cem por cento vai pensar e a opinião dele acho que é mais pra sim'</p> <p>'Quando eu 'tô' lá que posta um vídeo no Youtube, ele manda o link pra todo mundo e ali quando eu 'tô' sentado, já pego quem 'tá' sentado e já mostro: oi, a escola é assim viu...e os cara fica observando como é1</p> <p>'Fui pesquisar sobre ela e não tinha nem no Google nem no Youtube. Ao chegar aqui teve a produção de mídias. Meus amigos fizeram os vídeos e eu 'tô' repassando para os outros como já passei para o meu primo que está no primeiro ano agora por causa disso'</p> <p>'Às vezes a gente tenta procurar nossa identidade né?'</p> <p>'Esse Projeto de Mídias trouxe uma identidade pra mim, eu descobri o que realmente quero, o que realmente gosto, o que realmente sou'</p> <p>'Aqui não é uma escola comum, é uma escola diferente'</p> <p>'Nós deixamos coisas a desejar como a escola deixa coisas a desejar. Nós fazemos o que nós podemos. Tanto isso como a direção da escola e todas as pessoas que fazem ela funcionar'</p>
--	--	--

APÊNDICE F – PERGUNTAS GRUPO FOCAL

1- Como foi a experiência de cada um no projeto de Mídias?

- 2- **Alguém queria colocar algo diferente do que já tinha sido falado pelos três alunos?**
- 3- **Alguém gostaria de colocar mais alguma coisa em relação ao tópico sobre o projeto de Mídias e a experiência de cada um?**
- 4- **Dos caminhos que a gente fez do Jornal Impresso, do Rádio e do Youtube como foi essa experiência e como foram feitas as escolhas de vocês?**
- 5- *Vamos dar voz a outras pessoas que ainda não falaram?*
- 6- **Uma das propostas de vocês, e essa proposta foi de vocês para o projeto, não foi do projeto para vocês, foi a de mostrar uma identidade, mostrar a identidade da escola para comunidade e para os colegas. Por que vocês sentiram essa necessidade e se vocês acham que vocês conseguiram fazer isso**
- 7- **Vocês acham que hoje as pessoas sabem mais sobre a escola do que sabiam antes?**
- 8- **Vamos ouvir quem não falou ainda?**
- 9- **Vocês fariam tudo de novo?**
- 10- **Vocês se sentem uma comunidade?**

BDTD		
Busca	Termos	Resultado
1	Multiletramento AND "Rádio Web" AND Letramento AND Youtube AND TDIC AND "Ensino Profissionalizante" AND "Pedagogia da Alternância"	0
2	Multiletramento AND "Ensino Profissionalizante" AND "Pedagogia da Alternância"	0
3	"Rádio Web" AND Multiletramento AND "Ensino Profissionalizante"	0
4	"Rádio Web" AND Letramento AND "Ensino Profissionalizante"	0
5	"Rádio Web" AND Letramento AND "Pedagogia da Alternância"	0
6	Multiletramento AND Youtube AND "Ensino profissionalizante"	0
7	Multiletramento AND Youtube AND "Pedagogia da Alternância"	0
8	Multiletramento AND Youtube AND "Pedagogia da Alternância"	0
9	Letramento AND Youtube AND "Pedagogia da Alternância"	0
10	Multiletramento AND "Rádio Web"	0
11	Letramento AND "Rádio Web"	0
12	Multiletramento AND Youtube	5 (uma estava em inglês e a outra com link inválido)
13	Letramento AND Youtube	136 (13 de outras áreas ou fora das especificidades estabelecidas)
Scielo		
Busca	Termos	Resultado
1	Multiletramento AND "Rádio Web" AND Letramento AND Youtube AND TDIC AND "Ensino Profissionalizante" AND "Pedagogia da Alternância"	0
2	Multiletramento AND "Ensino Profissionalizante" AND "Pedagogia da Alternância"	0
3	"Rádio Web" AND Multiletramento AND "Ensino Profissionalizante"	0
4	"Rádio Web" AND Letramento AND "Ensino Profissionalizante"	0
5	"Rádio Web" AND Letramento AND "Pedagogia da Alternância"	0
6	Multiletramento AND Youtube AND "Ensino profissionalizante"	0
7	Multiletramento AND Youtube AND "Pedagogia da Alternância"	0
8	Multiletramento AND Youtube AND "Pedagogia da Alternância"	0
9	Letramento AND Youtube AND "Pedagogia da Alternância"	0
10	Multiletramento AND "Rádio Web"	0
11	Letramento AND "Rádio Web"	0

12	Multiletramento AND Youtube	0
13	Letramento AND Youtube	0
RCAAP		
Busca	Termos	Resultado
1	Multiletramento AND "Rádio Web" AND Letramento AND Youtube AND TDIC AND "Ensino Profissionalizante" AND "Pedagogia da Alternância"	0
2	Multiletramento AND "Ensino Profissionalizante" AND "Pedagogia da Alternância"	0
3	"Rádio Web" AND Multiletramento AND "Ensino Profissionalizante"	0
4	"Rádio Web" AND Letramento AND "Ensino Profissionalizante"	0
5	"Rádio Web" AND Letramento AND "Pedagogia da Alternância"	0
6	Multiletramento AND Youtube AND "Ensino profissionalizante"	0
7	Multiletramento AND Youtube AND "Pedagogia da Alternância"	0
8	Multiletramento AND Youtube AND "Pedagogia da Alternância"	0
9	Letramento AND Youtube AND "Pedagogia da Alternância"	0
10	Multiletramento AND "Rádio Web"	0
11	Letramento AND "Rádio Web"	0
12	Multiletramento AND Youtube	0
13	Letramento AND Youtube	0